



Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Adriana Clementino

Metodologia da Pesquisa Científica II

Semestre

6

Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Adriana Clementino

Metodologia da Pesquisa Científica II

Semestre

6

Brasília, DF



Rio de Janeiro

Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia



Permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito ao autor e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Presidência da República

Ministério da Educação

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Diretoria de Educação a Distância (DED)

Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Núcleo de Educação a Distância (NEAD)

Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)

Departamento de Biblioteconomia

Leitor

Verônica Maria de Araújo Pontes

Comissão Técnica

Célia Regina Simonetti Barbalho

Helen Beatriz Frota Rozados

Henriette Ferreira Gomes

Marta Lúcia Pomim Valentim

Comissão de Gerenciamento

Mariza Russo (in memoriam)

Ana Maria Ferreira de Carvalho

Maria José Veloso da Costa Santos

Nadir Ferreira Alves

Nysia Oliveira de Sá

Equipe de apoio

Eliana Taborda Garcia Santos

José Antonio Gameiro Salles

Maria Cristina Paiva

Miriam Ferreira Freire Dias

Rômulo Magnus de Melo

Solange de Souza Alves da Silva

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Cristine Costa Barreto

Desenvolvimento instrucional

Flavia Busnardo

Diagramação

Patrícia Seabra

Revisão de língua portuguesa

Beatriz Fontes

Projeto gráfico e capa

André Guimarães de Souza

Patrícia Seabra

Normalização

Dox Gestão da Informação

C625m Clementino, Adriana.

Metodologia da pesquisa científica II / Adriana Clementino ; [leitora]
Verônica Maria de Araújo Pontes. – Brasília, DF : CAPES : UAB ; Rio
de Janeiro, RJ : Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018.
114 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-85229-32-0 (brochura)

ISBN 978-85-85229-33-7 (e-book)

1. Métodos de pesquisa. I. Pontes, Verônica Maria de Araújo. II. Título.

CDD 025.1

CDU 002.6:658.8

Caro leitor,

A licença CC-BY-NC-AS, adotada pela UAB para os materiais didáticos do Projeto BibEaD, permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desses materiais para fins não comerciais, desde que lhes atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. No interesse da excelência dos materiais didáticos que compõem o Curso Nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância, foram empreendidos esforços de dezenas de autores de todas as regiões do Brasil, além de outros profissionais especialistas, a fim de minimizar inconsistências e possíveis incorreções. Nesse sentido, asseguramos que serão bem recebidas sugestões de ajustes, de correções e de atualizações, caso seja identificada a necessidade destes pelos usuários do material ora apresentado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O homem e suas descobertas	13
Figura 2 – Etapas do projeto de pesquisa	16
Figura 3 – Organização do TCC	17
Figura 4 – Que assunto escolher?.....	18
Figura 5 – Formulação de uma pergunta de pesquisa.....	19
Figura 6 – Definição do assunto específico	22
Figura 7 – Desenvolvimento da pesquisa	24
Figura 8 – Cena do vídeo “Projeto de pesquisa”	28
Figura 9 – A pergunta deve ser a solução para um problema de interesse da sociedade	29
Figura 10 – Problema de pesquisa.....	30
Figura 11 – Processo de transformação de problema prático em problema de pesquisa	31
Figura 12 – Procurando o problema	32
Figura 13 – Buscas diárias, o tempo todo	41
Figura 14 – Cena do vídeo	43
Figura 15 – <i>Paulo Freire</i>	47
Figura 16 – Onde buscar fontes de informação para a minha pesquisa?	48
Figura 17 – Dificuldade de escolher as fontes de informação corretas	50
Figura 18 – Bibliotecas continuam sendo ótimas fontes de pesquisa.....	52
Figura 19 – Cena do vídeo	53
Figura 20 – Atenção ao material obtido via internet.....	54
Figura 21 – Direito autoral: citações incorretas podem levar ao crime de plágio.....	59
Figura 22 – Apropriar-se de uma ideia é crime	62
Figura 23 – Cena do vídeo “Um conto sobre plágio”	67
Figura 24 – Norma ABNT	68
Figura 25 – Uma “comichão intelectual” em busca de respostas.....	77
Figura 26 – Comparação de tamanho entre Netuno e a Terra.....	80
Figura 27 – Fazemos planos o tempo todo.....	85
Figura 28 – Cena do vídeo	86
Figura 29 – Cena do vídeo	88
Figura 30 – Cena do vídeo	90
Figura 31 – Etapas do projeto de pesquisa	97
Figura 32 – Para onde vou agora?.....	98

Figura 33 – Escolher uma boa amostra é fundamental para o sucesso da pesquisa.....	100
Figura 34 – Qual a melhor forma de coletar os dados?.....	101
Figura 35 – Exemplo de escala tipo <i>Likert</i>	104
Figura 36 – Compreendendo melhor a percepção do entrevistado	105
Figura 37 – Há várias formas de observação em uma pesquisa	107
Figura 38 – Você vai precisar se organizar muito bem	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Problema prático e problema de pesquisa.....	32
Quadro 2 – Condição e custos	34
Quadro 3 – Coleções especiais das Bibliotecas Santa Mônica e Umuarama	45
Quadro 4 – Exemplo simplificado de cronograma para TCC	111

SUMÁRIO

1	UNIDADE 1: A DESCOBERTA DO TEMA E DO PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.1	OBJETIVO GERAL	11
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.3	PRÉ-REQUISITOS	11
1.4	INTRODUÇÃO	13
1.5	O QUE SERÁ PESQUISADO?	18
1.5.1	Descobrimo um interesse	19
1.5.2	Fazendo do interesse amplo algo mais específico	20
1.5.3	Atividade	20
1.5.4	Atividade	22
1.5.5	De um interesse específico a perguntas	23
1.5.6	Reflexões sobre a relevância da pergunta de pesquisa	26
1.5.7	Atividade	28
1.6	QUAL É O PROBLEMA DA PESQUISA?	29
1.6.1	Problemas práticos e problemas de pesquisa	31
1.6.2	Definindo um problema de pesquisa	32
1.6.3	A estrutura dos problemas	34
1.6.4	Atividade	35
1.7	CONCLUSÃO	36
	RESUMO	36
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	37
	REFERÊNCIAS	37
2	UNIDADE 2: POR QUE A PESQUISA É IMPORTANTE E PARA QUE É PRECISO UM REFERENCIAL TEÓRICO	39
2.1	OBJETIVO GERAL	39
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	39
2.3	INTRODUÇÃO	41
2.4	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA: POR QUE O ESTUDO É IMPORTANTE?	42
2.4.1	Atividade	46
2.5	REFERENCIAL TEÓRICO: QUEM PODE ME AJUDAR?	48
2.5.1	A busca	50
2.5.2	Coletando informações em bibliotecas	52
2.5.3	Cuidados na busca em bases de dados e sites na internet	54
2.6	OBTENDO INFORMAÇÕES COM PESSOAS	56
2.6.1	Atividade	58
2.7	AS QUESTÕES LEGAIS E NORMATIVAS DE UM TRABALHO ACADÊMICO	59
2.7.1	Questões legais: plágio e direito autoral	59
2.7.2	Categorizações de plágio	62

2.7.2.1	<i>Plágio direto, literal ou integral</i>	62
2.7.2.2	<i>Plágio indireto ou transliteral</i>	63
2.7.2.2.1	<i>Uso de paráfrase sem atribuição de crédito</i>	63
2.7.2.2.2	<i>Elaboração de mosaico</i>	63
2.7.2.2.3	<i>Uso inadequado de chavões</i>	64
2.7.2.3	<i>Plágio de fontes</i>	64
2.7.2.4	<i>Plágio consentido</i>	64
2.7.2.5	<i>Autoplágio</i>	65
2.7.2.6	<i>Informações da internet</i>	65
2.7.2.7	<i>Basear-se em trabalhos de colegas</i>	65
2.7.2.8	<i>Trabalho entregue pelo aluno, mas realizado por terceiro</i>	66
2.7.2.9	<i>Notas de salas de professores</i>	66
2.7.3	Questões normativas de um trabalho acadêmico	67
2.7.4	Atividade	68
2.8	CONCLUSÃO	70
	RESUMO	71
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	71
	REFERÊNCIAS	72
3	UNIDADE 3: ONDE SE VAI CHEGAR COM A PESQUISA	75
3.1	OBJETIVO GERAL	75
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	75
3.3	INTRODUÇÃO	77
3.4	HIPÓTESE OU PRESSUPOSTO?	78
3.4.1	Hipótese: suposição verdadeira ou falsa?	79
3.4.2	Atividade	82
3.4.3	Tipos de hipóteses	83
3.4.4	Atividade	84
3.5	OBJETIVOS: O QUE SERÁ ALCANÇADO COM A PESQUISA?	85
3.5.1	Atividade	91
3.6	CONCLUSÃO	92
	RESUMO	92
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	93
	REFERÊNCIAS	94
4	UNIDADE 4: COMO ORGANIZAR A PESQUISA?	95
4.1	OBJETIVO GERAL	95
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	95
4.3	INTRODUÇÃO	97
4.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: QUE CAMINHOS PERCORRER?	98
4.4.1	Universo de pesquisa: como defini-lo?	99
4.4.2	Sujeitos de pesquisa: é importante ter uma boa amostra	100
4.4.3	Instrumentos de coleta de dados	101
4.4.3.1	Questionários	102
4.4.3.2	Entrevistas	105

4.4.3.3	Observação	107
4.4.4	Atividade	109
4.5	CRONOGRAMA: COMO ADMINISTRAR O TEMPO	110
4.5.1	Atividade	112
4.6	CONCLUSÃO	113
	RESUMO	113
	REFERÊNCIAS	114

UNIDADE 1

A DESCOBERTA DO TEMA E DO PROBLEMA DE PESQUISA



1.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar o caminho a ser percorrido entre o interesse inicial e o tema da pesquisa, bem como demonstrar a importância de identificar o problema que a pesquisa pretende resolver.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) elaborar perguntas que lhe ajudem a descobrir o tema a ser pesquisado;
 - b) identificar o assunto específico de seu interesse para o desenvolvimento da pesquisa;
 - c) encontrar a pergunta de pesquisa ideal;
 - d) converter a pergunta de pesquisa em um problema de pesquisa.
- 

1.4 INTRODUÇÃO

Figura 1 – O homem e suas descobertas



Fonte: Pixabay (2015).¹

Ao longo dos tempos, a humanidade reuniu elementos (histórias, experiências, crenças, estudos, etc.) que contribuíram para a evolução do conhecimento científico. De modo geral, o progresso científico é resultado da atividade humana e estabelece com ela uma relação dialética na qual o homem compreende o que o cerca e, com base nisso, desenvolve novas descobertas. Essas novas descobertas promovem novas compreensões, que levam a outras novas descobertas e assim por diante, criando um processo cíclico de acomodação e inovação dos saberes. É assim que as coisas mudam e evoluem!

No que diz respeito ao profissional de Biblioteconomia, as últimas décadas foram palco de muitas mudanças sociais, econômicas e culturais, que geraram a necessidade de nova contextualização da área e da atuação desse profissional – você no futuro. Afinal, não se pode “esquecer que todo exercício profissional se dá em um tempo e em um lugar determinados, em estreita relação com projetos que podem fechar ou abrir os horizontes humanos.” (GUIMARÃES; RODRIGUES, 2003, p. 55-56).

Desse modo, para dar conta de uma nova realidade em um mundo globalizado, repleto de aparatos tecnológicos em constante aperfeiçoamento e com usuários cada dia mais exigentes, a área da Biblioteconomia (assim como tantas outras áreas do conhecimento) busca proporcionar uma formação que rompa com a concepção de um profissional meramente técnico a favor de um perfil de natureza interdisciplinar. Para tornar isso possível, assume o compromisso de formar por meio da educação pela pesquisa, pois acredita que:

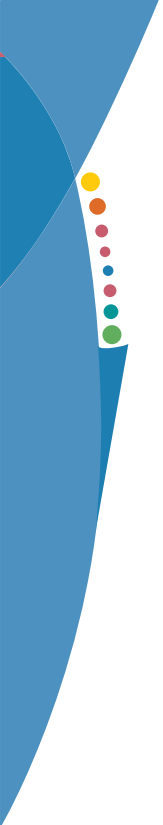
Todo o saber é contextualizado historicamente, assim como toda atividade profissional humana se dá em contexto social, portanto, a aquisição de conhecimentos deve ir para além da aplicação imediata e impulsionar o sujeito, em sua dimensão individual e social, a criar e a responder a desafios. (GUIMARÃES; RODRIGUES, 2003, p. 56).

Relação dialética

Segundo o *Dicionário Michaelis (on-line)*, dialética é: “1. a arte de discutir; 2. é argumentação dialogada e 3. é também a teoria hegeliana, segundo a qual no universo tudo é movimento e transformação, e as transformações das ideias determinam as transformações da matéria”. Assim pensando na frase do texto, a relação dialética está no fato de que sempre haverá um processo de retroalimentação entre a compreensão que o homem faz do ambiente que o cerca e as novas descobertas que advêm dessa compreensão.



¹ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/museu-ciencia-experiencias-870184>.



Para fazer isso acontecer e para que você realmente aprenda a criar e a responder desafios, este curso tem uma concepção educacional em que você, aluno, é o centro do processo de ensino-aprendizagem e adotou uma visão em que ensinar e aprender proporciona que a sua formação seja integral e adequada por meio da articulação entre o ensino e a pesquisa, tendo a investigação como eixo integrador dos conteúdos curriculares.

Partindo desse pressuposto, a disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica II, que iniciamos agora, está em total consonância com essa proposta, uma vez que tem como principal objetivo que você desenvolva competências e habilidades suficientes para, como estudante de Biblioteconomia, conseguir desenvolver pesquisas acadêmicas significativas para a área.

Para relacionar-se com o mundo no qual vivemos, o ser humano utiliza-se de diversos meios de conhecimentos, como o filosófico, o teológico, o empírico e o científico. Para lidar com alguns desses conhecimentos, como, por exemplo, o científico (foco da nossa disciplina), é preciso o domínio de um conjunto de regras e normas estabelecidas. Isso significa que é necessário conhecer a metodologia que se aplica aos trabalhos que buscam alcançar conhecimento científico, ou seja, a metodologia de pesquisa científica. Você já iniciou o processo de aquisição desse conhecimento na disciplina Metodologia da Pesquisa Científica I, e, agora, vamos dar continuidade aqui, nesta segunda parte da disciplina.

Sendo assim, que tal relembrarmos alguns conceitos? Isso será importante para a continuidade da leitura desta unidade!

Pois bem, para uma boa compreensão do que é metodologia de pesquisa, é imprescindível, antes, saber o que é pesquisa, certo?

Segundo Ander-Egg (1978), a pesquisa é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento. Para o autor, fazer pesquisa é um trabalho de produção de conhecimento sistemático, não meramente repetitivo, mas produtivo, que faz avançar a área de conhecimento à qual o pesquisador se dedica.

A pesquisa consiste na execução de um conjunto de ações e de estratégias planejadas, integradas e harmonizadas sequencialmente – para a geração de conhecimento original, de acordo com certas exigências e condições. Vejamos algumas dessas exigências:

- a) a existência de uma pergunta que se deseja responder;
- b) a elaboração de um conjunto de passos que permitam chegar à resposta;
- c) a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida.

Para lidar com essas exigências e a organização do trabalho científico, temos a metodologia de pesquisa. Etimologicamente, metodologia significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer pesquisa científica, os quais indicam como fazê-la de maneira eficiente. Nessa linha, temos a metodologia como a disciplina responsável pelo estudo sistemático e lógico dos princípios que dirigem a pesquisa científica, desde suposições básicas até técnicas de indagação.

Ao responder sobre o “como fazer”, após ter definido o que é importante pesquisar, o pesquisador busca conhecer a realidade, integrando trabalhos teóricos e trabalhos empíricos em diferentes áreas e escalas de

planejamento. A partir de então, é possível destacar vários elementos, tais como os instrumentos (métodos e técnicas), os objetos (materiais) e as referências teóricas. A integração balanceada desses elementos define a metodologia de pesquisa.

Desse modo, a metodologia será o processo de definição e uso dos instrumentos de montagem de uma teoria e o estudo dos arcabouços teóricos que atendam a certas necessidades. Mais do que uma descrição formal de técnicas e métodos a ser utilizada na pesquisa científica, a metodologia indica a opção que o pesquisador faz do quadro teórico e empírico para estudo de determinada situação de pesquisa.

Como já sabemos, todo trabalho científico deve seguir as regras de estruturação lógica e de organização metodológica próprias da metodologia de pesquisa. No entanto, apesar de possuírem a mesma estrutura, os trabalhos científicos diferenciam-se em função de seus objetivos, da natureza do objeto estudado, da profundidade com que o tema é pesquisado e das exigências específicas de cada área do saber humano. Essas diferenças estão diretamente relacionadas aos tipos de cursos superiores que, por sua vez, têm relação direta com o nível de aprofundamento exigido nas pesquisas. Um trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado ao fim de um curso superior, tem nível de profundidade diferente de uma dissertação apresentada como resultado de um mestrado, que, por sua vez, tem nível diferente de uma tese que é apresentada ao fim de um curso de doutorado.

Contudo, independentemente do nível em que a pesquisa está sendo desenvolvida, para se alcançar conhecimento científico, é necessário seguir uma determinada metodologia. E, para tal, é fundamental que haja planejamento e organização. Um meio de conseguirmos fazer um bom planejamento e obter a organização necessária para os estudos é com a elaboração de um bom projeto de pesquisa – este é o instrumento que guiará seus passos no desenvolvimento do trabalho que irá realizar.

O projeto de pesquisa é uma construção lógica que se baseia nas premissas da metodologia da pesquisa científica para o desenvolvimento de uma série de etapas (Figura 2). Em outras palavras, podemos dizer que, ao fazer um projeto de pesquisa, você está criando um plano que organiza o estudo científico a ser realizado.

Talvez você se pergunte: “Mas por que é preciso um plano para organizar o que eu quero fazer?” Bem, mesmo pesquisadores experientes, antes de começar o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa, podem não ter a ideia exata do que estão procurando e qual é o melhor caminho a percorrer. Sendo assim, eles não começam simplesmente a escrever; tal como carpinteiros competentes não vão logo serrando a madeira. Eles planejam cada etapa do trabalho e só depois iniciam a parte prática dele (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2000).

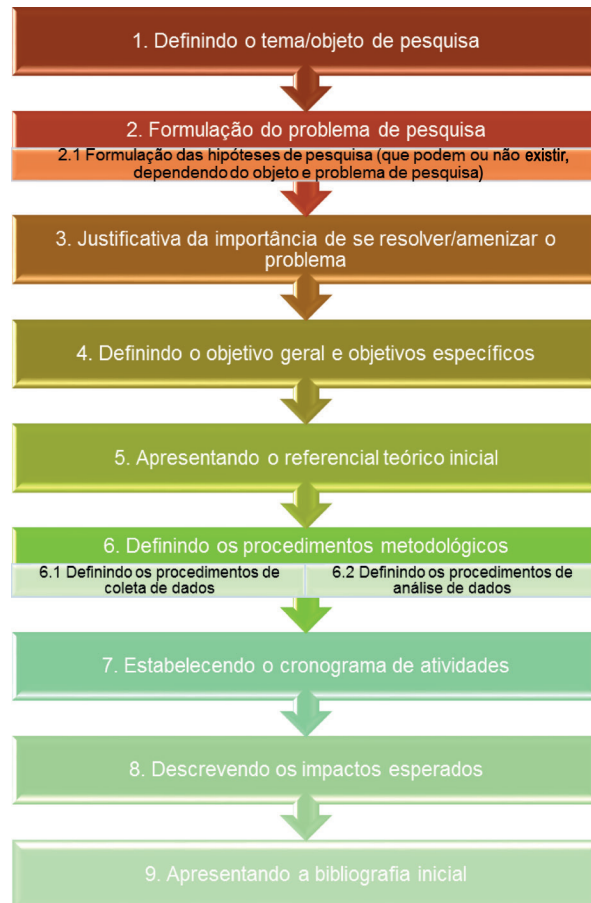
No nosso caso, o que é necessário fazer é seguir as etapas que fazem parte de um projeto de pesquisa, procurando desenvolver cada uma delas com o máximo de informação possível. Assim, teremos um bom plano, que, em geral, leva a uma boa pesquisa.

Apesar de não existir um modelo único de projeto de pesquisa, há um padrão já aceito e instituído, segundo o qual os projetos acadêmicos são orientados. Esse modelo tem etapas que devem ser seguidas, pois são fundamentais para a ordem lógica do raciocínio e para o melhor



desempenho no desenvolvimento da pesquisa. Veja, a seguir, na Figura 2, quais são essas etapas:

Figura 2 – Etapas do projeto de pesquisa



Fonte: Produção da autora (2017).

Parece complexo não é? Mas fique tranquilo, pois nós trabalharemos tudo isso, passo a passo, para que você compreenda bem essas etapas e faça um bom projeto. Como mencionado anteriormente, o projeto de pesquisa é um planejamento das fases e dos procedimentos do processo de investigação científica, contudo, após a elaboração do projeto, o próximo passo é a elaboração da monografia, ou seja, o TCC (trabalho de conclusão de curso), e este possui outra sequência de organização, conforme nos mostra a Figura 3, a seguir:

Figura 3 – Organização do TCC



Fonte: Produção da autora (2017).

Para que você aprenda a lidar com tudo isso, esta disciplina está dividida em quatro unidades, sendo que nesta primeira o nosso foco é trabalhar com a descoberta do tema e do problema da pesquisa. Na Unidade 2, veremos que é sempre importante justificar uma pesquisa pela identificação de suas contribuições para a área do conhecimento e para a sociedade. Em seguida, na Unidade 3, estudaremos como definir aonde se vai chegar com a pesquisa, ou seja, quais são os resultados esperados dela e, por fim, na Unidade 4, trataremos dos procedimentos metodológicos a serem adotados para o desenvolvimento do trabalho, assim como da elaboração do cronograma e da importância de se fazer citações corretamente.

Partindo agora para o foco desta unidade, eu pergunto: Você já sabe o que quer pesquisar no seu TCC? Ainda não? Então, vamos à descoberta!

1.5 O QUE SERÁ PESQUISADO?

Figura 4 – Que assunto escolher?



Fonte: Pixabay (2017).²

Assim como não existe um único modelo de projeto de pesquisa, também não há uma fórmula pronta para orientar todas as pesquisas. Afinal, historicamente, essa questão de ter um modelo único de pesquisa para todas as ciências deixou de acontecer desde a metade do século passado. Então, assim como vem sendo feito agora, no início, você terá de dedicar algum tempo pesquisando e lendo sobre o assunto que escolher, até descobrir onde está e para aonde vai.

A escolha do **assunto** não é tão simples como parece. Ele pode ser qualquer um, mas não deve ser escolhido ao acaso. É interessante que se parta de observações da vida profissional, situações pessoais, experiências já vividas, etc. E que o estudo desenvolvido a partir dele traga contribuições para a sociedade.

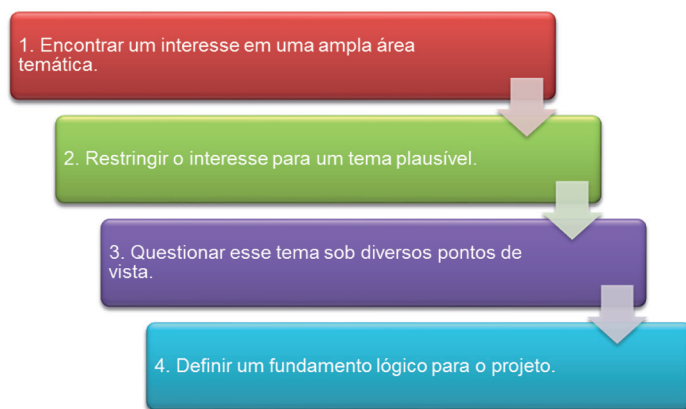
Contudo, escolher o assunto é só o primeiro passo. Por isso, não pense que depois de defini-lo você só precisará procurar informações sobre ele e relatar o que encontrou. Além de um assunto, você precisará encontrar a razão para dedicar seu tempo (semanas ou meses) pesquisando. Afinal, mais do que buscar informações para depois relatar, os pesquisadores usam as informações para responder à(s) **pergunta(s)** que o assunto os inspirou a fazer. É essa “comichão intelectual”, essa inquietação para encontrar a resposta que os leva à pesquisa (Booth; COLOMB; WILLIANS, 2000).

Então, uma vez escolhido o assunto e tendo uma pergunta sobre ele que instigue a pesquisa, o pesquisador deve ter como objetivo propor e resolver um **problema** relacionado ao assunto que seja de interesse também de outras pessoas.

Tudo parece ainda mais complexo do que estava? Calma! Para ajudar, nos próximos tópicos vamos trabalhar os passos que levam à formulação de uma pergunta de pesquisa, definidos pelos autores Booth, Colomb e Willians (2000). O processo é o seguinte (Figura 5):

² Disponível em: <https://pixabay.com/pt/inscreva-se-ártico-gronelândia-2686155>.

Figura 5 – Formulação de uma pergunta de pesquisa



Fonte: Produção da autora (2017).

Vamos, então, trabalhar em cada um dos passos desse processo. Sugerimos que você leia atentamente tudo o que está apresentado neste texto. Leia até mais de uma vez. Na primeira vez, você tomará conhecimento do assunto. Na segunda leitura, vá acompanhando e refletindo sobre o tema e o projeto de pesquisa que irá desenvolver na sua área. Esse segundo momento será muito útil, pois irá ajudá-lo mais rapidamente a definir o “seu tema”.

1.5.1 Descobrendo um interesse

Nesse primeiro passo do processo, sua missão é identificar a área temática em que a sua pesquisa será desenvolvida. No seu caso, isso está fácil, pois como o seu trabalho será de conclusão do curso superior que está em andamento, já sabemos, portanto, que a área temática da sua pesquisa é a área de Biblioteconomia.

Pois bem, definida a área, você deve agora identificar um tema dessa área que desperte o seu interesse. Um tema de que você goste muito e sobre o qual queira saber mais a respeito. Esse tema pode, por exemplo, vir de uma disciplina com a qual você se identificou.

Exemplo

Área temática: Biblioteconomia

Tema: Tecnologias de informação

Se você não tem nenhuma ideia sobre um possível tema para a sua pesquisa, uma dica é ir à biblioteca ou fazer uma busca na internet com o objetivo de descobrir as melhores fontes sobre a área temática. Busque por livros da área e corra os olhos pelos títulos até encontrar um que atraia o seu interesse e lhe desperte curiosidade. A partir desse título faça uma busca considerável sobre as fontes de informação desse tema. Se elas forem escassas, ou seja, se houver pouco material (livros, revistas, artigos, etc. – impressos ou na internet), o melhor é pensar em outro tema, pois sem boas fontes bibliográficas para a pesquisa, seu trabalho será muito mais difícil (Booth; COLOMB; WILLIANS, 2000).

Bom, até aqui, hipoteticamente (ao menos em pensamento!), você já definiu uma área temática dentro da qual irá trabalhar e já encontrou um tema do seu interesse. Pois bem, agora o que temos a fazer é tornar esse tema mais específico. O que isso significa? Vamos ao próximo tópico do texto para descobrir.

1.5.2 Fazendo do interesse amplo algo mais específico

Ao definirmos um tema, corremos o risco de ele ser muito amplo e, para o desenvolvimento de um trabalho científico, é necessário especificidade. Sendo assim, o tema escolhido precisa agora passar por um processo de delimitação, até chegar a um assunto mais restrito que seja viável de ser pesquisado.

Tomando como exemplo a grande área de Biblioteconomia, isolamos um de seus temas abrangentes, que é a subárea de “Análise documental”. Ao refletir sobre essa subárea isoladamente, vemos que ela, em si, também é uma área bem grande, com uma série de particularidades que podem ser exploradas como assuntos específicos de uma pesquisa. Devemos, portanto, ser mais precisos e especificar mais ainda, até encontrar o nosso tópico de pesquisa. Um tópico que seja de nosso interesse, mas que também seja útil e importante como contribuição ao estudo na área. Veja a seguir um exemplo de como fica a estrutura quando começamos a pensar de modo mais particular.

Exemplo

Área temática: Biblioteconomia

Tema: Tecnologias de informação

Assunto específico: Bibliotecas digitais

Humm... Melhorou, né? Mas ainda assim o assunto está bem amplo e um pouco indefinido, você não acha?

Em geral, a literatura sobre metodologia de pesquisa informa que um assunto específico definido em menos de quatro ou cinco palavras corre o risco de ser geral demais. Por exemplo, no assunto específico do exemplo dado, podemos facilmente levantar alguns questionamentos que podem ajudar a delimitar com maior precisão o que será pesquisado. Vamos fazer esse exercício?



1.5.3 Atividade

Atende ao objetivo a

Perguntas que ajudam a definir o assunto da pesquisa

Considere a seguinte situação: sua turma da faculdade está no momento de desenvolvimento do TCC e os trabalhos já estão em andamento. Você já tem o seu tema bem definido e sua pesquisa está caminhando a passos largos.

Certo dia, você encontra um dos seus colegas de turma do curso de Biblioteconomia e começa a conversar com ele sobre esse momento final na faculdade. Logo, surge o assunto TCC e você comenta um pouco sobre a sua pesquisa. Como consequência natural da conversa, você pergunta ao seu colega qual é o tema da pesquisa dele, e ele responde: “bibliotecas digitais”.

“Esse é um bom tema!”, você responde. Mas, logo em seguida, você não fica curioso(a) para saber sobre o que exatamente ele está pesquisando? Pense, então, que perguntas você faria ao seu colega para entender melhor a pesquisa que ele está desenvolvendo e as escreva abaixo (procure elaborar cerca de cinco questões):

Pergunta 1	
Pergunta 2	
Pergunta 3	
Pergunta 4	
Pergunta 5	

Resposta comentada

Certamente, não há uma resposta exata para esta atividade, pois você pode pensar em várias perguntas a serem feitas. No caso, veja a seguir algumas possibilidades de perguntas:

- a) O que exatamente você está pesquisando sobre as bibliotecas digitais?
- b) Quantas bibliotecas digitais você está pesquisando?
- c) Quais são elas?
- d) Por que pesquisar sobre esse tema lhe chamou a atenção?
- e) Para que servirão os resultados que você encontrar?

Todas essas perguntas (e algumas mais) ajudam na compreensão dos objetivos e metas do estudo que está sendo realizado. Além disso, ao fazer tais perguntas, você pode ajudar seu colega a delimitar melhor a pesquisa dele.

Após definir o assunto específico da sua pesquisa, faça perguntas do tipo: Para quê? Onde? Por quê? Com o quê? Para quê? Para quem?

Escreva as respostas e depois tente definir em poucas palavras o tema que irá estudar a partir desse momento. Este é um bom exercício de reflexão sobre o tema e irá lhe ajudar bastante a defini-lo com precisão.

Com isso, é possível perceber a necessidade de se especificar o que se quer estudar, o que exatamente se quer defender e/ou esclarecer. Caso contrário, seu trabalho desde o começo está fadado a inúmeros questionamentos dos avaliadores.

Outras perguntas que podem também lhe ajudar na definição do assunto específico são:



O assunto pode ser tratado em forma de pesquisa científica?

Trará contribuições para a sociedade atual e para a ciência?

Despertará interesse na área científica?

Tem coisas novas para oferecer? (Fachin, 2006, p. 104).

Veja, a seguir, alguns exemplos que podem ser bem elucidativos para lhe ajudar a compreender tudo isso. São todos exemplos da área da Biblioteconomia (Figura 6):

Figura 6 – Definição do assunto específico

Área do Conhecimento: Biblioteconomia
• Área Temática: Tecnologia de informação • Tema: Biblioteca digital • Título: Arquitetura de informação aplicada à constituição de bibliotecas digitais universitárias.
Área do Conhecimento: Biblioteconomia
• Área Temática: Organização da informação e do conhecimento • Tema: Análise Documentária • Título: Análise documental de obras de ficção: a indexação na perspectiva do percurso gerativo de sentido.
Área do Conhecimento: Biblioteconomia
• Área Temática: Recursos e serviços de informação • Tema: Produtos de informação • Título: A aquisição de informações na biblioteca pela internet: as principais ferramentas utilizadas pelos alunos universitários.

Fonte: Produção da autora (2017).

Segundo Booth, Colomb e Willians (2000), a definição de um assunto específico (que futuramente poderá se tornar o título do trabalho) torna mais fácil a identificação de problemas, lacunas e inconsistências, o que ajudará o pesquisador a transformar seu assunto específico em uma pergunta de pesquisa. E é esse o nosso próximo tópico de estudo, mas antes vamos a mais uma atividade, ok?!



1.5.4 Atividade

Atende ao objetivo b

Identificando o assunto específico da pesquisa

Tendo como base o que estudamos até aqui, escolha um tema de seu interesse dentro da área de Biblioteconomia e, a partir dele, defina um assunto específico que você gostaria de pesquisar.

Em seguida, faça perguntas como as que foram apresentadas no texto, ou seja, leia o assunto específico que definiu e se pergunte: Para que ele é importante/interessante? Onde pode ser usado? Por que é necessário um estudo sobre isso? Com o que ele irá contribuir? Para quem os resultados desse estudo farão diferença?

Escreva as respostas e depois procure definir em poucas palavras o tema que irá estudar a partir de então.

Como vimos no texto, outras perguntas que também podem ajudar são:

- a) O assunto pode ser tratado em forma de pesquisa científica?
- b) Trará contribuições para a sociedade atual e para a ciência?
- c) Despertará interesse na área científica?
- d) Tem coisas novas para oferecer?

Como resumo, responda: Qual é o assunto específico da sua pesquisa?

Resposta comentada

Se você já não tiver um tema e assunto específico pensado, sem dúvida você pode demorar um pouco para completar esta atividade. Sendo assim, reserve tempo para fazê-la, pois dela depende todo o desenvolvimento do seu trabalho de pesquisa.

1.5.5 De um interesse específico a perguntas

Com o assunto específico definido, o pesquisador começa a procurar fontes de informações sobre ele. Com a leitura e a seleção de trechos de livros e artigos diversos, é possível escrever textos que, por exemplo, resumam a história pesquisada, apontem diferenças e semelhanças com o que outros pesquisadores já escreveram, etc. Esses textos podem ser interessantes para trabalhos finais de disciplinas, mas não servem como TCC ou monografias (Booth; COLOMB; WILLIANS, 2000). A pesquisa científica exigida em trabalhos de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação exige grau maior de dificuldade e aprofundamento e muito estudo!

Para tornar mais claro o que queremos dizer, vejamos mais um exemplo (Figura 7):



Figura 7 – Desenvolvimento da pesquisa

Área do Conhecimento: Biblioteconomia

- **Assunto específico:** A biblioteca digital como instrumento de disseminação do conhecimento científico.
- **Fontes de informação:** Consultas em bancos e bases de dados da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação; em bibliotecas digitais de teses e dissertações da área; periódicos científicos de acesso aberto da área, etc.
- **Trabalho final:** Monografia discutindo as principais influências das bibliotecas digitais para a disseminação da informação científica, contribuindo para a construção de conhecimento em um determinado campo científico.

Fonte: Produção da autora (2017).

Talvez agora você se pergunte: Mas como fazer para chegar a um trabalho bem definido assim?

Calma! Desenvolvemos toda esta disciplina para lhe ajudar a superar brilhantemente esse desafio. E estamos apenas começando, junto com você, nesta jornada para o desenvolvimento de uma pesquisa que faça diferença.

Então, vamos ao trabalho!

Como vimos, ao definir o assunto específico da sua pesquisa, o próximo passo é procurar perguntas a responder. Como já dissemos neste texto, elas são cruciais, representam a “comichão intelectual” que instigará você à busca pelas respostas. Alguns dos nossos autores preferidos, pesquisadores respeitados internacionalmente, nos ensinaram que “o ponto de partida de uma boa pesquisa é sempre o que você não sabe ou entende, mas sente que deve conhecer ou entender melhor, mais profundamente” (Booth; COLOMB; WILLIANS, 2000, p. 51).

Continuando com o exemplo da pesquisa sobre a “biblioteca digital”, comece fazendo as perguntas mais habituais e óbvias:

A biblioteca digital poderia ser um instrumento para a disseminação do conhecimento científico? Ela pode ser um espaço de compartilhamento de conhecimento? Para isso é possível adotar mecanismos disponíveis em redes sociais?

Depois faça as perguntas-padrão: **O quê?, Quem?, Quando?, Onde?** e **Por quê?** e anote as suas respostas.

Uma sugestão é você organizar suas perguntas de acordo com as seguintes perspectivas elaboradas por Booth, Colomb e Willians (2000):

- a) **Identifique as partes e o todo, questionando seu assunto específico:**
 - De modo a analisá-lo em suas partes e avaliar as relações entre elas: no exemplo citado, o aluno deveria ter feito as seguintes perguntas “antes” de começar a pesquisa do tema: Como a biblioteca digital pode ser acessada? Como o usuário realiza a pesquisa? Quais são os recursos oferecidos pela biblioteca digital? Qualquer pessoa pode ter acesso? Como se cadastrar para acessar os conteúdos?

- De modo a identificá-lo como parte de um sistema maior: Como a biblioteca digital dissemina informações científicas? Quais são suas principais contribuições para a sociedade? O que pode ser feito para melhoria do acesso?

b) Rastreie a história e as mudanças questionando seu assunto específico:

- Trate o assunto escolhido como se ele tivesse história própria e que, portanto, muda ao longo do tempo. No exemplo, isso significa perguntar: Como o conhecimento pode ser disseminado por meio da biblioteca digital? Quais são os agentes facilitadores para a pesquisa no âmbito da biblioteca digital? Como as ferramentas de busca existentes podem ajudar na pesquisa pelas informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa de TCC?
- Identifique o fato como um episódio em uma história maior, ou seja, no exemplo, pergunte: Quais os principais fatores que influem no depósito e armazenamento de informações em bibliotecas digitais? O que pode ser criado para facilitar ainda mais o acesso da sociedade à informação? Quais são os principais embates políticos para que a informação não seja totalmente disponibilizada em acesso aberto (*open access*)?
- Questione o assunto para identificar características de semelhanças ou diferenças. Para tanto, faça perguntas como: Quais são as bibliotecas digitais mais acessíveis? Quais são as bibliotecas digitais mais procuradas pelos usuários? Qual a principal semelhança ou diferença entre as bibliotecas digitais e os espaços colaborativos de pesquisa? Qual é a principal diferença entre as bibliotecas digitais nacionais e as internacionais?
- Localize em uma categoria os tópicos semelhantes: Como a construção do conhecimento pode ser realizada nos espaços colaborativos? Quais são os principais saberes desenvolvidos para a socialização do conhecimento na promoção dos espaços colaborativos? Como a sociedade compreende os principais pressupostos de interligação e/ou integração da informação para o desenvolvimento do conhecimento?

c) Determine o valor questionando seu assunto específico:

- Quanto à sua utilidade: As bibliotecas digitais são úteis? Qual a sua principal função? Como as pessoas podem ser ajudadas com o acesso à biblioteca digital? Qual é o perfil dos usuários que acessam a biblioteca?
- Quanto à importância relativa de suas partes e características: Qual é a principal contribuição social da biblioteca digital? Como a informação está sendo divulgada? Como o usuário atualiza o recebimento das informações?

d) Revise e reorganize suas respostas:

- Ao terminar de elaborar as perguntas, agrupe-as de maneiras diferentes, de acordo com a sua área e o seu problema de pesquisa. Por exemplo, no caso da biblioteca digital, algumas perguntas se relacionam à sua utilização; outras se referem à sua acessibilidade; outras destacam as categorias de diferenças e



semelhanças; há as que abordam assuntos políticos e assim por diante.

Atenção!

Depois de ter elaborado as perguntas, leia com atenção tudo o que foi escrito. Perceba quais são as perguntas que mais chamam a sua atenção, que lhe provocam, que lhe despertam maior interesse e marque-as, destacando-as do restante.

Tendo feito tudo isso, você terá dado seu primeiro grande passo em um projeto. Terá identificado algo que não sabe, mas que quer saber. **É isso que o levará aos primeiros estágios da sua pesquisa.** Mas ainda não acabou, falta um tópico apenas para você ter certeza da importância da sua pergunta. Vamos a ele?

1.5.6 Reflexões sobre a relevância da pergunta de pesquisa

Esta última parte do processo deve ser destinada a fazer alguns questionamentos relevantes sobre a pergunta que você elaborou. Isto serve para validar se, realmente, a sua pergunta é boa e tem importância para a área. Veja alguns exemplos:

O que acontece se eu não souber quais as principais mudanças sociais e culturais ocasionadas pela acessibilidade à informação?

O que acontece se eu não souber como se dá a evolução da Ciência da Informação?

O que acontece se eu não souber quais são as principais ferramentas de qualidade para a gestão da informação?

O que acontece se eu não souber quais são os objetivos que devem ser alcançados para que a informação seja difundida em todos os espaços geográficos?

Apesar de embaraçosa, a pergunta “**O que acontece se eu não souber?**” deve ser respondida, porque é preciso saber até que ponto a pesquisa é realmente importante tanto para o pesquisador como para as demais pessoas. No entanto, ao invés de se fazer essa pergunta diretamente, você poderá chegar mais próximo da resposta se procurá-la nas seguintes etapas também sugeridas pelos autores Booth, Colomb e Williams (2000):

- a) **Passo 1 – especifique seu assunto:** no início do projeto, quando você ainda não está muito certo sobre seu assunto específico e só tem as primeiras ideias sobre algumas boas perguntas, tente descrever seu trabalho em uma frase como estas:

- Estou aprendendo sobre/trabalhando _____;
- Estou trabalhando em/estudando _____.

Exemplos:

- Estou estudando sobre a arquitetura de informação aplicada às bibliotecas digitais.

- Estou trabalhando na análise documental de obras de ficção.
- b) **Passo 2 – sugira uma pergunta:** acrescente à frase do Passo 1 uma pergunta que especifique algo sobre seu assunto, que você não saiba ou que não entenda perfeitamente, mas que deseje saber ou entender:
 - Estou estudando _____ porque quero descobrir quem/o que/quando/onde/se/por que/como _____.

Exemplos:

- Estou estudando sobre a arquitetura de informação aplicada às bibliotecas digitais porque quero descobrir a lógica por trás desses sistemas.
- Estou trabalhando na análise documental de obras de ficção porque quero saber se a indexação é feita na perspectiva do percurso gerativo de sentido.
- c) **Passo 3 – motive a pergunta:** acrescente à frase um elemento que explique por que está fazendo a pergunta e o que pretende obter com a resposta:
 - Estou estudando _____ porque quero descobrir o que acontece a fim de entender como/por que/se _____.

Exemplos:

- Estou estudando sobre a arquitetura de informação aplicada às bibliotecas digitais porque quero descobrir a lógica por trás desses sistemas, a fim de entender os sistemas de busca das obras.
- Estou trabalhando na análise documental de obras de ficção porque quero saber se a indexação é feita na perspectiva do percurso gerativo de sentido, a fim de entender se essa é a melhor opção.

Difícilmente você conseguirá passar por todas essas etapas no início do seu projeto. Isto é normal e, portanto, não se apavore se não encontrar todas as respostas na primeira vez que fizer o exercício. Na verdade, a maioria das pessoas só consegue passar por tudo isto quando já está com o trabalho bem encaminhado. Mas é interessante e desejável que você teste seu progresso de vez em quando, voltando a essas etapas e vendo o quanto avançou.

Lembre-se sempre que o seu objetivo final com a pesquisa é explicar:

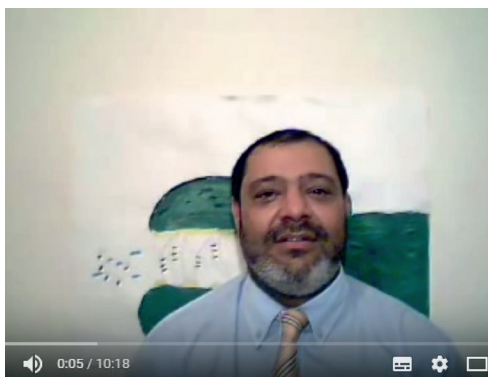
- a) **o que está escrevendo (este é o seu assunto específico);**
- b) **o que você não sabe sobre ele (esta é a sua pergunta);**
- c) **por que você quer saber sobre ele (este é o fundamento lógico do seu trabalho).**

Alcançando esses três objetivos, seu projeto, com certeza, irá além de simplesmente atender a uma exigência da instituição de ensino. Você terá definido um motivo para ele. Algo que será importante para você e para todos aqueles que o lerão.



Multimídia

Figura 8 – Cena do vídeo “Projeto de pesquisa”



Fonte: Youtube (2007).

Para que tudo o que estudamos até agora fique ainda mais claro para você, acesse o *link* https://www.youtube.com/watch?v=F6YBitHt9_Q&feature=related e assista a um vídeo do professor João Almeida Santos, no qual ele aborda as várias etapas de um projeto de pesquisa.



1.5.7 Atividade

Atende ao objetivo c

Encontrando uma pergunta de pesquisa

A partir do assunto específico definido na Atividade 2, proposta nesta unidade, questione o seu assunto específico de acordo com as seguintes condições:

- analise o assunto em suas partes e avalie as relações entre elas;
- identifique o assunto como componente de um sistema maior;
- rastreie as mudanças já ocorridas em relação ao mesmo assunto;
- trate o assunto como se ele tivesse história própria, que muda com o tempo;
- identifique semelhanças e/ou diferenças ou aspectos principais do assunto escolhido;

- f) reúna os tópicos semelhantes sobre o assunto em categoria distintas;
- g) questione o assunto escolhido:
 - quanto à sua utilidade;
 - quanto à importância de suas partes e/ou características.
- h) revise e reorganize suas respostas.

Como resumo desse processo, responda:

Qual é o assunto específico da sua pesquisa? (ele pode ter sofrido mudanças)	
Qual(is) a(s) pergunta(s) que você pretende pesquisar?	

Resposta comentada

Esta não é uma atividade objetiva que você conseguirá fazer rapidamente.

Como vimos no texto, há um processo que demanda tempo e dedicação para que essas questões sejam respondidas de modo definitivo. No entanto, é muito importante que você comece a pensar e escrever sobre isso, pois é só por meio das primeiras tentativas de encontrar um assunto específico que as perguntas surgirão e, com elas, novas delimitações do assunto específico, em uma relação dialética (lembre-se do conceito lido no início desta unidade) entre você e a sua pesquisa.

1.6 QUAL É O PROBLEMA DA PESQUISA?

Figura 9 – A pergunta deve ser a solução para um problema de interesse da sociedade



Fonte: Pixabay (2016).³

³ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/ponto-de-interrogacao-3d-fonte-1927457>.

Dando continuidade à nossa caminhada rumo a um projeto de pesquisa, vamos agora estudar sobre o problema da pesquisa – esta é a sequência natural do processo.

O problema da pesquisa está diretamente relacionado à(s) pergunta(s) que você elaborou na última etapa proposta. Como lido lá, a pesquisa deve ser importante não só para você, pesquisador, mas também para outras pessoas que se interessam pelo assunto. Portanto, a(s) resposta(s) dada(s) à(s) pergunta(s) deve(m) ser a solução para um **problema de pesquisa** que tenha importância para um grupo de pessoas.

Para Booth, Colomb e Willians (2000), o que qualifica um pesquisador de alto nível é a capacidade que ele tem de converter uma pergunta em um problema cuja solução seja importante para a comunidade científica.

Mas, afinal, o que é um problema para uma pesquisa científica?

Ao contrário do que normalmente acontece no nosso dia a dia, na pesquisa a palavra “problema” não tem conotação ruim. Na verdade, a pesquisa precisa de um “bom problema” para solucionar, caso contrário ela perde o sentido de ser realizada. Veja como um dos autores que trata de metodologia de pesquisa define “problema”:

O problema é um fato ou fenômeno que ainda não possui resposta ou explicações. Trata-se de uma questão ainda sem solução e que é objeto de discussão, em qualquer área de domínio do conhecimento. A sua solução, resposta ou explicação só será possível por meio da pesquisa ou da comprovação dos fatos, que, no caso da ciência, antecede a hipótese. O problema delimita a pesquisa e facilita a investigação. (Oliveira, 1997, p. 106-107).

De maneira resumida, podemos dizer que o problema de uma pesquisa é, assim como para a pergunta, a “comichão intelectual” que leva o pesquisador a buscar as respostas que proporão soluções para o(s) problema(s) identificados. É fácil confundir “pergunta de pesquisa” com “problema de pesquisa”, pois eles são muito próximos. No entanto, aí vai uma dica: para que não haja confusão, a pergunta é feita a partir daquilo que você não sabe ou não entende, mas sente que deve conhecer ou entender. E dessa curiosidade sobre algum assunto nasce um problema a ser solucionado. Ou seja, quando uma pergunta é feita, tem-se a intenção de que, ao encontrar uma resposta para ela, o problema que gerou a pergunta seja resolvido. Veja o seguinte exemplo (Figura 10):

Figura 10 – Problema de pesquisa

Área do Conhecimento: Biblioteconomia
• Tema: Tendências temáticas e metodológicas aplicadas no âmbito da Biblioteconomia • Assunto específico: As principais tendências temáticas e metodologias aplicadas no desenvolvimento do TCC nos cursos de Biblioteconomia • Pergunta de pesquisa: A produção acadêmica gerada no âmbito da graduação universitária deve seguir um processo metodológico?

Fonte: Produção da autora (2017).

Está confuso? Imagino que sim. Mas vamos continuar nosso caminho especificando um pouco mais o “problema” e diferenciando dois tipos de problemas: os práticos e os de pesquisa. A partir deles, novos exemplos serão propostos para que você entenda tudo isso direitinho.

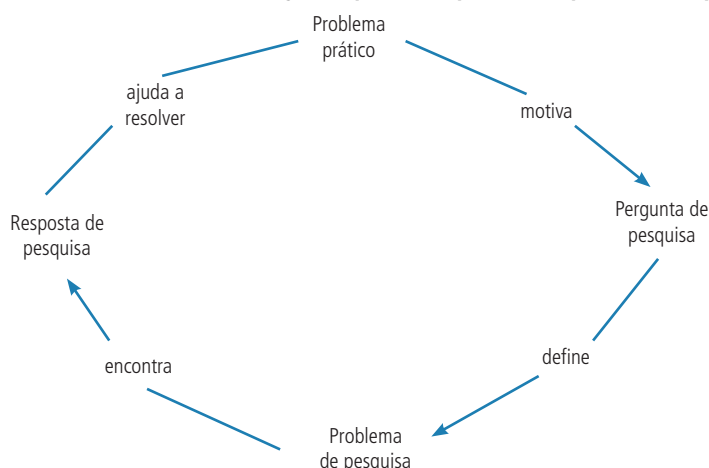
1.6.1 Problemas práticos e problemas de pesquisa

Se conversarmos com vários pesquisadores, será fácil perceber que muitas vezes as pesquisas não têm início pela seleção de um tema, mas sim pelo desconforto que um problema vivenciado causou, por não ter solução ou porque a solução apresentada não foi convincente. Quando tal situação acontece, normalmente fazemos uma pergunta cuja resposta supostamente irá ajudar a resolver o problema vivido. Nessa situação, o que estamos vivenciando é um problema prático (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2000).

Para a solução de tal problema dentro dos padrões científicos, ou seja, para encontrar a resposta à pergunta feita levando em consideração os procedimentos metodológicos característicos dos trabalhos científicos, é preciso propor e resolver outro tipo de problema... o de pesquisa.

Veja o esquema gráfico a seguir, na Figura 11, para entender melhor essa diferença entre problema prático e problema de pesquisa:

Figura 11 – Processo de transformação de problema prático em problema de pesquisa



Fonte: Adaptado de Booth, Colomb e Williams (2000, p. 65).

A princípio, a distinção entre problema prático e problema de pesquisa pode parecer muito sutil e relativamente simples. Mas vale lembrar que essa diferença é decisiva para o encaminhamento correto da pesquisa e que, portanto, merece bastante atenção.

Para ajudá-lo a distinguir as principais características de um tipo de problema do outro, veja o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Problema prático e problema de pesquisa

Problema prático	Problema de pesquisa
Tem origem na realidade	Tem origem na mente do pesquisador a partir de um conhecimento incompleto ou de uma compreensão falha
É resolvido mudando algo na realidade	Pode-se aplicar a solução de um problema de pesquisa à solução de um problema prático, mas não é mudando alguma coisa na realidade que se resolve o problema de pesquisa, e sim aprendendo mais sobre um assunto ou entendendo-o melhor.
	Pode-se propor um problema de pesquisa porque se precisa resolver um problema prático, mas não se resolve um problema prático apenas resolvendo-se um problema de pesquisa.

Fonte: Adaptado de Booth, Colomb e Willians (2000, p. 66-67).

Um exemplo que traz os dois tipos de problemas: *de pesquisa*, para descobrir o mecanismo, uma vez que os governos ainda terão de achar um modo de aplicar a solução ao problema *prático* da AIDS na sociedade.

O que queremos deixar claro para você aqui é que a palavra “problema” tem um significado especial no mundo da pesquisa. Pois, sem o enfoque da busca de solução de um problema de pesquisa bem definido, os pesquisadores tendem simplesmente a juntar um número cada vez maior de dados sobre o assunto sem saber quando parar (BOOTH; COLOMB; WILLIANS, 2000) porque não têm definida uma pergunta para responder e, portanto, um problema para solucionar. Como resultado, seus trabalhos apresentam um amontoado de dados que não respondem nada e nem solucionam problema algum.

Para ajudá-lo a não cometer esse erro no seu trabalho de pesquisa, o nosso próximo tópico trata sobre como identificar um problema de pesquisa. Vamos ver como é que se faz isso?

1.6.2 Definindo um problema de pesquisa

Figura 12 – Procurando o problema



Fonte: Pixabay (2017).⁴

⁴ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/mundo-terra-globo-terrestre-1964769>.

É relativamente comum começar um projeto de pesquisa sem estar totalmente certo sobre o problema dele. Às vezes temos uma ideia daquilo que buscamos, mas não estamos ainda 100% certos. No entanto, não faça disso uma desculpa para adiar as suas reflexões sobre seu trabalho, pois quanto antes você começar a pensar sobre tudo isso, mais cedo conseguirá definir seu problema, e isto, claro, é melhor para você e para a sua pesquisa, porque evitará desperdício de tempo e retrabalho.

Mas como definir um problema de pesquisa o quanto antes? Os autores Booth, Colomb e Willians (2000) dão algumas dicas de como fazer isso. Vamos vê-las:

- a) **Peça ajuda:** conversar com as pessoas é uma prática comum entre os pesquisadores, quando eles não têm certeza a respeito do problema. Então, se esse é o seu caso, bata um papo com professores, amigos, parentes ou qualquer outra pessoa que possa se interessar pelo seu tema e sua pergunta. Procure saber por que alguém precisaria responder à sua pergunta. O que fariam com a resposta? Que perguntas adicionais sua resposta poderia sugerir?

- b) **Procure problemas à medida que lê:** você sempre pode encontrar um problema de pesquisa quando lê atenta e criticamente. Para isso, durante a leitura, repare onde percebe que existem contradições, inconsistências, explicações incompletas. Veja em que ponto gostaria que as coisas fossem mais explícitas e que a leitura oferecesse mais informações. Quando pesquisadores experientes se deparam com situações incompletas, mal explicadas ou confusas, deduzem que a fonte esteja errada, e isso pode significar que encontraram um novo problema: um erro, uma discrepância ou uma inconsistência que poderiam corrigir com um trabalho de pesquisa

Se esse for o seu caso, claro, antes de qualquer coisa, releia a fonte (texto, artigo, livro, etc.) e tenha certeza de que a entendeu e de que realmente existe um problema ali. Por fim, leia com atenção as páginas finais de suas fontes. Cada vez mais é comum que trabalhos (principalmente artigos e livros) originados de trabalhos de pesquisa apresentem, nas últimas páginas, outras perguntas que precisam de respostas, ou seja, problemas à procura de solução)

- c) **Procure problemas no que você escreve:** se você já rascunhou alguma coisa sobre seu trabalho científico, releia-o criticamente. Em geral, nas últimas páginas é quando pensamos melhor, quando parece que tudo “clareia” e passa a ter sentido

Primeiramente, procure o ponto principal do seu trabalho, uma frase ou duas que representam sua afirmação mais importante. Em seguida, procure sinais de que essa afirmação revelou algo até então desconhecido, solucionou algum problema. Agora, faça uma pergunta complicada à qual essa afirmação responderia. Essa pergunta deve mostrar que, se não fosse a resposta dada pela sua pesquisa, a sociedade continuaria na ignorância sobre o assunto.

Ao fazer tudo isso, você terá definido a natureza do seu problema de pesquisa, ou seja, aquilo que você não sabe, mas quer saber. O próximo passo é perguntar: **O que acontece se eu não souber?** Encontrar a resposta não é fácil, mas se você conseguir é porque raciocinou bem da solução até a demonstração completa do problema que resolveu.

Bem, depois então de saber o que é um problema de pesquisa, ter conhecimento de que existem dois tipos de problemas – os práticos e os de

pesquisa – e ter algumas dicas para descobrir um problema de pesquisa, chegou a hora de tratarmos da estrutura comum dos problemas. Vamos ao próximo tópico do texto, então?

1.6.3 A estrutura dos problemas

Segundo Booth, Colomb e Willians (2000), tanto os problemas práticos como os problemas de pesquisa têm a mesma estrutura básica, constituída de dois elementos:

- a) uma determinada situação ou condição;
- b) consequências indesejáveis, entendidas como “custos que você não quer pagar”.

Então, quando você achar que encontrou um problema, veja se na situação é possível identificar e descrever essas duas partes, conforme o exemplo (Quadro 2):

Quadro 2 – Condição e custos

	Situação 1	Situação 2
Condição	Perdi o ônibus.	O buraco na camada de ozônio está aumentando.
Custos	Posso perder o emprego por chegar atrasado.	Muitas pessoas morrerão de câncer de pele.

Fonte: Produção da autora (2017).

Embora os dois exemplos tenham a mesma estrutura, os problemas práticos e os problemas de pesquisa apresentam diferenças em pontos importantes de cada um desses dois elementos. Veja a seguir quais são:

- a) **condições:** a condição de um problema prático pode ser qualquer uma, já a condição de um problema de pesquisa é sempre definida por uma série de conceitos. É sempre uma versão do “não saber” algo que o pesquisador acha que deve saber melhor. (BOOTH; COLOMB; WILLIANS, 2000);
- b) **custos:** essa segunda diferença pode ser um pouco mais difícil de detectar. É que as consequências de um problema de pesquisa podem não ter nada a ver com a realidade, em um primeiro momento. Os custos de um problema prático são normalmente palpáveis – dor, sofrimento, perda de dinheiro, oportunidades, etc. Já o principal custo de um problema de pesquisa é que ficamos sem saber ou entender alguma coisa que nem sempre é palpável e concreta. (BOOTH; COLOMB; WILLIANS, 2000).

O que o pesquisador tem de fazer para valorizar seu problema de pesquisa é mostrar que, sem encontrar a resposta para a sua pergunta, não é possível saber ou entender algo ainda mais importante, algo que seja consequência do assunto estudado ou que influencie outros assuntos. A resposta a essa pergunta apontará os custos e as consequências da falta de conhecimento no problema proposto.



1.6.4 Atividade

Atende ao objetivo d

Problema da pesquisa

Com o assunto específico definido e a(s) pergunta(s) de pesquisa elaborada(s), chegou o momento de definir o problema da sua pesquisa. Mas lembre-se do que já leu até aqui! É fácil confundir “pergunta de pesquisa” com “problema de pesquisa”, pois eles são muito próximos. No entanto, a **pergunta é feita a partir daquilo que você não sabe ou não entende, mas sente que deve conhecer ou entender**. Da curiosidade sobre algum assunto, nasce um problema a ser solucionado. Ou seja, ao encontrar a resposta à pergunta feita ao problema que gerou, este terá sido resolvido.

Sendo assim, como o problema nasce da pergunta de pesquisa, procure saber: Por que alguém precisaria responder à sua pergunta? O que fariam com uma resposta? Que perguntas adicionais sua resposta poderia sugerir? Depois disso tudo, pergunte: **“O que acontece se eu não souber?”** Se conseguir argumentos para responder esta última pergunta, então há grandes chances de você ter definido uma boa pergunta de pesquisa e, conseqüentemente, um bom problema.

Como resumo desse processo, escreva uma síntese evidenciando:

- Qual é o assunto específico da sua pesquisa? (Ele pode ter sofrido mudanças desde que o definiu na primeira atividade.)
- Quais as principais perguntas que você pretende pesquisar? (Novas perguntas podem ter surgido ou as anteriores terem sido modificadas com a continuidade dos estudos.)
- Qual é o problema da sua pesquisa?

Resposta comentada

Assim como as atividades anteriormente propostas nesta disciplina, esta também não é uma que você fará rapidamente. Aliás, para que você a faça, é preciso que tenha realizado as Atividades 2 e 3, caso contrário não dá nem para começar.

Reserve algumas horas para você voltar a este ponto e fazer essas atividades com calma e tempo. Só assim será possível chegar a um resultado bom para dar prosseguimento ao seu projeto de pesquisa, que só está começando!



1.7 CONCLUSÃO

O desenvolvimento de uma pesquisa é um processo longo e cheio de detalhes. Cada etapa deve ser muito bem pensada e questionada. Em especial, as etapas iniciais, pois é delas que depende todo o restante do estudo.

Deste modo, embora todo pesquisador anseie chegar ao resultado final, este só será representativo e trará contribuições à área do conhecimento e à sociedade se o início da pesquisa tiver sido bem pensado. Então, é de suma importância que o assunto específico seja definido a partir de uma “comichão intelectual”, ou seja, de algo que, de fato, lhe gere curiosidade e lhe motive a estudar o assunto. Partindo dele (o assunto específico), a(s) pergunta(s) da pesquisa e o consequente problema de pesquisa devem ser elaborados com calma e cuidado, de modo que as respostas a serem encontradas no decorrer do trabalho apresentem soluções significativas.

RESUMO

Chegamos ao fim desta primeira unidade da disciplina Metodologia da Pesquisa Científica II. Que tal relembrar resumidamente o que estudamos nela?

Vimos que, a partir dos conceitos da disciplina Metodologia da Pesquisa Científica I, esta unidade teve como foco lhe apresentar a estrutura necessária para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa e quais os primeiros passos para a elaboração dele.

Estudamos como definir o assunto a ser pesquisado, assim como foram dadas várias dicas para a formulação da(s) pergunta(s) de pesquisa, de modo a, por meio dela(s), chegar à identificação do problema – todos estes itens básicos e obrigatórios para o início de um trabalho científico.

Nesse processo, pudemos perceber que, a partir da definição precisa de um assunto, faz-se necessária a elaboração de uma pergunta instigante, que leve o pesquisador a buscar soluções para o problema da pesquisa. Tudo isso tem como objetivo principal alcançar, com a pesquisa, um resultado mensurável na sociedade, e não apenas a satisfação de uma curiosidade pessoal do pesquisador.

Para finalizar, podemos afirmar que toda pesquisa acadêmica formal visa ao aumento de conhecimento sobre um determinado assunto (tema) e à obtenção de novas contribuições relevantes à sociedade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

A esta altura, você já deve estar rascunhando qual é o assunto específico da sua pesquisa, as principais perguntas que você pretende pesquisar e, agora, como resultado da leitura desta unidade, qual é o seu problema de pesquisa, certo? Muito bem, esse é um bom começo! Mas, como você sabe, isso é realmente apenas o começo.

Na próxima unidade, teremos a continuidade da elaboração do projeto de pesquisa, estudando sobre a hipótese de uma pesquisa e os objetivos que o trabalho se propõe a alcançar. Espero você lá!

REFERÊNCIAS

ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a las técnicas de investigación social, para trabajadores sociales**. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

BOOTH, Wayne; COLOMB, C.; WILLIAMS, C. **A arte da pesquisa**. Tradução de Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2006.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. A dimensão pedagógica da pesquisa nos cursos de Biblioteconomia do Mercosul: reflexões sobre uma trajetória de harmonização curricular. **Cadernos BAD**, Lisboa, v. 1, p. 52-73, 2003.

MICHAELIS dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.



UNIDADE 2

POR QUE A PESQUISA É IMPORTANTE E PARA QUE É PRECISO UM REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 OBJETIVO GERAL

Explicar por que se deve justificar uma pesquisa e a importância do referencial teórico, bem como realizar a busca e seleção desse referencial, além de apresentar as questões legais e normativas de um trabalho acadêmico e a importância de o pesquisador fazer citações corretamente e fazer uso das normas da *Associação Brasileira de Normas Técnicas* (ABNT).

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) elaborar uma boa justificativa para o seu trabalho de pesquisa;
 - b) selecionar boas referências para a realização do estudo;
 - c) fazer citações corretamente, para não incorrer no crime de plágio.
-

2.3 INTRODUÇÃO

Figura 13 – Buscas diárias, o tempo todo



Fonte: Pixabay (2017).⁵

Você sabia que o nosso dia a dia é cheio de momentos de pesquisa e que fazemos isso todo o tempo, mas sem perceber? Pois é, todos somos pesquisadores natos!

De acordo com o pressuposto de que “pesquisar é simplesmente reunir informações necessárias para encontrar respostas para uma pergunta e assim chegar à solução de um problema” (BOOTH; COLOMB; WILLIANS, 2000, p. 7), podemos concluir que fazemos isso algumas vezes no decorrer de um dia, seja ele um dia de trabalho no mundo corporativo ou um dia acadêmico, concorda?

Está achando estranha essa afirmação de que fazemos pesquisa todos os dias? Então vejamos alguns exemplos de problemas e de pesquisas realizadas para solucioná-los (BOOTH; COLOMB; WILLIANS, 2000, p. 7-8):

Problema 1: O incentivo à leitura pode contribuir para transformar um usuário não leitor em um usuário leitor?

Pesquisa: Você acessa livros, artigos, monografias, dissertações, teses, etc. para verificar o que a literatura descreve sobre isso. Além disso, faz uma pesquisa junto a bibliotecários e usuários de bibliotecas para verificar se isso ocorre na prática.

Problema 2: O acesso aberto [*open access*] às publicações científicas é um recurso que pode propiciar a democratização do acesso à informação para a construção de conhecimento?

Pesquisa: Você acessa livros, artigos, monografias, dissertações, teses, etc. para verificar o que a literatura descreve sobre isso. Além disso, faz uma pesquisa junto a diferentes públicos usuários para verificar se isso ocorre na prática.

Problema 3: Você quer saber mais sobre *biblioterapia*, pois acredita que pode aplicar essa prática em hospital de sua comunidade.

Pesquisa: Você acessa livros, artigos, monografias, dissertações, teses, etc. para verificar o que a literatura descreve sobre isso. Além disso, faz uma pesquisa junto aos médicos, enfermeiros e pacientes de hospitais para verificar se essa prática é desenvolvida em um determinado hospital.

⁵ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/notebook-caneta-telefone-computador-2602886>.

Então? Agora está convencido(a) de que já faz pesquisa?

É claro que estamos lidando aqui com outro tipo de pesquisa que não é a científica, no entanto, mesmo assim, ainda é pesquisa. A diferença é que esse tipo de pesquisa cotidiana nós nem percebemos, pois é automático pensarmos em uma solução quando um problema desse tipo surge. Não precisamos registrá-la em um projeto ou relatório de pesquisa, ela simplesmente acontece (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2000).

Entretanto, quando precisamos buscar informações externas para resolver um problema, ou seja, informações que não dependem unicamente do nosso conhecimento, entramos em contato com pesquisas que foram realizadas e registradas e nas quais aprendemos a confiar. Sem isso, viveríamos acreditando apenas no que vemos e ouvimos e toda a história da humanidade seria descartada por não haver registros. Este é um dos principais motivos pelo qual devemos escrever um trabalho de pesquisa: deixar gravado o caminho percorrido que levou à solução de um problema identificado.

Uma vez registrada, essa pesquisa poderá servir de fonte de informação a novos estudos para diversas pessoas e, a partir disso, você se tornará parte do referencial teórico de novos trabalhos acadêmicos.

Bem, agora que você já sabe que é importante deixar registrado o caminho percorrido e o(s) resultado(s) encontrado(s) na sua pesquisa, vamos continuar nossos estudos sobre as próximas etapas do projeto de pesquisa: justificativa, busca e seleção das fontes de informações e referencial teórico. Vamos em frente!

2.4 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA: POR QUE O ESTUDO É IMPORTANTE?

De modo geral, todas as nossas ações precisam ser justificadas, concorda? Dificilmente fazemos algo sem ter um motivo que legitime a situação e sem termos que dar algumas explicações.

Do mesmo modo acontece no mundo da pesquisa. Uma vez definido um assunto específico, é preciso justificar por que o desenvolvimento do trabalho é importante, interessante e necessário.

A justificativa de um projeto de pesquisa faz parte da introdução do trabalho, juntamente com outros elementos. Nela você deverá explicar por que o seu estudo é importante, interessante e por que deve ser desenvolvido. Deverá destacar a relevância da pesquisa, se possível, identificando os diferenciais que ela tem em relação a outras que já foram realizadas sobre o mesmo assunto – por se tratar de um trabalho de conclusão de curso de ensino superior, provavelmente a sua pesquisa não

será inédita e, sendo assim, você terá de buscar os estudos já realizados sobre o “seu” assunto e lê-los para saber o que já foi discutido, pesquisado e as contribuições que eles apresentaram.

Não é necessário que a justificativa seja um texto longo, mas é importante que ele seja esclarecedor quanto aos motivos do estudo.



Multimídia

Conceito de justificativa

Figura 14 – Cena de vídeo



Fonte: Youtube (2010).

A fim de que você compreenda melhor o que é a justificativa de um trabalho de pesquisa, acesse o *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=78e2GNErSOc> e assista a um vídeo do canal “Conteúdos MTP”, no qual o professor Fábio Maimone explica essa etapa do processo.

Para ajudar na elaboração da justificativa do seu projeto de pesquisa, pense nessas perguntas a seguir. Na verdade, em algumas delas você já teve de pensar ao estudar a unidade anterior, então, retome-as e acrescente essas outras:

- Qual é a relevância do problema da minha pesquisa para a sociedade e para a área específica?
- Existem **outras pesquisas semelhantes** sobre o assunto escolhido? Se sim, como elas foram desenvolvidas e quais foram os seus resultados e contribuições?
- Quais serão as contribuições que a minha pesquisa dará para a solução do problema identificado?

Ao responder essas perguntas, você estará elaborando parte do texto da justificativa do seu projeto de pesquisa. Sendo assim, procure respondê-las com atenção e cuidado, pois isso lhe ajudará na escrita desse trecho do trabalho.

Semestre

6



Explicativo

O estado da arte

Como já comentado neste texto, tratando-se de um trabalho de conclusão de curso universitário, dificilmente a sua pesquisa será inédita e, portanto, será necessário pesquisar trabalhos semelhantes. O processo de fazer um levantamento para encontrar o que já foi pesquisado e publicado sobre o assunto e, assim, constituir um arcabouço teórico sobre ele é conhecido como “o estado da arte”.

A expressão “o estado da arte” é frequentemente usada para referir-se a tudo o que já foi documentado, pesquisado e registrado sobre determinado campo de estudo. Em outras palavras, ter conhecimento do estado da arte do seu assunto específico de pesquisa é saber o que já foi estudado, testado e comprovado sobre ele; que tipos de publicações existem; quem são os principais autores, etc.

Desse modo, quando você ouvir ou ler algo como “este é o estado da arte sobre o assunto X”, saiba que o que você está lendo ou ouvindo é um resumo do levantamento feito sobre o que vem acontecendo em determinada área do conhecimento.

No âmbito do projeto de pesquisa, essa parte é fundamental para explicar a importância do estudo a ser realizado, diante do que já existe sobre o assunto.

Para facilitar, veja a seguir um exemplo de uma justificativa de um projeto de pesquisa. Neste exemplo, o texto tem um bom tamanho, não é curto demais e nem muito longo, mas suficiente para que você compreenda como essa parte do trabalho deve ser elaborada.

MODELO DE JUSTIFICATIVA⁶

TEMA: Estantes deslizantes.

ASSUNTO ESPECÍFICO: Estantes deslizantes: Preservação do acervo, modernização e otimização do espaço físico destinado às coleções especiais das bibliotecas central Santa Mônica e Setorial Umuarama.

JUSTIFICATIVA: Considerando que a maioria das pesquisas no Brasil concentra-se nas universidades, onde são desenvolvidos estudos de relevância nas diversas áreas do conhecimento, o papel das bibliotecas universitárias brasileiras é de fundamental importância para manter, preservar e divulgar o conhecimento, reunido nas fontes primárias e secundárias da informação, permitindo a reconstituição da memória historiográfica e literária, independente do formato. O SISBI/UFU [Universidade Federal de Uberlândia] possui uma diversidade de coleções de interesse documental e histórico-cultural, concentrada nas bibliotecas Central Santa Mônica (Coleção de Multimeios, Coleção de Teses e Dissertações e Coleção de Periódicos) e Setorial Umuarama (Coleção de Periódicos), que oferece subsídios às “pesquisas”, resultando em publicações

⁶ Disponível em: <http://www.bibliotecas.ufu.br/sites/bibliotecas.ufu.br/files/Subprojeto%20SISBI-01-2013%20-%20Estantes%20Deslizantes%20-%20Enviado%20para%20PROPP.pdf>. Acesso em: jun./2016.

científicas nas mais diversas áreas do conhecimento, confirmando seu caráter multidisciplinar. O acervo de Coleções Especiais compreende a Coleção de Multimeios, que é composta por vários tipos de materiais, como cartazes e textos de teatro, gravações de som e vídeo, partituras, normas técnicas, catálogos de arte, Coleção de Teses e Dissertações e a expressiva Coleção de Periódicos (Quadro 3).

Quadro 3 – Coleções especiais das Bibliotecas Santa Mônica e Umuarama

Material bibliográfico	Títulos	Exemplares/ Fascículos
Periódicos	5.638	320.000
VHS	882	882
DVDs	911	1.081
Vinil	1.498	1.498
Fitas cassetes	1.032	1.032
CDs	551	556
Partituras	6.817	7.935
Textos de teatro	1.023	1.023
Normas técnicas	5.680	5.728
Catálogos	3.300	3.300
Cartazes	501	501
Teses e Dissertações	6.060	6.060
TOTAL	33.893	349.596

Fonte: SISBI (2012)

Fonte: SISBI (2012).

Mais relevante, porém, é considerar que este acervo faz parte de um patrimônio comum, mantido pela UFU, fazendo-se necessário a viabilização de mecanismos, instrumentos e mobiliários modernos. Assim, apresentamos como proposta a aquisição de “estantes deslizantes” para o acervo das Coleções Especiais (Biblioteca Santa Mônica) e Coleção de Periódicos (Bibliotecas Santa Mônica e Umuarama). O crescimento exponencial do número de cursos de pós-graduação oferecidos pela instituição, atualmente com 35 programas, reflete sobremaneira no aumento da demanda de aquisição/renovação de títulos periódicos científicos impressos, bem como no número de produção de teses e dissertações. O mobiliário sugerido permitirá a ampliação futura das Coleções de Periódicos e de Teses e Dissertações de modo a otimizar o espaço físico. À medida que a universidade cresce, o número de acervo aumenta consideravelmente, e a disponibilidade de espaço físico, como citado, torna-se um fator crítico, sendo assim necessário diminuir a área de estudo e/ou pesquisa para acomodar o material informacional.

Conforme levantamento da área física atual realizado pela equipe técnica da Diretoria de Infraestrutura da instituição, e projeto apresentado por uma empresa da área (Anexo), as estantes deslizantes proporcionarão um incremento de aproximadamente 240 m² nas áreas de estudo individuais na Biblioteca Central Santa Mônica e 135 m² na Biblioteca Setorial Biblioteca Umuarama, em relação às estantes convencionais. Esta otimização de espaço permitirá o redimensionamento da área e a inserção de aproximadamente 125 assentos individuais na Biblioteca Santa Mônica, representando 88% dos existentes; e 70 assentos, na Biblioteca Umuarama, representando 47% dos existentes, nas áreas de estudo/pesquisa destinada aos usuários.

Outro fator de relevância na elaboração deste subprojeto é a modernização e otimização do “ambiente biofísico e social” 3, para atender a demanda que vem ocorrendo nos últimos anos, em decorrência do atual programa governamental de expansão de vagas/cursos ofertados pelas IFES no país, bem como obedecer às exigências do MEC quanto à oferta de áreas reservadas para estudos: individuais e em grupo, nas bibliotecas universitárias.

Referência:

Souza, K. P. de. **SUB-PROJETO CT-INFRA 01/2013**. Rio de Janeiro: Faculdades Integradas de Jacarepaguá, 2009.

Semestre

6



2.4.1 Atividade

Atende ao objetivo a

Por que a minha pesquisa é importante?

Tendo como base o assunto específico que você já pensou em pesquisar, que tal retomarmos as perguntas que o texto apresentou para começar a esboçar a justificativa do seu trabalho de pesquisa? Então, vamos lá e faça as seguintes perguntas:

- a) Qual é a relevância do problema da minha pesquisa para a sociedade e para a área específica?
- b) Existem outras pesquisas semelhantes sobre o assunto escolhido? Se sim, como elas foram desenvolvidas e quais foram os seus resultados e contribuições?
- c) Quais serão as contribuições que a minha pesquisa dará para a solução do problema identificado?

Pense bastante e procure responder essas perguntas. Escreva abaixo todas as respostas encontradas:

a)

b)

c)

Resposta comentada

As respostas a essas perguntas, sem dúvida, dependem diretamente do assunto específico escolhido por você para pesquisar, sendo assim, não há resposta certa ou errada que possamos lhe

dar. Todavia, é muito importante que você compreenda a importância de fazer essas perguntas depois que tiver definido o assunto específico, pois as respostas encontradas (ou mesmo a falta de respostas!) lhe ajudarão no caminho das definições iniciais do trabalho, além, claro, de que uma vez respondidas as perguntas, a justificativa do trabalho estará muito bem encaminhada.

Pois bem, agora que você já conhece alguns pontos cruciais de um trabalho de pesquisa (tema e assunto específico, a(s) pergunta(s) sobre o que você quer pesquisar a respeito do assunto, o(s) problema(s) que serão solucionados com a(s) resposta(s) encontrada(s) e qual é a justificativa para que a sua pesquisa seja realizada), chegamos ao momento de saber como e onde encontrar as informações para a elaboração do referencial teórico do seu trabalho de pesquisa.

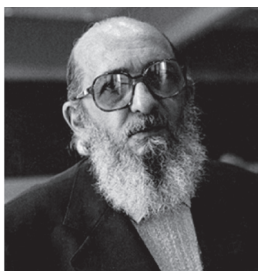
A busca e seleção das fontes de informação é também uma etapa muito importante para o desenvolvimento de uma pesquisa, pois é a partir desse processo que você identificará os estudos já realizados sobre o seu assunto, assim como os autores clássicos que escrevem e/ou escreveram sobre ele. A esse processo chamamos de “revisão bibliográfica” ou “revisão de literatura”.



Explicativo

Autores clássicos

Figura 15 – Paulo Freire



Fonte: Indisponível.

O educador *Paulo Freire* (Figura 15) é considerado um autor clássico.

Chamamos de autores clássicos aqueles que são as grandes referências teóricas sobre um determinado assunto. Tais autores são atemporais, ou seja, mesmo que não sejam contemporâneos e já estejam mortos e, portanto, tenham escrito seus livros há vários anos, décadas e, às vezes, séculos, ainda assim continuam sendo referências porque

descobriram ou elaboraram algo que foi muito marcante para a área de conhecimento em questão.

Vejamos exemplos de alguns autores clássicos de diferentes áreas:

- a) **Literatura:** *Luís de Camões, Machado de Assis, Clarice Lispector;*
- b) **Filosofia:** *Platão, Aristóteles, Friedrich Nietzsche;*
- c) **Física:** *Albert Einstein, Stephen Hawkins, Johannes Kepler;*
- d) **Economia:** *Karl Marx, Adam Smith, John Maynard Keynes;*
- e) **Educação:** *Paulo Freire, Antonio Nóvoa, Célestin Freinet.*

A partir das fontes de informações coletadas (ou a realização de uma revisão bibliográfica) é que se conhece o que já foi publicado em livros, artigos, revistas, monografias, teses, etc. sobre o assunto a ser pesquisado. E é disso que se deve partir com a pesquisa propriamente dita. Ou seja, conhecer o estado da arte sobre o assunto escolhido para pesquisar é o ponto de partida para se ter o referencial teórico de qualquer trabalho científico.

Então, para ajudar você a começar a traçar seu caminho nessa busca, vamos compreender o que, de fato, é o referencial teórico. Em seguida, exploraremos as opções sobre onde e como buscar e selecionar as fontes de informação que o compõem. Pronto para mais essa etapa? Então, vamos adiante!

2.5 REFERENCIAL TEÓRICO: QUEM PODE ME AJUDAR?

Figura 16 – Onde buscar fontes de informação para a minha pesquisa?



Fonte: Pixabay (2016).⁷

O referencial teórico de uma pesquisa também é conhecido como “fundamentação teórica”. Portanto, caso se depare com uma ou outra expressão, saiba que são sinônimas.

Talvez você já tenha ouvido essa expressão “referencial teórico”, pois ela é bastante comum no mundo das pesquisas e entre os pesquisadores; aqui mesmo, nós já a usamos. Mas se nunca a ouviu, então vamos estudá-la um pouco para que você se familiarize com mais essa expressão tão característica deste universo em que está entrando.

⁷ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/livro-livraria-educacao-sabe-1905891>.

Para formar o referencial teórico de um trabalho de pesquisa, é preciso um processo que demanda tempo e critério: é a busca e seleção de fontes de informações, que estudaremos mais detalhadamente ainda nesta unidade, nos próximos tópicos. Mas o que é isso? O que, de fato, significa criar um referencial teórico ou uma fundamentação teórica? Pois bem, vamos às explicações.

Essa parte do trabalho consiste em explicar os conceitos fundamentais que serão utilizados para que a análise dos dados seja feita, assim como as categorias e os pressupostos teóricos que servirão de base para todo o desenvolvimento da pesquisa. Em outras palavras, o referencial teórico deve apresentar e explicitar os componentes do método da pesquisa que você adotar (INÁCIO FILHO, 2007).

É importante esclarecer que os conceitos, as categorias e os pressupostos devem ter coesão para um não contradizer o outro e gerar confusão na pesquisa. Todavia, vale frisar que eles devem ser norteadores dos caminhos do estudo a ser realizado, e não elementos que engessem o trabalho, limitando-o e impedindo-lhe de seguir outros caminhos.

Pressupostos

Os pressupostos são afirmações que não necessitam de demonstração e/ou comprovação, por exemplo: "dois pontos determinam uma única linha reta". Contudo, a cultura, experiência e a ideologia do pesquisador têm grande influência nos pressupostos que ele usa no desenvolvimento da investigação (INÁCIO FILHO, 2007), conforme podemos ver a seguir:

Galileu, por exemplo, partiu da consideração de que a natureza é explicitada com raciocínios matemáticos. Seu pressuposto era o de que a natureza se comporta de forma regular. Isso era uma suposição, portanto não era objeto de investigação. Dado que já se sabe de antemão que todos os fenômenos da natureza se comportam de maneira regular, o problema que a ciência se põe é identificar em que consiste essa regularidade, como ela se manifesta. (INÁCIO FILHO, 2007, p. 79).



Conceitos

Segundo *Abbagnano*, conceito é [...]

[...] todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis. Assim entendendo, o termo tem significado generalíssimo e pode incluir toda espécie de sinal ou procedimento semântico, qualquer que seja o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou longínquo, universal ou individual etc. Pode-se ter um conceito de mesa como de número três, do homem como de Deus, de gênero como da espécie [...] Embora o conceito seja normalmente indicado por nome, ele não é o nome. (ABBAGNANO, [1998] *apud* INÁCIO FILHO, 2007, p. 75-76).

Como se pode perceber, o conceito de conceito é aberto e amplo, mas o fato é que, em um trabalho de pesquisa, mesmo os conceitos consagrados pelo uso (aqueles constantemente utilizados) devem ser explicados para evitar confusões de ponto de vista ou de entendimento equivocado. Desse modo, procure as referências teóricas/autores que lhe ajudem a explicar os conceitos que serão a base do seu trabalho.

Categorias

Segundo Inácio Filho (2000), as categorias são as leis fundamentais do pensamento que fornecem subsídios teóricos para que a investigação aconteça.

Para *Abbagnano*, categoria é [...]

[...] qualquer noção que sirva como regra para a investigação ou para sua expressão linguística em qualquer campo. Historicamente, o primeiro significado atribuído às categorias é realista, elas são consideradas determinações da realidade e, em segundo lugar, noções que servem para indagar e compreender a própria realidade. (ABBAGNANO, [1998] *apud* INÁCIO FILHO, 2007, p. 77).

É comum percebermos nos trabalhos de pesquisa que há confusão entre conceito e categoria, pois muitas vezes esses termos são usados como sinônimos, mas não o são. Então, vamos deixar claro para você a diferença entre um e outro.

De acordo com Inácio Filho (2007), a categoria é um conceito em destaque no contexto de uma determinada teoria. Vejamos alguns exemplos:

- a) o trabalho é uma categoria econômica;
- b) a fé é uma categoria religiosa;
- c) o átomo é uma categoria física.



A partir das buscas por fontes de informação realizadas nas bibliotecas e na internet, você terá uma lista significativa de leituras a fazer. Seja crítico e, com base nos critérios já mencionados no texto e outros que ainda serão apresentados, crie uma maneira de avaliar suas fontes para selecionar aquilo que realmente irá lhe ajudar a desenvolver o estudo. Com toda certeza, muitas das fontes encontradas serão descartadas após a leitura, e outras tantas poderão ainda ser incluídas na sua lista.

Pois bem, tudo aquilo que passar por esse crivo será a seleção final das fontes de informação, e isso formará o seu referencial teórico. Ou seja, os livros, artigos, textos, vídeos, imagens, etc. que você selecionou e que serão utilizados no seu estudo científico para explicar, justificar ou argumentar são as referências que darão sustentação teórica à sua pesquisa. São os autores escolhidos por você para lhe ajudar a responder a sua pergunta de pesquisa, bem como a encontrar a solução para o problema apresentado.

Vale ressaltar que esse referencial teórico, no entanto, deve servir como diretriz e orientação para reflexões, e não modelos prontos. Isso significa que o seu texto deve dialogar com os textos dos autores escolhidos, complementando as informações já trazidas por eles, e não simplesmente adotando-os como verdades únicas.

Muito bem, a esta altura, acreditamos que você já tenha compreendido o que é o referencial teórico e a sua importância para a realização da sua pesquisa, certo? Sendo assim, é provável que na sua cabeça esteja surgindo, então, a seguinte pergunta: “Por onde começo a buscar esse referencial teórico?” E a nossa resposta está nos próximos tópicos. Continue a leitura e saiba como fazer isso.

2.5.1 A busca

Figura 17 – Dificuldade de escolher as fontes de informação corretas



Fonte: Freepik (20--?).⁸

Nesse início de percurso, surgem perguntas como essas: Onde busco informações sobre o assunto escolhido? Quem já escreveu sobre ele? O que já foi pesquisado?

Esse momento de revisão bibliográfica, ou seja, de buscar e selecionar as fontes de informação que serão a base teórica do seu trabalho pode

⁸ Disponível em: <http://br.freepik.com/index.php?goto=74&idfoto=973769&term=doubt>.

ser estressante se você não tem nenhuma ideia sobre onde buscá-las. Uma dica é conversar com um professor que tenha afinidade com o tema da sua pesquisa. Ele poderá lhe ajudar indicando algumas fontes como livros, revistas científicas, *sites* confiáveis, etc.

Para a professora Pasquarelli (2006, p. 17), a “pesquisa em fonte de informação é o ato de buscar e de processar, de maneira racional, documentos, em qualquer suporte da informação, para a elaboração de uma atividade científica.”. O objetivo dessa busca é colocar você, pesquisador, em contato com aquilo que já foi publicado sobre seu assunto de pesquisa e, desse modo, fazer com que você conheça o estado da arte do seu tema. Assim, será possível, após uma leitura prévia e crítica de alguns materiais, selecionar os livros, *sites*, artigos, periódicos, etc. que lhe ajudarão a desenvolver a base teórica do seu estudo.

Um cuidado que se deve ter nesse processo é com relação à quantidade de fontes escolhidas. Quando não se estabelece critérios para a seleção é muito fácil, de repente, ver-se perdido no meio de um universo de livros, artigos, periódicos e não saber quais são os mais relevantes. Para evitar isso, avalie criticamente se as fontes selecionadas são pertinentes ao assunto e se realmente o ajudarão a chegar à solução do problema que você está se propondo resolver. É importante saber diferenciar os autores que você acha interessantes daqueles que, de fato, lhe ajudarão a resolver o seu problema.

Outra questão com a qual se deve ficar atento(a) nesse processo de seleção de fontes de informação é: Até onde retroceder no tempo? Ou seja, qual é o limite de anos que podemos retroceder para selecionar as referências?

Sem dúvida, essas são perguntas difíceis de responder, pois há inúmeros livros e artigos que, embora muito antigos, continuam sendo grandes referências em suas áreas de conhecimento, pois, como já explicamos, há os autores clássicos e, em geral, são atemporais. No entanto, isso é exceção! Apesar disso, é possível lançar mão de alguns critérios para resolver essa questão. Veja alguns deles propostos por Luna (2002):

- a) **frequência de pesquisas na área:** se a literatura da área pesquisada for abundante e apresentar novas publicações constantemente, talvez os livros e artigos publicados nos últimos quatro ou cinco anos sejam suficientes para compor o referencial teórico;
- b) **disponibilidade de artigos de revisão frequentes na área:** é relativamente comum que editores de grandes periódicos (em especial os norte-americanos), a cada cinco anos, mais ou menos, encomendem artigos de revisão a especialistas da área. Desse modo, sempre novas revisões de determinadas áreas são publicadas, evitando, assim, o retrocesso a publicações mais antigas. Do mesmo modo, teses de doutorado e livros, às vezes, são publicados em partes (como livros ou artigos) com revisões das áreas a que dizem respeito.

Tendo essa questão resolvida, voltemos à busca... Como você já deve ter percebido pelos exemplos dados até agora (livros, artigos, *sites*), as fontes de informações podem ser encontradas na forma textual impressa ou em meio digital. Mas há ainda um terceiro tipo de fonte de informação, que é a verbal. Ela acontece por meio de relatos feitos oralmente por pessoas especialistas no assunto.



Essas três maneiras são válidas e aceitas em trabalhos científicos. No entanto, a busca por informações, seja em bibliotecas, pela internet ou por meio de relatos não é tão simples de ser trabalhada uma vez que não é qualquer livro, *site* ou pessoa que pode ajudar no processo. É preciso, portanto, que o pesquisador saiba como lidar com cada uma dessas fontes de informações para otimizar seu trabalho de busca e assim obter o máximo possível de resultados para a pesquisa em desenvolvimento.

Vamos ver como se faz isso? Então, vamos começar com a busca de informações nas bibliotecas.

2.5.2 Coletando informações em bibliotecas

Figura 18 – Bibliotecas continuam sendo ótimas fontes de pesquisa



Fonte: Freepik (20--?).⁹

Até há alguns anos, a biblioteca era um dos lugares mais tradicionais para a busca de fontes de informações. Isso mudou muito com o advento da internet, mas como vários dos materiais (principalmente livros) necessários a uma pesquisa ainda estão na mídia impressa, as bibliotecas das universidades continuam sendo excelentes lugares de pesquisa de informações. Mesmo as pesquisas de campo ou as realizadas em laboratórios acabam utilizando as bibliotecas na busca por textos, documentos, etc. que ajudem os pesquisadores nas questões teóricas do trabalho.

Conheça alguns recursos que as bibliotecas oferecem e que nem sempre aproveitamos por não saber que eles existem:

- a) **Indicações de bibliotecários(as):** normalmente, os/as bibliotecários(as) estão ansiosos por ajudar, então não seja tímido e pergunte! Afinal, esta é a sua área! Mas, para poupar o seu tempo e também o/a dele(as), faça perguntas pertinentes. Os autores Booth, Colomb e Willians (2000) dão a seguinte dica: antes de ter o problema da pesquisa definido, suas perguntas podem ser gerais, como por exemplo: **“Quais são os livros que tratam sobre o marketing?”**. No entanto, à medida que for definindo a pergunta e o problema da pesquisa, tente fazer perguntas que ajudem o/a bibliotecário(a) a entender o que você precisa saber exatamente, como por exemplo: **“Onde posso encontrar informações sobre**

⁹ Disponível em: <http://br.freepik.com/index.php?goto=74&idfoto=1191678&term=estante%20livros>.

a importância da aplicação do marketing em serviços e produtos de informação?”.

- b) **Enciclopédias e dicionários gerais:** esse tipo de obra dará uma visão geral do assunto, principalmente conceitual.
- c) **Enciclopédias e dicionários especializados:** no final do verbete é possível encontrar uma lista de fontes do assunto. Não as ignore, pois elas podem lhe fornecer informações importantes e, portanto, fazer parte da sua busca;
- d) **Catálogos ou anuários bibliográficos das editoras:** impressos, em CD ou nos *sites* das editoras, eles podem ser úteis para encontrar livros da área da sua pesquisa e, a partir disso, você realizar a busca em uma biblioteca ou sebo.
- e) **Bibliografias especializadas, resumos de artigos, livros, dissertações e teses, revistas e jornais científicos:** procure alguma bibliografia especializada sobre o seu assunto, ou relacionada a ele, escrita no último ano. Além de obter informações úteis na própria fonte, essa é uma boa maneira de você ter uma lista atualizada de outras fontes de informações. Vá às páginas finais, nas referências bibliográficas, e selecione tudo aquilo que pode ser interessante para a sua pesquisa.

Sebo

Sebos são lojas de livros usados. É bastante comum encontrar esse tipo de loja nos centros das cidades e, em geral, eles têm livros, revistas, CDs, DVDs, etc. de diversas áreas. Mas é também cada vez mais comum encontrarmos sebos virtuais. Quando uma pessoa não quer mais seus livros, eles podem ser vendidos ao sebo. Este, por sua vez, o vende a outros consumidores por um preço muito mais acessível do que as livrarias vendem os livros novos.



Multimídia

Estante Virtual

Figura 19 – Cena do vídeo



Fonte: Youtube (2010).

Você já ouviu falar da *Estante Virtual* (www.estantevirtual.com.br)? Criado em 2005, trata-se de um portal que reúne o maior acervo de sebos e livreiros do Brasil, com mais de 16 milhões de livros (novos, seminovos, usados, raros, esgotados). Saiba mais sobre o empreendimento assistindo à entrevista do seu idealizador, o carioca André Garcia, nos *links* a seguir:

- a) <https://www.youtube.com/watch?v=3d0Yt4fvPgW> (Parte 1);
- b) <https://www.youtube.com/watch?v=EVaDn15d0Ti> (Parte 2).

Semestre

6

Além desses recursos, muitas bibliotecas possuem acervos de material audiovisual com CDs, DVDs, vídeos, filmes, etc., bem como acervo de material visual com desenhos, pinturas, gravuras, mapas, esboços, documentos cartográficos, etc. No entanto, materiais audiovisuais e visuais, infelizmente, na maioria das vezes são ignorados pelos pesquisadores. Entretanto, se na biblioteca da sua universidade (ou de alguma outra que você possa frequentar) há esses setores, vá até lá e conheça o material disponível. Quem sabe você não encontra algo que irá enriquecer seu estudo e fazer a diferença no trabalho!

2.5.3 Cuidados na busca em bases de dados e sites na internet

Figura 20 – Atenção ao material obtido via internet



Fonte: Pixabay (2014).¹⁰

A internet é uma mídia revolucionária por si só. Em todas as áreas do conhecimento, ela provocou mudanças paradigmáticas pelas facilidades e inovações na comunicação, no acesso a informações, notícias, publicação de conteúdos multimidiáticos, etc.

Para a realização de pesquisas científicas, a contribuição dessa mídia foi enorme. A partir dela foi possível o acesso a acervos de bibliotecas, museus, centros de pesquisa e afins que antes só poderia acontecer por meio de visita presencial a esses lugares.

É bastante comum ouvirmos a frase “na internet é possível encontrar tudo sobre tudo o que se quer”. É verdade, realmente encontramos praticamente tudo. No entanto, deve-se ser muito criterioso com o material obtido, pois pela facilidade e liberdade em publicar na *web* há muito material de baixa qualidade e que não vem de fontes confiáveis. Enquanto para publicar um livro é preciso passar por uma série de processos de avaliação (do conteúdo, do editor, do mercado), para publicar algo na internet basta ter acesso a ela e ter domínio em nível básico de alguns conhecimentos técnicos. Como consequência, grande parte do que é publicado na rede não é confiável como fonte de informação para uma pesquisa científica, então fique atento!

¹⁰ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/google-www-pesquisa-on-line-485611>.

O que se deve fazer para evitar o uso de fontes não confiáveis é conhecer as fontes seguras de busca de informações existentes na internet, e ter muita paciência e tempo para “garimpar” aquilo que pode ser interessante para a sua pesquisa.

Quando a busca é feita por buscadores como o *Google*, os resultados são bastante diversificados, pois ele nos apresenta *sites*, trabalhos de referência (dicionários, enciclopédias, atlas, etc.), textos e artigos eletrônicos (livros, trabalhos apresentados em congressos, jornais acadêmicos e populares), documentos, relatórios, imagens, etc., tudo junto, em uma mesma pesquisa. Nesse caso, é preciso analisar muito bem as fontes, estabelecendo-se critérios de avaliação como estes propostos por Mattar (2005):

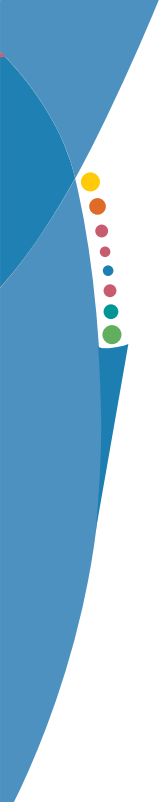
- a) Quem se responsabiliza pelo conteúdo ou publica a informação?
- b) Qual é a reputação da instituição que fez a publicação?
- c) Quem é o autor? Qual é a sua formação e relação com o assunto publicado?
- d) Qual é a data de publicação? (Para saber se é atual.)

A partir das respostas encontradas para essas perguntas, você terá condições de avaliar a informação e saber se deve ou não utilizar o material encontrado.

Outro modo de buscar fontes de informações na internet para a sua pesquisa é por meio de fontes seguras como bancos e bases de dados especializados. Vários deles são de acesso livre e contêm muita informação fidedigna advinda de pesquisas. Veja a seguir alguns exemplos:

- a) **Dedalus** (<http://www.usp.br/sibi>): é o banco de dados da *Universidade de São Paulo* (USP) e integra o acervo de todas as bibliotecas da universidade. Nele você encontra informações sobre livros, coleções de revistas e produção acadêmica gerada na própria USP. Vale ressaltar que os conteúdos dos livros e revistas não estão disponíveis para acesso via internet, mas as dissertações e teses, sim. Desse modo, é possível baixar o arquivo completo desses trabalhos.
- b) **Scientific Eletronic Library Online (SciELO)** (<http://www.scielo.org>): é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. Essa biblioteca permite acesso aos textos completos dos artigos e é uma das mais bem conceituadas no nosso país.
- c) **Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** (<http://www.periodicos.capes.gov.br>): oferece acesso a textos completos de inúmeras revistas nacionais e internacionais de todas as áreas do conhecimento. Em geral, o acesso a esse portal é feito apenas de dentro da faculdade/universidade, por meio de um *login* e de uma senha de autorização;
- d) **Google Acadêmico** (<http://www.scholar.google.com.br>): é um *site* de busca específico para a pesquisa acadêmica, que ajuda a localizar referências bibliográficas e documentos científicos. Não é um banco ou base de dados, mas por meio dele é possível localizar muitos materiais que possam contribuir para o desenvolvimento do seu trabalho.





Outros dois endereços que valem a pena ser visitados são o da *Biblioteca Digital Mundial* (<http://www.wdl.org/pt/>), formada por várias bibliotecas do mundo todo, e o da *Biblioteca Brasileira USP* (<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/>), que permite acesso a uma extraordinária coleção de livros, folhetos, periódicos, manuscritos, mapas e imagens sobre a história e a cultura do Brasil, reunida pela USP.

Enfim, como vimos, a pesquisa pela internet pode ser uma boa maneira de buscar fontes de informações para os trabalhos científicos. Mas devemos ser cuidadosos e criteriosos com os materiais encontrados. Esse é o grande segredo para uma boa utilização da rede mundial.

Outra fonte de informações para pesquisa são as pessoas. Vamos ao próximo tópico para ver como isso é feito?

2.6 OBTENDO INFORMAÇÕES COM PESSOAS

Boa parte dos projetos de pesquisa pode ser desenvolvido a partir apenas das fontes de informações obtidas nas bibliotecas e/ou na internet – são as pesquisas puramente teóricas e que dependem exclusivamente da pesquisa bibliográfica e/ou documental para atingir seus objetivos. Mas você também pode precisar de informações que só pessoas com conhecimento e experiência no assunto podem dar, ou ainda, de informações advindas de respostas dadas a questionários e/ou entrevistas.

Na verdade, fazemos uso desse recurso desde o momento inicial do projeto. Afinal, as conversas com professores e outros profissionais para ajudar a pensar na pergunta de pesquisa, por exemplo, já são informações obtidas por meio das pessoas. Em outras palavras, podemos afirmar que especialistas no assunto da pesquisa também são fontes de informações.

Diferentemente dos livros, *sites*, artigos, etc., em que os conteúdos estão prontos e dificilmente você poderá interagir com o autor, nas conversas com especialistas a qualidade do auxílio que você recebe depende diretamente da qualidade das perguntas que são feitas. Então, se este for o seu caso, pense bem e planeje a sua conversa para conseguir explicar o que está fazendo ou pensando, pois assim será mais fácil eles lhe ajudarem. No entanto, não espere que tenham todas as respostas. Talvez seja preciso você procurar outras pessoas além destas que selecionou previamente (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2000).

Outro modo de ter acesso a especialistas no assunto da pesquisa e poder consultá-los como fontes de informações é por meio das “listas” existentes na internet. Essas listas são grupos de discussão que existem sobre quase todas as áreas de interesse. O público é diverso: vai daqueles realmente especialistas aos que estão começando a estudar/entender o assunto.

Faça uma busca na *web*. Procure saber quais listas existem sobre o seu assunto e filie-se a, pelo menos, uma. É bastante comum pesquisadores iniciantes recém-chegados pedirem referências bibliográficas sobre o tema do seu estudo. Os participantes da lista, em geral, são bem receptivos e sempre dão boas dicas. Então, não seja tímido e faça uso desse recurso também.

Além da consulta aos especialistas, é possível também que você precise consultar outras pessoas que possam acrescentar informações importantes à sua pesquisa. Isso pode acontecer, por exemplo, quando o trabalho científico tem como objetivo apresentar como um grupo de professores reage a um curso de capacitação para lidar com tecnologias. Nesse caso, ouvir o que alguns dos alunos-professores têm a contar e comentar é imprescindível para o estudo.

Se esse for o seu caso, ou seja, se na sua pesquisa for necessário fazer entrevistas com “pessoas chave”, lembre-se: é fundamental que você se prepare para o encontro, ou seja, não chegue com as perguntas apenas “na sua cabeça”. Planeje, faça um roteiro das perguntas, mostre-as a algum professor e peça ajuda até que consiga chegar a um bom roteiro para a(s) entrevista(s).

No momento da entrevista, leve um caderno ou bloco de anotações e um gravador de áudio e, antes de iniciar, peça autorização ao entrevistado para gravar. Se ele consentir, será ótimo, pois ter a oportunidade de ouvir novamente à(s) entrevista(s) facilita muito o trabalho do pesquisador. Mas, caso não seja autorizado, não insista e tenha consciência de que gravar sem autorização é crime. Então, respeite a vontade da pessoa e anote o máximo que você puder.

Para escolher as pessoas certas para entrevistar, siga os conselhos de Luna (2002). Para esse autor, estudar um fenômeno por meio de relatos verbais implica selecionar indivíduos que:

- a) detenham a informação;
- b) sejam capazes de traduzir as informações verbalmente e
- c) disponham-se a fazer isso para o pesquisador.

Então, antes de sair por aí fazendo perguntas para um monte de gente, além de rever as dicas dadas aqui, avalie se a pessoa que você quer entrevistar realmente detém informações interessantes para a sua pesquisa e planeje uma boa entrevista.

Se ao invés de fazer uma entrevista você decidir enviar um questionário para algumas pessoas responderem, algumas das dicas mencionadas para a entrevista valem também para essa situação. São elas:

- a) prepare o questionário com cautela focando nas informações que são relevantes para o andamento da sua pesquisa;
- b) planeje, faça um roteiro das perguntas, mostre-as a algum professor e peça ajuda até chegar a um bom questionário;
- c) escolha bem para quem você irá enviar o questionário: elas devem ser pessoas que, de fato, possam contribuir para que o seu problema de pesquisa seja resolvido. Nesse momento, não confunda amizade e pesquisa, pois, mesmo que você tenha amigos que trabalham na área pesquisada, isso não é suficiente para que eles possam lhe ajudar.





2.6.1 Atividade

Atende ao objetivo b

Selecionando as primeiras fontes de informação da pesquisa

Com base na leitura dos últimos tópicos estudados e também no assunto específico que você já definiu, realize pesquisas em bases de dados especializadas, portais especializados como o *Scielo*, o *Portal de Periódicos da CAPES*, bibliotecas digitais de teses e dissertações, biblioteca local e na internet, com o intuito de obter livros, artigos de periódicos e outros materiais para o desenvolvimento do seu trabalho. Crie, abaixo, uma lista das fontes de informações que você encontrou para a sua pesquisa.

Para começar, coloque, ao menos, cinco referências:

1.

2.

3.

4.

5.

Resposta comentada

Assim como as demais atividades propostas, esta também não tem resposta certa ou errada, pois as suas referências irão depender da escolha do seu assunto específico. Contudo, é importante desde já você iniciar esse processo de conhecer o estado da arte¹¹ do assunto escolhido para a sua pesquisa e, para tanto, este é o primeiro passo: iniciar as buscas. Outra coisa importante é alimentar essa lista fazendo novas pesquisas e incluindo novas referências. Mantenha-a sempre atualizada conforme for fazendo as leituras dos livros e textos selecionados, e descartando ou acrescentando novas fontes.

¹¹ Conforme estudamos na Unidade 1, o estado da arte é o levantamento bibliográfico feito sobre o que vem acontecendo em determinada área do conhecimento.

2.7 AS QUESTÕES LEGAIS E NORMATIVAS DE UM TRABALHO ACADÊMICO

Chegamos à etapa final desta unidade! Este é o último item a ser estudado, contudo, talvez seja um dos mais importantes, já que visa apresentar as questões legais e normativas de trabalhos acadêmicos e a importância de se fazer uso das normas da ABNT para escrever corretamente as citações (diretas e indiretas) feitas no trabalho de TCC.

Tendo passado por tudo o que conversamos até aqui, certamente agora você está apto a elaborar seu projeto de pesquisa, realizar seus estudos e, por fim, escrever seu trabalho de conclusão de curso. Mas para fazer tudo isso e fechar “com chave de ouro”, ainda falta esta última parte. Sem ela, o seu trabalho poderá ter problemas, caso venha, por exemplo, a cometer crime de plágio sem mesmo saber disso ou, ainda, caso não faça uso correto das normas da ABNT. Para que tal não aconteça, leia com atenção os tópicos a seguir. Vamos em frente?

2.7.1 Questões legais: plágio e direito autoral

Figura 21 – Direito autoral: citações incorretas podem levar ao crime de plágio



Fonte: Pixabay (2016).¹²

Um dos maiores problemas de trabalhos acadêmicos, em especial de pesquisadores iniciantes, é a violação dos direitos autorais dos autores lidos para realizar a pesquisa, quando não são citados corretamente. Grande parte das vezes, sabemos que isso acontece por desconhecimento do assunto total ou parcial por parte dos alunos. Todavia, o problema é que incorrer nesse tipo de erro leva ao crime de plágio, então, como quere-

¹² Disponível em: <https://pixabay.com/pt/martelo-tribunal-justica-livro-1707705>.

mos que o seu trabalho seja exímio e não tenha questões desse tipo, leia as próximas páginas com bastante atenção e recorra a esta leitura sempre que surgir alguma dúvida sobre o assunto.

Para começar, é importante que você conheça bem dois conceitos presentes nesta discussão: um deles é plágio e o outro é direito autoral. Então, vamos a eles.

De início, cabe esclarecer que o plágio não é um problema exclusivamente do ambiente acadêmico. Existe plágio de músicas (tanto de letras como de melodias), de obras de arte, de poemas, de roteiros de filmes e vídeos, etc. Desse modo, o que queremos é que você compreenda que o plágio é um crime contra os direitos autorais, ou seja, ele acontece quando uma pessoa ou grupo se apropria e se diz autor e dono de algo que foi criado por outro(s). No entanto, o nosso interesse está no plágio acadêmico e, portanto, este será o foco deste texto.

De acordo com Nery et al. (2010?, on-line):

O plágio acadêmico se configura quando um aluno retira, seja de livros ou da Internet, ideias, conceitos ou frases de outro autor (que as formulou e as publicou), sem lhe dar o devido crédito, sem citá-lo como fonte de pesquisa. Trata-se de uma violação dos direitos autorais de outrem. Isso tem implicações cíveis e penais.

Isso significa que, quando você ler os autores selecionados como referencial teórico do seu trabalho (assunto já estudado nesta disciplina), os trechos ou ideias considerados importantes de serem mencionados no seu texto devem ser devidamente referenciados, ou seja, o autor que você leu deve ser citado no seu texto.

Protegido por várias leis, o autor que se sentir lesado pelo plágio pode entrar na justiça contra o autor que fez uso indevido da obra. Isso pode ser feito por ação indenizatória, ou seja, quem cometeu o crime terá de pagar um determinado valor de multa ao autor que se sentiu lesado. No entanto, esta não é a única penalidade para o caso de plágio. As penas em casos assim podem variar de multas em dinheiro até a prisão no período de até cinco anos (NERY et. al., 2010?).

Afinal, como menciona a advogada Leite (2014, on-line):

O plágio é classificado como crime de falsidade ideológica a que se aplica uma pena de reclusão de um a cinco anos, e, multa, se for documento público, e será de um a três anos, se for de documento particular.

Para entender melhor tudo isso, veja a seguir algumas das leis brasileiras que tratam do assunto.

A *Constituição Federal*, no art. 5º, XXVII, assegura que “aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar.” (BRASIL, 1988, art. 5).

O art. 524 do *Código Civil*, por sua vez, informa que “a lei assegura ao proprietário o direito de usar, gozar e dispor de seus bens, e de reavê-los

Apropriar

De acordo com o *Dicionário Michaelis (on-line)*, no contexto trabalhado na disciplina, o termo *apropriar* significa: tomar para si; apoderar(-se), apossar(-se).

Exemplos: essa gente não era de confiança; apropriava o que encontrasse; o bom homem não apropriava para si o que era dos outros; era incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança.

do poder de quem quer que, injustamente, os possua.” (BRASIL, 1916, art. 524).

E é no *Código Penal* que o crime contra o direito autoral é tratado. Previsto nos artigos 7, 22, 24, 33, 101 a 110 e 184 a 186 (direitos do autor formulados pela Lei 9.610/1998) e 299 (falsidade ideológica), temos:

Art. 7 define as obras intelectuais que são protegidas por lei: considerando como obras intelectuais “as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro”.

Art. 22 a 24 regem os direitos morais e patrimoniais da obra criada, como pertencentes ao seu Autor.

Art. 33 diz que ninguém pode reproduzir a obra intelectual de um Autor, sem a permissão deste.

Art. 101 a 110 tratam das sanções cíveis aplicáveis em casos de violação dos direitos autorais, sem exclusão das possíveis sanções penais.

Art. 184 configura como crime de plágio o uso indevido da propriedade intelectual de outro.

Art. 299 define o plágio como crime de falsidade ideológica, em documentos particulares ou públicos. (NERY *et al.*, 2010?, *on-line*).

Desse modo, é fundamental aos alunos que chegam à etapa de elaboração do trabalho de conclusão de curso, que consigam deixar claro na sua redação o que estão usando (trechos literais ou ideias) dos autores lidos para a realização do trabalho, e o que eles mesmos estão propondo como autores do estudo.

As opções para que o plágio não aconteça são as citações, diretas ou indiretas. Conforme você já estudou em outra disciplina do curso, mas não custa nada lembrar, as citações diretas são usadas quando se quer reproduzir (copiar de alguma leitura realizada) uma parte de texto exatamente como o autor escreveu. Nesse caso, os trechos de textos reproduzidos devem ser indicados pelo acréscimo de aspas no início e no fim do trecho – isto para citações curtas, ou seja, que contenham até quatro linhas. No caso de a citação ser maior do que isso (citação longa), o trecho deverá ser colocado em um parágrafo separado do texto principal e com recuo, conforme determinam as normas da ABNT.

Fizemos uma rápida revisão da citação direta, mas ainda há o recurso da citação indireta, também chamada de paráfrase. Esse tipo de citação é feita quando você quer reproduzir a ideia de um autor lido, mas irá fazer uma reformulação no seu texto, reescrevendo o texto do autor lido com as suas próprias palavras.

Mas cuidado: saber identificar citação direta e citação indireta ainda não é suficiente, pois afinal, onde entrou a referência ao autor? Então, além desses cuidados mencionados, não se esqueça de inserir a fonte bibliográfica, ou seja, o sobrenome do autor, o ano da obra e o número da(s) página(s) (esta última apenas para os casos de citação direta) do trecho citado, pois é a referência que identifica a fonte/autoria de uma citação e é fazendo-a corretamente que você se livra de cometer o crime de plágio e respeita o direito autoral de quem escreveu o texto original.



Como você pôde perceber, a coisa é séria e, portanto, é preciso tomar cuidado. Mas há ainda outro ponto importante de ser abordado para que você tenha muita clareza sobre o assunto: não existe apenas um tipo de plágio. Para entender melhor, siga adiante e estude o próximo tópico.

2.7.2 Categorizações de plágio

Figura 22 – Apropriar-se de uma ideia é crime



Fonte: Freepik (20--?).¹³

Segundo Leite (2014, *on-line*), “engana-se quem acredita que só faz plágio quem copia palavra por palavra de uma obra sem citar a fonte bibliográfica de onde retirou.” Alguns dos autores lidos e pesquisados para a elaboração desta disciplina mencionam que há, pelo menos, três tipos de plágio; já outros afirmam que existe mais do que isso. Por isso, resolvemos trazer todos os tipos de plágios encontrados na literatura sobre o assunto, para você não ter dúvidas, ok? Então, vamos a eles.

2.7.2.1 Plágio direto, literal ou integral

Antes da explicação sobre este tipo de plágio, é preciso esclarecer que os três nomes apresentados no título deste tópico referem-se ao mesmo tipo de plágio. Já que, na literatura da área, há essa multiplicidade de termos para a mesma situação, resolvemos apresentá-los no título para que você saiba que, apesar dos diferentes nomes, trata-se, na verdade, da mesma coisa.

Agora sim, indo à explicação: o plágio direto (ou plágio literal ou ainda plágio integral) acontece quando um autor copia um trecho de texto que leu e o coloca (copia) no seu próprio texto, sem citar a fonte original. Ou seja, quando o “novo autor” [...]

[...] copia na íntegra (palavra por palavra) um conteúdo (ideia, texto, imagem, códigos etc.) de outro autor sem fazer referência do mesmo ou da obra. Chama-se plágio direto porque, de acordo com a normalização vigente no país, cópias literais devem ser indicadas com citação direta. (KROKOSZ *apud* LEITE; CABRAL, 2013, *on-line*).

¹³ Disponível em: <http://br.freepik.com/index.php?goto=74&idfoto=894732>.

2.7.2.2 Plágio indireto ou transliteral

Assim como o caso anterior, este tipo de plágio também pode ser encontrado com os dois nomes apresentados no título deste tópico, então fique atento(a)!

O plágio indireto ou plágio transliteral acontece quando o “novo autor” reproduz as ideias de um texto lido, reescrevendo com suas próprias palavras (criando uma paráfrase), mas sem fazer referência ao autor e à obra do texto original. “É comum acreditar que trocando palavras por sinônimos a ideia torna-se original, sendo desnecessária a citação da fonte” (INSPER, 2013, p. 5). No entanto, o fato é que, mesmo escrevendo com suas próprias palavras, a ideia continua sendo do autor original e, portanto, deve ser feita referência a ele para que o crime de plágio não seja caracterizado. Segundo KrokoscZ:

Neste tipo de plágio o redator utiliza suas próprias palavras, porém o texto que ele elabora não é original porque simplesmente diz de forma diversa o que foi consultado em uma fonte específica. Trata-se de plágio indireto, a normatização brasileira determina que tal procedimento seja feito por meio da citação indireta. (KROKOSZ *apud* LEITE; CABRAL, 2013, *on-line*).

Até aqui tudo bem? Está clara a diferença entre o plágio direto e o indireto? Esperamos que sim, mas há mais detalhes a serem estudados, pois ainda segundo o autor KrokoscZ (*apud* LEITE; CABRAL, 2013, *on-line*), o plágio indireto ou transliteral pode acontecer de três diferentes modos e, claro, você precisa conhecê-los, então leia os itens apresentados a seguir.

2.7.2.2.1 Uso de paráfrase sem atribuição de crédito

Nesta variação do plágio indireto ou transliteral, “o texto é reescrito pelo redator com suas próprias palavras, porém a fonte de tais ideias é não referenciada.” (LEITE; CABRAL, 2013, *on-line*). Este é o caso em que a simples mudança de palavras e no modo de apresentação do texto não é o suficiente para caracterizar a originalidade dele, pois na essência a ideia ainda é do autor principal e, portanto, ele precisa ser referenciado.

2.7.2.2.2 Elaboração de mosaico

Segundo KrokoscZ (*apud* LEITE; CABRAL, 2013, *on-line*), esta variação do plágio indireto ou transliteral se dá quando “o redator faz uso de vários ‘cacos’ de fontes diferentes, organizando as ideias com acréscimo de algumas palavras para que o texto final tenha sentido.” Existe, neste caso, uma tentativa do novo autor em sistematizar as ideias de outro(s) autor(es), reescrevendo-as com suas próprias palavras, mas a situação é a mesma do caso anterior, ou seja, a ideia original continua sendo do(s) autor(es) lidos e, desse modo, ele(s) precisa(m) ser citado(s) corretamente.



2.7.2.2.3 Uso inadequado de chavões

É relativamente comum que autores já consagrados em determinadas áreas tenham criado expressões ou palavras-chave originais (também chamadas de chavões) que se tornam comumente usadas pelos profissionais dessas áreas. Isso torna comum também o uso por escrito dessas expressões em trabalhos acadêmicos, documentos, etc. Contudo, a referência ao autor da expressão deve ser feita para que o plágio não aconteça. (KROKOSZ *apud* LEITE; CABRAL, 2013, *on-line*).

2.7.2.3 Plágio de fontes

Segundo o material sobre plágio acadêmico do *Ministério da Saúde*, este tipo de plágio acontece quando o novo autor faz uso das fontes/referências de um autor lido como se elas tivessem sido consultadas diretamente pelo novo autor como fonte primária (BRASIL, 2012). No entanto, como já estudado nesta disciplina, quando fazemos uso de fontes de outro autor, trata-se de fonte secundária e, desse modo, a referência deve ser feita respeitando as normas da ABNT para citação de citação.

Para complementar, vejamos o que outros autores dizem sobre este tipo de plágio.

Para Krokosz:

Nesta modalidade, o redator reproduz em seu texto as citações utilizadas por outro autor. A forma da citação e até mesmo a fonte consultada é identificada, entretanto, o modo como a informação foi obtida é o que caracteriza o plágio. Trata-se, pois, de um conteúdo obtido por outras pessoas e que é utilizado por um terceiro como se ele tivesse consultado o documento original. (KROKOSZ *apud* LEITE; CABRAL, 2013, *on-line*).

Segundo a instituição *Inspere*, o plágio de fontes se dá [...]

[...] quando o redator, ao elaborar seu texto, usa uma citação do autor consultado em seu trabalho como se tivesse consultado o documento original. Neste caso, o correto é fazer a citação da citação, ou seja, citar a fonte secundária (aquela que está em seu poder) usando termos como “*apud*” ou “*de acordo com*”, referindo-se à fonte primária. Este tipo de citação deve ser evitada e, sempre que possível, o ideal é acessar o documento original. (INSPEER, 2013, p. 6).

Pois bem, até aqui diferenciamos três tipos de plágios: o direto, literal ou integral; o indireto ou transliteral, com suas três derivações, e o plágio de fontes. Estamos quase acabando, mas ainda há outros tipos para você conhecer, então, vamos adiante.

2.7.2.4 Plágio consentido

O quarto tipo de plágio apresentado aqui tem um nome que, a princípio, pode parecer contraditório: Como pode ser plágio (um crime

de cópia), se é consentido? Interessante, né? Mas é isso mesmo, trata-se de uma situação em que o “verdadeiro” autor consente que outra pessoa assine um de seus trabalhos como se fosse dela e o apresente, conforme explicam Leite e Cabral (2013, *on-line*) a seguir:

É chamado plágio, porque embora tenha a anuência do autor original, resulta em uma fraude intelectual. O plágio fica caracterizado porque o leitor é trapaceado ao acreditar que o trabalho apresentado pertence a um autor quando na realidade pertence a outro.

2.7.2.5 Autoplágio

De acordo com Leite e Cabral (2013, *on-line*):

O trabalho acadêmico sempre deve ser original, considerada a necessidade de contextualização do conteúdo em relação a outras pesquisas ou em relação aos próprios estudos que o pesquisador vem fazendo. Nestes casos, é necessário que o autor faça referência de si em seus trabalhos.

Todavia, até o ato de fazer autocitação deve seguir as normas. Isto quer dizer que, quando for necessário citar no texto algum outro trabalho já desenvolvido pelo próprio autor (nesse caso, você), a citação tem de ser feita de acordo com as normas da ABNT. O que não se pode fazer é apresentar o texto inteiro, ou mesmo partes dele, como se fosse original e sem referenciar o trabalho anterior em que ele foi apresentado.

2.7.2.6 Informações da internet

Sem margem de dúvidas, a internet popularizou o acesso a textos, livros, artigos, etc., antes acessíveis apenas por meio físico, em bibliotecas e livrarias. E isso é ótimo! Contudo, a popularização desse acesso não quer dizer que esses textos, livros e artigos possam ser copiados e colocados em um novo trabalho sem fazer menção a seus autores. De acordo com *Inspere* (2013, p. 7):

Todo texto publicado, independentemente do meio em que se reproduz, deve ser citado. O fato de um texto estar na internet não isenta o autor da obrigação de citar a fonte, do contrário, será caracterizado plágio.

Sendo assim, fique atento(a) e tenha cuidado! Tudo aquilo que você consulta na internet para ser utilizado no seu TCC deve ter a fonte citada.

2.7.2.7 Basear-se em trabalhos de colegas

Infelizmente, há casos em que os alunos parecem não acreditar que será feita a leitura completa de seus trabalhos de conclusão de curso e alguns resolvem se arriscar copiando os trabalhos de colegas de modo consentido ou até mesmo sem que o outro saiba. Nessa situação, continua valendo tudo o que já apresentamos aqui sobre o plágio, pois se a ideia original não é do novo autor, há crime de plágio.



Conforme informa o instituto *Inspere*:

Ressalta-se que, se o trabalho do colega tiver sido publicado, independentemente do meio de comunicação, deve-se seguir as regras formais de citação e de referência. Em caso de infração, a punição recai sobre quem plagiou. Observação: Quando não for possível identificar o plagiador, ou em casos flagrantes caracterizados como cola, a responsabilidade recairá sobre todos. (INSPEER, 2013, p. 8).

2.7.2.8 Trabalho entregue pelo aluno, mas realizado por terceiro

Não há dúvidas de que elaborar um trabalho acadêmico demanda tempo, disponibilidade e vontade de aprender. No entanto, é um trabalho prazeroso e que resulta em enorme crescimento e amadurecimento pessoal, acadêmico e profissional, justamente pelas buscas que têm de ser feitas, pelas leituras, pelo raciocínio a ser utilizado para fazer a análise dos dados, etc.

Todavia, infelizmente, há pessoas que apenas querem o diploma (o papel em si), e não o conhecimento e a sabedoria que, de fato, representa consegui-lo, e usam de artifícios ilegais para conseguir o seu TCC. É o caso de quem compra um trabalho pronto ou o encomenda a terceiros.

Talvez, por falta de informação, a pessoa que faz isso não saiba que está cometendo crime, mas está! Pode ser que não seja um crime de plágio (embora possa ser também, se parte do trabalho for copiado de outro autor), mas é crime de falsidade ideológica, ou seja, passar-se pelo autor de um trabalho que não é seu. Conforme o *Inspere*:

Considera-se infração a compra e/ou delegação a outras pessoas ou organizações a elaboração de trabalhos de responsabilidade do aluno. Exemplos: compra de trabalhos prontos pela internet, encomenda de trabalhos de profissionais liberais, estudantes ou qualquer outra pessoa que os realize em nome do aluno. (INSPEER, 2013, p. 8).

Sendo assim, programe-se para fazer o seu TCC utilizando-se de todos os recursos que o curso e a faculdade disponibilizam para você e faça um bom trabalho.

2.7.2.9 Notas de salas de professores

Como último item das categorizações de plágio, trazemos a informação de que “copiar informações que constam do material distribuído por professores em sala de aula sem citar a fonte também é plágio.” (INSPEER, 2013, p. 8).

Talvez isso lhe surpreenda, mas é verdade! Se o professor prepara um material para apresentar em sala (seja ela *on-line* ou presencial), ele é o autor daquele material e, portanto, se algo desse material for copiado, a fonte deve ser citada no texto. Então, mais uma vez, fique atento(a)!



Multimídia

Figura 23 – Cena do vídeo “Um conto sobre plágio”



Fonte: Metodologia em Ciência da Informação (2011).

Para acrescentar algo mais a toda essa explicação, que tal acessar o *site* de Metodologia em Ciência da Informação no *link*: <http://metodologiaci.blogspot.com.br/2011/03/citar-referenciar-para-nao-cometer.html?>. Além de um texto complementar, há um vídeo produzido por uma faculdade norueguesa sobre o assunto.

2.7.3 Questões normativas de um trabalho acadêmico

As questões normativas dos trabalhos acadêmicos dizem respeito às regras e normas que devem ser seguidas quando você escrever o seu trabalho. Em geral, as faculdades elaboram um documento com todos os parâmetros que devem ser considerados, então, caso ainda não tenha tido acesso a tal documento, converse com o(a) coordenador(a) do seu curso e peça acesso a ele.

Bem, mas para que você continue bem informado(a), saiba que há duas normas de metodologia científica que são mais utilizadas: as da ABNT e as do *Grupo Vancouver*. Segundo Bueno (2012), a primeira é a mais utilizada em projetos, monografias, TCCs e outros trabalhos acadêmicos de graduação ou especializações sequenciais, das diferentes áreas de estudos, como Administração, Economia, Educação, Marketing, entre outras.

Já os cursos da área de Saúde, como Medicina e Enfermagem, entre outros, geralmente pedem aos alunos que elaborem seus trabalhos segundo as normas estabelecidas pelo *Grupo Vancouver*, no formato de artigo científico. (BUONO, 2012).

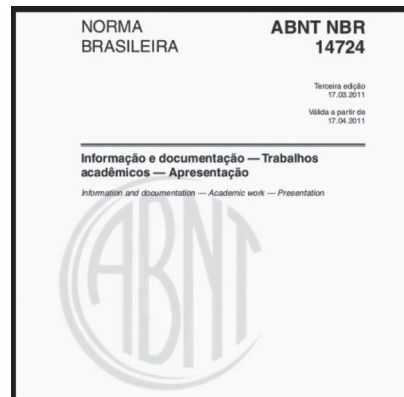
É provável que agora você esteja se perguntando: “mas qual é a diferença entre essas duas metodologias?”. Pois bem, basicamente, as duas consistem em definir regras para se idealizar, conceber, configurar, redigir

o texto, referir autores e elaborar a bibliografia. Sendo assim, é importante que você tenha certeza de qual é a metodologia utilizada pela sua faculdade para que não tenha retrabalho depois.



Multimídia

Figura 24 – Norma ABNT



Fonte: *Slideshare* (2012).¹⁴

Como, provavelmente, a sua faculdade faz uso das normas da ABNT (Figura 24), acesse o *link*: <http://pt.slideshare.net/LazinhaSantos/nbr-14724-2011-nova-norma-da-abnt-para-trabalhos-acadmicos-11337543>; para ter acesso à norma vigente para trabalhos acadêmicos.



2.7.4 Atividade

Atende ao objetivo c

Elaborando e analisando citações

Com base nos estudos do último tópico desta unidade, faça os exercícios propostos:

Analise as citações dos exemplos a seguir e indique se:

- estão apresentadas corretamente, segundo a norma da ABNT. Caso não estejam, indique a correção necessária;
- são casos de citação direta ou indireta.

¹⁴ Disponível em: <http://pt.slideshare.net/LazinhaSantos/nbr-14724-2011-nova-norma-da-abnt-para-trabalhos-acadmicos-11337543>.

Exemplo 1:

“... a educação insere-se e se modifica com a abundância destes recursos tecnológicos que ampliam as possibilidades de comunicação e interação entre quem ensina e quem aprende” (KENSKI, 2006).

Exemplo 2:

Filatro (2004), Sternberg (2008), Lefrançois (2008) destacam a relação da psicologia cognitiva com a informática, fato que levou os cognitivistas a compararem o funcionamento do cérebro ao de um computador. “De acordo com esse modelo, a mente, tal qual o computador, recebe inicialmente registros sensoriais que são processados e armazenados na forma de esquemas, os quais são ativados e reestruturados no processo de aprendizagem, e recuperados quando necessário” (FILATRO, 2004, p. 81).

Exemplo 3:

Como afirma Lévy ao comentar a função da informática, seu papel deve ser “promover a construção de coletivos inteligentes, nos quais as potencialidades sociais e cognitivas de cada um poderão desenvolver-se e ampliar-se de maneira recíproca” (LÉVY, 1999, p. 25).

Exemplo 4:

Belloni (1999) destaca que as mudanças iniciadas na década de 1990, a partir do desenvolvimento das redes telemáticas e pela disseminação dos computadores pessoais, impactaram radicalmente nos sistemas educacionais e nas relações de aprendizagem, iniciando a ruptura das hierarquias antes evidenciadas nas escolas.

Resposta comentada

Esperamos que você não tenha olhado aqui antes de tentar fazer os exercícios propostos, então agora confira se as suas respostas estão corretas:

Exemplo 1: O trecho é uma citação direta, pois está apresentado entre aspas e isso dá a entender que foi transcrito exatamente como a autora *Kenski* o escreveu em sua obra. Contudo, em se tratando de uma citação direta, há erro no modo de apresentação,



pois não informa o número da página em que tal trecho está localizado na obra original.

Exemplo 2: Trata-se de outro caso de citação direta, pois está apresentado entre aspas, contudo, conforme já foi explicado, quando o trecho a ser citado tem mais do que quatro linhas, ele deve ficar posicionado separadamente do texto, em uma nova linha, com recuo de 4 cm de parágrafo e com o tamanho da fonte menor que o do texto principal:

Filatro (2004), Sternberg (2008), Lefrançois (2008) destacam a relação da psicologia cognitiva com a informática, fato que levou os cognitivistas a compararem o funcionamento do cérebro ao de um computador.

De acordo com esse modelo, a mente, tal qual o computador, recebe inicialmente registros sensoriais que são processados e armazenados na forma de esquemas, os quais são ativados e reestruturados no processo de aprendizagem, e recuperados quando necessário. (FILATRO, 2004, p. 81).

Exemplo 3: Mais uma vez, trata-se de uma citação direta. Dessa vez, porém, está corretamente apresentada, pois é uma citação curta (com menos de quatro linhas) e, portanto, pode estar na continuidade do parágrafo, desde que colocada entre aspas para destacar o trecho do texto do autor citado e acompanhada da referência contendo o sobrenome do autor, o ano da obra e o número da página de onde o trecho foi extraído.

Exemplo 4: Trata-se de uma citação indireta (ou paráfrase), uma vez que não transcreve o trecho exatamente como a autora *Belloni* o fez em sua obra, mas sim com as próprias palavras do pesquisador. Além disso, está corretamente apresentada, informando o sobrenome da autora e o ano da obra.

2.8 CONCLUSÃO

Um trabalho de pesquisa tem razão/motivo de ser realizado, sendo assim, é preciso justificá-lo. Elaborar uma justificativa que apresente a importância do estudo, as contribuições que ele traz à área, bem como seu diferencial diante de outros estudos já realizados é um bom caminho para iniciar a escrita do seu TCC. Todavia, este é, de fato, o pontapé inicial da elaboração do texto final, mas, uma vez bem feito, pode gerar a curiosidade dos futuros leitores a conhecer todo o seu trabalho.

Além da justificativa, a introdução do projeto de pesquisa deve apresentar também um resumo do referencial teórico selecionado para apoiar o desenvolvimento do trabalho. Esse referencial deve se originar em um processo de busca e seleção bem criterioso das fontes de informação, pois assim há maior garantia de que os autores escolhidos lhe ajudem a

responder a pergunta da pesquisa, além de serem indispensáveis para a análise dos dados levantados.

Por fim, saber como lidar com as fontes de informação selecionadas é de suma importância para que não haja apropriação indevida de ideias de outros autores. Diferenciar os tipos de citações que se pode fazer, assim como referenciar corretamente cada uma das obras utilizadas, faz parte do papel de todo pesquisador para evitar problemas com plágio.

RESUMO

Começamos discutindo que, assim como inúmeras ações do nosso dia a dia, a pesquisa também precisa ser justificada. Para tanto, é necessário elaborar um texto que apresente a importância de o estudo ser realizado, bem como as contribuições que ele trará à área com a discussão proposta e os diferenciais que a investigação apresenta em relação aos estudos anteriores já realizados.

Para dar conta desse item, é preciso conhecer o estado da arte do assunto a ser pesquisado e, aí, começa o processo de busca e seleção de fontes de informação. Entretanto, essa busca não se limita a estabelecer o estado da arte, mas, principalmente, a construir o referencial teórico que dará suporte à pesquisa. São os autores escolhidos nesse processo que lhe ajudarão a responder sua pergunta de pesquisa e resolver o problema identificado.

Nesta unidade, vimos também que a busca e seleção dessas fontes de informação devem ser muito criteriosas e feitas com atenção a determinados detalhes, que podem garantir qualidade. As referências podem ser encontradas em diferentes lugares, como bibliotecas físicas, bibliotecas virtuais, livros, periódicos, etc., além de fontes adquiridas com pessoas.

Por fim, estudamos como organizar a pesquisa no que diz respeito às referências utilizadas. Vimos que há vários tipos de plágios e que é necessário muito cuidado e atenção para não incorrer nesse crime. Um meio de se fazer isso é citar corretamente os autores lidos e utilizados no trabalho.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Acreditamos que do fim da última Unidade 1 para esta você já tenha avançado nas definições do seu projeto de pesquisa. Se isso realmente aconteceu, você já deve ter o assunto específico da sua pesquisa definido, assim como as principais perguntas que você pretende pesquisar, o problema de pesquisa e, agora, a justificativa e o referencial teórico, certo? É claro que não temos a pretensão de que você já tenha tudo isso



absolutamente definido, mas sim que você já tenha se movimentado no sentido de ter ido em busca disso e esteja com algo mais concreto em comparação ao início da disciplina.

Dando continuidade ao processo, na próxima unidade estudaremos sobre a hipótese de uma pesquisa e os objetivos que o trabalho se propõe a alcançar. Esperamos você lá!

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Código Civil**. Art. 524 da Lei nº 3071/16, de 1º de janeiro de 1916. Brasília: [s.n.], 1916.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plágio acadêmico**: conhecer para combater. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/plagio_academico.pdf. Acesso em: jul. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm. Acesso em: jun. 2016.

BOOTH, Wayne; COLOMB, C.; WILLIAMS, C. **A arte da pesquisa**. Tradução de Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BUONO, Regina Del. ABNT ou VANCOUVER: quais as diferenças? **ABNT ou Vancouver**, [S.l.], 2012. Disponível em: <http://www.abntouvancouver.com.br/2012/07/abnt-ou-vancouver-quais-as-diferencas.html>. Acesso em: jul. 2016.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **Monografia sem complicações**: métodos e normas. Campinas: Papyrus, 2007.

INSPER. **Plágio acadêmico**. São Paulo: Insper, 2013. Disponível em: <http://portaldoaluno.insper.edu.br/downloads/cartilha-plagio.pdf>. Acesso em: jun. 2016.

LEITE, Dayanne Estrêla da Costa; CABRAL, Nilvanete de Lima Alves. Plágio e a legislação penal brasileira. **Web Artigos**, [S.l.], 2013. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/plagio-e-a-legislacao-penal-brasileira/115500/>. Acesso em: jun. 2016.

LEITE, Gisele. Plágio e aprendizagem. **Jusbrasil**, [S.l.], 2014. Disponível em: <http://giseleleite2.jusbrasil.com.br/artigos/121943906/plagio-aprendizagem>. Acesso em: jun. 2016.

LUNA, Sergio V. de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2002.

MATTAR, João. **Metodologia científica na era da informática**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MICHAELIS dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

NERY, Guilherme et al. **Cartilha sobre plágio acadêmico**. Niterói: IACS, [2010?]. Disponível em: <http://www.noticias.uff.br/arquivos/cartilha-sobre-plagio-academico.pdf>. Acesso em: jun. 2016.

PASQUARELLI, Maria L. R. **Normas para a apresentação de trabalhos acadêmicos**. 3. ed. Osasco: EDIFIEO, 2006.

Souza, K. P. de. **SUB-PROJETO CT-INFRA 01/2013**. Rio de Janeiro: Faculdades Integradas de Jacarepaguá, 2009.



UNIDADE 3

ONDE SE VAI CHEGAR COM A PESQUISA



3.1 OBJETIVO GERAL

Explicar o que são hipótese e pressupostos em uma pesquisa, assim como a diferença entre elas, demonstrar como os objetivos traçam o caminho a ser percorrido e explicar como se elaboram bons objetivos.

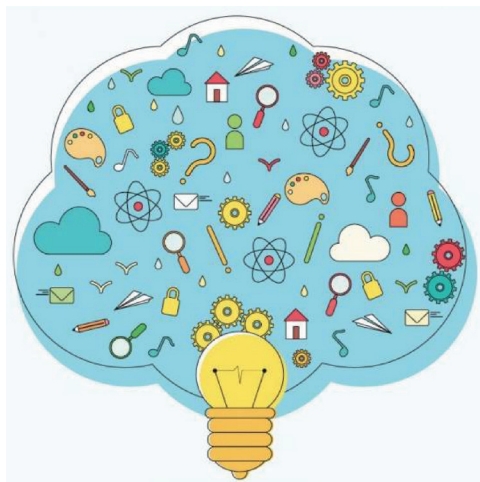
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) analisar hipóteses e pressupostos e saber identificar os bem elaborados;
 - b) criar hipótese e pressupostos a partir das perguntas e do problema de pesquisa definidos;
 - c) elaborar objetivos (geral e específicos) para o seu trabalho acadêmico.
- 

Copyright © 2019 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

Figura 25 – Uma “comichão intelectual” em busca de respostas



Fonte: *Freepik* (20--?).¹⁵

Como estudamos na Unidade 1 desta disciplina, a(s) pergunta(s) de pesquisa nasce(m) de uma “comichão intelectual” que instiga você à busca pelas respostas, lembra-se disso? Essa curiosidade é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, no entanto, não é raro perguntas serem lançadas com o pesquisador já tendo em mente as supostas respostas. Mesmo que se trate de uma área e/ou assunto no qual ele não seja especialista, naturalmente as suposições sobre os questionamentos feitos surgem.

Diferentemente do que se possa pensar, não há nada de errado em fazer tais suposições. Ao contrário, elas fazem parte das definições necessárias à elaboração do projeto de pesquisa, e nele, essas suposições são chamadas de hipóteses e pressupostos. Assunto, este, que é o primeiro tópico dos nossos estudos nesta terceira unidade. Além disso, o outro tópico que trataremos neste texto diz respeito a aonde se quer chegar com a pesquisa, ou seja, quais são os objetivos a serem alcançados com o estudo proposto.

Tudo o que fazemos tem um propósito, concorda? Realizamos determinadas “coisas” para alcançar/conquistar algo. Em um trabalho de pesquisa, isto é dado pela definição dos objetivos, pois são neles que ficam declaradas as intenções de resultados a serem alcançados. Sendo assim, após ter definido o assunto a ser pesquisado, as perguntas norteadoras da investigação e o problema a ser resolvido, após ter refletido sobre as razões que justificam a pesquisa e iniciado o processo de busca e seleção das fontes de informação para o referencial teórico, chega o momento de você pensar na(s) suposta(s) resposta(s) às perguntas – definição da hipótese – e definir os objetivos que o seu estudo pretende alcançar. E, então, vamos em frente com tudo isso?

¹⁵ Disponível em: <http://br.freepik.com/index.php?goto=74&idfoto=828679&term=pensar>.

3.4 HIPÓTESE OU PRESSUPOSTO?

Como já estudado nas unidades anteriores, o primeiro passo na realização de uma pesquisa científica é a elaboração clara das perguntas e do problema de pesquisa. Na sequência, o segundo passo mais importante é a construção de hipótese(s) ou pressuposto(s). Aí, talvez, você se pergunte: mas o que é isso? O que significa ter de fazer isso? Siga adiante na leitura deste texto que as explicações estão nos parágrafos seguintes.

Todo trabalho acadêmico busca dar respostas ou soluções a problemas identificados, como já vimos nesta disciplina, certo? Pois bem, acontece que, quando nos deparamos com a situação-problema, em geral, logo em seguida surgem ideias e suposições sobre os motivos de tal problema acontecer. Nesse momento, o que está acontecendo é a criação de pressupostos e/ou hipóteses a respeito do assunto.

Por definição, a palavra “hipótese” significa suposição e é esse exato sentido que ela tem nos trabalhos de pesquisa: supor respostas às perguntas e ao problema da investigação. A função da hipótese é sugerir explicações para certos fatos e orientar a procura de outras informações que levem ao desenvolvimento da pesquisa e às respostas definitivas. Desse modo, podemos ver a clara relação que existe entre a pergunta e o problema da pesquisa e a hipótese – sem um o outro não tem sentido; afinal, como se pode supor uma resposta a algo que não foi perguntado?

“Pressuposto”, por sua vez, conforme já visto em um dos verbetes da Unidade 2, é uma afirmação que não precisa de demonstração e/ou comprovação. Por exemplo: dois pontos determinam uma única linha reta. A cultura, experiência e a ideologia do pesquisador têm grande influência nos pressupostos que ele usa no desenvolvimento da investigação (INÁCIO FILHO, 2007).

Todavia, como afirma Severino (2000, p. 161):

[...] é preciso não confundir hipótese com pressuposto, com evidência prévia. Hipótese é o que se pretende demonstrar e não o que já se tem demonstrado evidente, desde o ponto de partida. Muitas vezes, ocorre essa confusão, ao se tomar como hipóteses proposições já evidentes no âmbito do referencial teórico ou da metodologia adotada. E, nestes casos, não há mais nada a demonstrar, e não se chegará a nenhuma conquista e o conhecimento não avança.

Premissa

Premissa é a ideia da qual se parte para construir um raciocínio, ou seja, é um ponto de partida para a organização de uma argumentação e de um raciocínio.

Exemplo: Partiram da premissa de que todo idoso tem seus direitos.

De modo resumido, temos, então, que hipóteses são afirmações provisórias, que visam a ser comprovadas ou refutadas. Já os pressupostos são premissas das quais o pesquisador parte, podendo ser premissas teóricas, metodológicas, legais, etc.

Para alguns autores, como Oliveira (1997), por exemplo, a definição da hipótese de uma pesquisa tem papel muito importante na organização desta, uma vez que é a partir da formulação da hipótese que o pesquisador pode identificar mais claramente as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, assim como evitar a dispersão, selecionar os dados, etc. Entretanto, há linhas de pesquisa que preferem não trabalhar com a formulação de hipótese – isto é uma possibilidade, mas nunca tome essa decisão sozinho(a). Antes, converse com o seu orientador. Mas sim, é possível que um trabalho de pesquisa não tenha hipótese, assim como é possível que ele tenha mais de uma hipótese ou mais de um pressuposto.

3.4.1 Hipótese: suposição verdadeira ou falsa?

Na definição de Goode e Hat (*apud* GIL, 1994, p. 60), hipótese “é uma proposição que pode ser colocada à prova para determinar sua validade.”. Em outras palavras, a hipótese é uma afirmação que se faz no início da pesquisa com o intuito de verificar a validade dela como resposta para a pergunta e o problema da pesquisa. Trata-se de uma suposição que é feita no momento da escrita do projeto de pesquisa e que deve ser testada no decorrer da investigação para ser confirmada como verdadeira ou falsa (resultado final do trabalho). Aliás, é exatamente este o propósito do desenvolvimento da pesquisa, comprovar ou refutar a hipótese apresentada.

Como alerta o autor Inácio Filho (2007), vale ressaltar que a solução a que nos referimos é uma solução acadêmica e não material, ou seja, por exemplo, se o estudo é sobre o aumento da população de baixa renda de uma determinada cidade, a solução do problema, ao fim da investigação, não será equacionar o problema da existência das favelas, mas sim produzir conhecimentos sobre a situação problemática. Esses conhecimentos poderão contribuir para a solução material do problema, mas a concretização disso já não dependerá do pesquisador, e sim do poder público. Cabe a este fazer uso da pesquisa realizada e, com base nela, solucionar o problema.

Hipóteses podem surgir da observação dos fatos ou estudos teóricos. Por exemplo, a partir da observação de um bairro de baixa renda, no qual o índice de mortalidade infantil é elevado, pode-se formular a hipótese de que a mortalidade infantil tem uma relação significativa com a desnutrição da criança (FACHIN, 2006).

Mas cuidado! **Hipótese não é adivinhação**, e sim “uma solução provisória ou uma proposta de solução do problema, que se antecipa para direcionar a evolução da investigação.” (INÁCIO FILHO, 2007, p. 68).

Refutar

Refutar é rejeitar, desmentir, negar, não aceitar, entre outras definições. No tocante à pesquisa, se a hipótese é uma suposta resposta à pergunta de pesquisa, ao fim de todo o processo tal resposta só pode ser considerada como verdadeira ou falsa, certo? Não há outras opções. Sendo assim, ao fim da investigação, você confirmará se – ao realizar a pesquisa – a sua hipótese apresentada no início do trabalho foi comprovada como verdadeira ou refutada, ou seja, comprovada como falsa e, portanto, rejeitada.

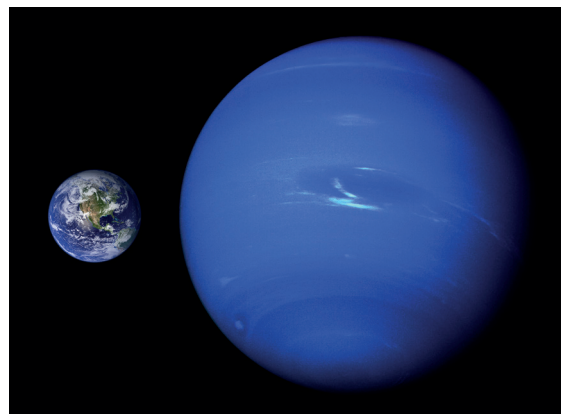




Curiosidade

Hipótese não é adivinhação!

Figura 26 – Comparação de tamanho entre Netuno e a Terra



Fonte: *Wikimedia Commons* (2014).¹⁶

Pode-se tomar como exemplo de formulação de hipótese a descoberta do planeta Netuno¹⁷. Em 1846, assinalava-se uma série de perturbações na órbita de Urano (tratava-se de um problema). Levantou-se, então, a hipótese da existência de outro planeta: um planeta desconhecido foi a causa dessas perturbações. O ponto interessante da comprovação desse fenômeno se fez mais pelo método dedutivo do que experimentalmente: pela forma de desvio de Urano, calculou-se o lugar provável do novo planeta. Bastou, depois, desenvolver telescópios mais potentes e dirigi-los para o alvo, o que acabou acelerando e comprovando a hipótese.

A hipótese sobre a descoberta de Netuno provocou extraordinária repercussão no mundo científico da época e foi extremamente significativa e brilhante, uma vez que possibilitou a confirmação das teorias da mecânica celeste, hoje chamada de astrofísica.

Depois disso, é provável que você esteja se perguntando: Mas qual é a melhor opção: elaborar hipótese ou não? Bem, grande parte dos autores que são referência em metodologia de pesquisa afirma que apenas nos estudos de caráter meramente exploratórios ou descritivos as hipóteses podem ser dispensáveis. Em qualquer outra situação, é melhor que haja hipótese, pois não a ter é aceitar o risco de produzir um trabalho confuso e com embasamento científico duvidoso.

É importante você saber que praticamente não há regras ou normas rígidas a serem seguidas para se elaborar uma boa hipótese. A proposta é que a suposição feita como hipótese venha da criatividade do pesquisador, mas, ainda assim, algumas dicas podem ajudar.

¹⁶ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Neptune,_Earth_size_comparison.jpg.

¹⁷ Exemplo apresentado por OLIVEIRA (1997, p.113-114).

Uma dica valiosa é que haja embasamento teórico no trabalho, e que as hipóteses sejam formuladas de modo que possam servir de guias no processo de investigação do problema. Elaborá-las como alternativas torna mais fácil examiná-las com atenção e descartar aquelas que não vão ao encontro dos objetivos estabelecidos. Na formulação das hipóteses, deve-se evitar termos que refletem juízo de valor ou exageros como **bom, ruim, todo, interessante, muito**, etc, assim como termos gerais que permitem englobar qualquer coisa.

A hipótese deve ser formulada em termos bastante claros e concisos, sem ambiguidade gramatical e deve designar os objetos a respeito dos quais será possível apresentar provas concretas ou argumentos convincentes, favoráveis ou não ao objeto de pesquisa. Nesse sentido, é preciso evitar a falta de especificidade das definições no processo de elaboração e desenvolvimento da pesquisa.

Segundo Oliveira (1997), as três principais dificuldades em se elaborar uma boa hipótese são:

- a) ausência ou desconhecimento do referencial teórico da pesquisa;
- b) falta de habilidade para utilizar os autores selecionados no referencial;
- c) desconhecimento das técnicas de pesquisa existentes que podem ajudar a expressar adequadamente a hipótese.

Reforçando o que estudamos na unidade anterior, veja que grande parte das dificuldades apontadas está relacionada à importância de se selecionar um bom referencial teórico. Sendo assim, fique atento ao processo de busca e seleção desse referencial.

Bem, mas além dessas dificuldades apresentadas, veja a seguir algumas características, sugeridas por Gil (1994), que devem ser respeitadas na elaboração da hipótese, para que ela seja aceitável e aplicável:

- a) Deve ser conceitualmente clara: os conceitos contidos na hipótese devem ser claramente definidos.
- b) Deve ser específica: muitas hipóteses têm os conceitos claros, no entanto, apresentam objetivos tão pretensiosos que não podem ser alcançados.
- c) Deve ter referências empíricas: as hipóteses que envolvem julgamentos de valor não podem ser testadas adequadamente.
- d) Deve ser parcimoniosa: uma hipótese simples é preferível a uma mais complexa, desde que tenha o mesmo poder explicativo.
- e) Deve estar relacionada com as técnicas disponíveis: nem sempre uma hipótese bem elaborada pode ser testada empiricamente. Então, é necessário que haja técnicas adequadas para a coleta dos dados exigidos para seu teste.
- f) Deve estar relacionada a uma teoria: em algumas pesquisas sociais, esse critério não é considerado. Entretanto, as hipóteses elaboradas sem vínculo com teorias existentes não possibilitam a generalização de seus resultados.

Parcimoniosa

O termo parcimônia significa hábito de economizar, de poupar. Desse modo, ao afirmar que uma hipótese deve ser parcimoniosa, quer-se dizer que ela deve ser escrita em poucas linhas e de modo objetivo e simples. Lembre-se do ditado que diz que, às vezes, menos é mais!





3.4.2 Atividade

Atende ao objetivo a

Analizando hipóteses

Aproveite o fato de que está fazendo busca e seleção de materiais para construir o referencial teórico do seu trabalho, e procure por trabalhos de pesquisa já concluídos que abordem o assunto que você irá investigar. Podem ser TCCs, dissertações de mestrado ou teses de doutorado.

Selecione, pelo menos, cinco desses trabalhos. Feito isso, procure pelas hipóteses definidas neles e use as linhas a seguir para transcrevê-las. Depois, mesmo sem ler o restante do trabalho, elenque aquelas que você considera bem formuladas, tendo como base tudo o que já foi estudado sobre o tema nesta unidade (use como referência as características sugeridas pelo autor Gil (1994), apresentadas no texto que precede esta atividade).

Coloque na lista, ao menos, cinco hipóteses:

1.

2.

3.

4.

5.

Resposta comentada

Veja um exemplo de hipótese bem formulada: a investigação das vertentes científica, profissional e de uso do “tratamento temático da informação” propicia a identificação de elementos de ordem cognitiva, cultural e social que devem subsidiar a elaboração de políticas de indexação para o contexto de bibliotecas universitárias que disponibilizem seus produtos e serviços informacionais por meio de catálogos coletivos *on-line* (DAL’EVEDOVE, 2014).

Nos trabalhos pesquisados, identifique a(s) pergunta(s) e o(s) problema(s) apresentado(s) em cada estudo para que você possa fazer uma análise correta das hipóteses. Feito isso, veja se, de fato, o problema e a hipótese têm relação clara e avalie se as características que o autor Gil sugere foram consideradas na elaboração das hipóteses.

Por fim, anote a avaliação feita para cada uma das hipóteses encontradas e guarde as suas observações, pois elas poderão lhes ser úteis em um momento futuro – na hora de você elaborar a sua hipótese.

Assim como há diferentes tipos de pesquisa que se pode realizar, as hipóteses também podem ser de tipos distintos. Vamos conhecer um pouquinho de cada um desses tipos? Então, vamos adiante!

3.4.3 Tipos de hipóteses

Partindo de Gil (1994), algumas hipóteses dizem respeito a algo específico, algo que acontece em um caso determinado. Tais hipóteses afirmam que um objeto, pessoa ou fato específico apresenta determinada característica.

Trata-se das hipóteses *casuísticas*, bastante comuns em pesquisas históricas. Nesse tipo de pesquisa, os fatos são tidos como “únicos”, uma vez que não há como se repetirem.

Outros tipos de hipóteses são aquelas que **se referem à frequência de acontecimentos**. A principal característica desse tipo é que, geralmente, antecipam que determinada característica ocorra, com maior ou menor intensidade, em um grupo, sociedade ou cultura. São nas pesquisas descritivas, principalmente nas áreas da Antropologia, Sociologia e Psicologia Social que esse tipo de hipótese é usada.

Há ainda as **hipóteses que estabelecem relações entre variáveis**. Essas hipóteses são consideradas pelos autores da área de metodologia de pesquisa mais complexas do que as apresentadas anteriormente. Vamos entender por que eles pensam assim, mas antes, é preciso saber o significado do termo variável!

A complexidade atribuída a esse tipo de hipótese é pelo fato de que o termo variável tem origem na matemática e, portanto, é de natureza quantitativa. No entanto, quando se fala em pesquisa social, as variáveis são de natureza qualitativa. É aí que pode haver confusão, mas não é nada que o seu professor-orientador de TCC não possa lhe ajudar a resolver. Então, sempre que necessário recorra a ele!

Variável

De modo objetivo e prático, Gil (1994, p. 61) faz a seguinte afirmação sobre o conceito de variável: “pode-se dizer que variável é qualquer coisa que pode ser classificada em duas ou mais categorias.” Vejamos alguns exemplos para deixar isso mais claro:

- a) sexo é uma variável que tem duas categorias: feminino e masculino;
- b) classe social é variável, uma vez que envolve as categorias: alta, média e baixa;
- c) idade também é variável e abrange uma quantidade infinita de valores;
- d) estatura, estado civil, nível de escolaridade, etc. também são variáveis, pois cada uma tem diferentes números de categorias associadas.

Obs: Na unidade anterior vimos o conceito de categoria. Então, caso seja necessário, volte a ele!

Semestre

6



3.4.4 Atividade

Atende ao objetivo b

Formulando hipóteses

Para esta atividade, é preciso que você recupere a(s) pergunta(s) da sua pesquisa, bem como o problema que será resolvido por ela e, a partir desses dois elementos, formule a hipótese do seu trabalho.

Caso sinta necessidade, releia o material desta unidade e atente novamente às dicas dadas para a elaboração de hipótese. Feito isso, escreva nas linhas abaixo a sua hipótese.

Com a hipótese elaborada, faça uma análise e preencha o quadro a seguir, identificando se ela tem todas as características consideradas importantes:

Características

É conceitualmente clara?	() sim	() não
É específica?	() sim	() não
Apresenta juízo de valor?	() sim	() não
É simples e objetiva (parcimoniosa)?	() sim	() não
Tem relação clara com a(s) pergunta(s) e o problema?	() sim	() não
Tem relação com o referencial teórico?	() sim	() não

Resposta comentada

Tanto para escrever a sua hipótese como depois, para analisá-la, é imprescindível que você volte e releia atentamente o conteúdo desta unidade. Pois só pelas explicações será possível você verificar se a hipótese elaborada é útil e pode ser testada, e identificar se as respostas preenchidas no quadro, na identificação das características, estão, de fato, corretas.

Embora seja trabalhoso e demande tempo, não deixe de fazer essas atividades, pois, sem dúvida alguma, elas irão lhe ajudar a desenvolver seu TCC com qualidade.

3.5 OBJETIVOS: O QUE SERÁ ALCANÇADO COM A PESQUISA?

Figura 27 – Fazemos planos o tempo todo



Fonte: Freepik (20--?).¹⁸

Para começar, você concorda que tudo na vida humana é pensado e planejado? Em geral, o ser humano planeja tudo o que faz parte da sua vida: férias, gastos, trabalho, os afazeres do dia a dia, etc. Assim também acontece em todas as áreas da sociedade: a indústria, o comércio, a agricultura, a política e os grupos sociais. Seja por escrito, mental ou oralmente, todos fazem os seus planejamentos. Alguns são técnicos e sofisticados, outros são complexos e bem elaborados e uns são simples; contudo são planejamentos; como este que você está fazendo, agora, do seu pré-projeto de pesquisa.

A história da humanidade é resultado do pensar do homem sobre o presente, passado e futuro, certo? O homem primitivo imaginava como poderia vencer os obstáculos da sua vida diária. Pensava nas estratégias para caçar, pescar, colher frutos, etc. Nos dias atuais, por exemplo, saímos de casa criando estratégias para definir qual é o melhor caminho a fazer até o local desejado sem pegar muito trânsito. O ato de pensar, portanto, é um ato de planejar.

Tudo é pensado e planejado na vida humana, seja no âmbito pessoal, profissional ou acadêmico. Mas por que planejamos nossas ações? Qual é o intuito de planejarmos as férias, as atividades profissionais, um passeio, etc.? Por que fazemos isso?

É uma pena eu não poder ouvir as respostas, mas acredito que em uma delas você chegou à seguinte conclusão: “para dar tudo certo!”. Pois bem, é isso mesmo! Quando planejamos uma viagem, por exemplo, realmente queremos que tudo saia de acordo. Mas de acordo com o quê? Resposta: De acordo com o(s) objetivo(s) traçados, ou seja, chegar ao destino escolhido e aproveitar ao máximo o passeio.

¹⁸ Disponível em: <http://br.freepik.com/index.php?goto=74&idfoto=1051534&term=>.



Multimídia

Tem planejamento para tudo nesta vida

Figura 28 – Cena do vídeo



Fonte: Youtube (2012).

Os anúncios de TV estão cada vez mais criativos e surpreendentes para que o telespectador continue no mesmo canal durante o intervalo comercial.

No *link* a seguir, você poderá assistir a um filme premiado em festivais internacionais de propaganda, tendo o planejamento como mote. Trata-se de um comercial da marca de chocolate inglesa *Stratos*, cujo slogan é "*Makes good better*" (Torne o bom ainda melhor, em tradução livre). Ficou curioso(a)? então, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=rmZuR6D4f3I>.

Tudo o que planejamos tem um objetivo. Tudo o que fazemos tem como fim alcançar algo, seja a aquisição de um bem material, o descanso, o divertimento, a realização eficaz de um trabalho ou ainda a aquisição de novos conhecimentos. Assim também é na pesquisa: fazemos o planejamento minucioso de um pré-projeto para realizar um trabalho investigativo com o objetivo de alcançar determinados resultados.

Todavia, para alcançar os resultados esperados, os objetivos de uma pesquisa devem ter relação direta com o problema estudado. Afinal, os objetivos indicam o que se pretende conhecer, medir ou provar com o estudo. Indicam até onde se quer chegar e, também, a contribuição que se pretende dar à área pesquisada.



Explicativo

Resultados esperados

Não se pode confundir resultados esperados com objetivos da pesquisa. A grande diferença está no fato de que os resultados só são alcançados quando os objetivos já foram cumpridos.

Segundo Inácio Filho (2007, p. 71), os resultados [...]

[...] significam a possibilidade de intervenção na realidade problemática, visando a modificá-la. Para identificá-los, fazem-se as seguintes perguntas: que benefícios sociais pode trazer a realização desta pesquisa? Em que medida a solução acadêmica deste problema permitirá uma intervenção na realidade concreta? De que forma isso pode contribuir para a erradicação do problema concretos?

Vejamos um exemplo: se o objetivo de um trabalho é analisar as variáveis que influem na satisfação dos usuários no uso de serviços oferecidos pela *Biblioteca Pública da Cidade de Uberlândia*, uma vez atingido esse objetivo, com os dados e informações obtidos, é possível estabelecer uma política para a melhoria contínua dos serviços oferecidos pela referida biblioteca.

Para dar conta disso tudo, ou seja, mostrar o que se pretende conhecer, medir ou provar com o estudo, indicar até onde se quer chegar e a contribuição que se pretende dar à área, os objetivos são divididos em dois tipos: objetivo geral e objetivos específicos. Mas qual é a diferença entre um e outro? Vejamos o que dizem alguns autores.

Para Pasquarelli (2006, p. 20), “o objetivo geral delimita e dirige o raciocínio a ser desenvolvido mostrando aonde se quer chegar. Os objetivos específicos são aspectos pontuais, mais concretos, decorrentes do objetivo geral.”

Complementando esse conceito, é importante você saber que os objetivos específicos são elaborados a partir do objetivo geral e com o propósito de fazer com que ele seja alcançado. Em outras palavras, os objetivos específicos são a operacionalização do objetivo geral. Quando o conjunto dos objetivos específicos é alcançado, acontece também o alcance do objetivo geral.





Multimídia

Figura 29 – Cena do vídeo



Fonte: Youtube (2015).

Para você compreender melhor essa questão de objetivo geral e objetivos específicos, acesse o *link* a seguir e assista ao vídeo “Objetivos da pesquisa”, no canal *Barão EAD*, no qual a professora Karime Rodrigues aborda o assunto: <https://www.youtube.com/watch?v=-4bkdjklGE>.

Tornando esses conceitos mais fáceis de entender, vamos ver dois exemplos:

Exemplo 1¹⁹

Objetivo geral: Analisar criticamente os principais sistemas de classificação do conhecimento selecionados da Filosofia e da Biblioteconomia numa visão histórico-conceitual com enfoque nos conceitos de *classe*, de *categoria* e de *faceta*.

Objetivos específicos: Este trabalho tem como objetivos específicos:

- acompanhar e delinear a trajetória das classificações dos saberes (classe) e das classificações dos seres (categoria) à luz da Filosofia;
- averiguar as possíveis influências que as classificações filosóficas historicamente exerceram sobre as classificações bibliográficas tradicionais;
- verificar de que modo os conceitos de **categoria**, de **classe** e de **faceta** têm sido definidos no âmbito das classificações biblioteconômicas tradicionais.

¹⁹ ANJOS, 2009.

Exemplo 2²⁰

Objetivo geral: Analisar a influência do contexto socioeconômico e tecnológico da sociedade da informação nos currículos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil, especificamente, na UFC-Fortaleza, USP-Capital, UFPA, UFSC e UnB, a partir da década de 1990, levando em consideração os aspectos referentes à mediação da informação no conteúdo do texto curricular.

Objetivos específicos: Este trabalho tem como objetivos específicos:

- a) investigar a influência das tecnologias de informação e comunicação, a partir da década de 1990, na alteração do conteúdo informacional explícito dos currículos, a partir dos textos de seus projetos político-pedagógicos, de formação do bibliotecário brasileiro;
- b) estudar a influência das tecnologias de informação e comunicação sobre a composição textual do conteúdo da informação curricular dos cursos de Biblioteconomia da UFC-Fortaleza, USP-Capital, UFPA, UFSC e UnB, a partir da última reforma curricular;
- c) inferir o papel desempenhado – ou que poderia ser desempenhado – pela mediação da informação na estruturação e no conteúdo do curso de Biblioteconomia das universidades em questão.

Perceba, nos dois exemplos apresentados, a relação entre os objetivos específicos e o objetivo geral. Veja que no exemplo 1 só será possível analisar criticamente os principais sistemas de classificação do conhecimento selecionados da Filosofia e da Biblioteconomia numa visão histórico-conceitual com enfoque nos conceitos de **classe**, de **categoria** e de **faceta** (objetivo geral), quando os três objetivos específicos acontecerem, ou seja, quando tiver sido feito o acompanhamento e delineamento da trajetória das classificações dos saberes e das classificações dos seres à luz da Filosofia; quando já tiverem sido averiguadas as possíveis influências que as classificações filosóficas historicamente exerceram sobre as classificações bibliográficas tradicionais, e quando já tiver sido verificado de que modo os conceitos de **categoria**, de **classe** e de **faceta** têm sido definidos no âmbito das classificações biblioteconômicas tradicionais.

Do mesmo modo, no segundo exemplo, o objetivo geral – “Analisar a influência do contexto socioeconômico e tecnológico da Sociedade da Informação nos currículos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil, especificamente, na UFC-Fortaleza, USP-Capital, UFPA, UFSC e UnB, a partir da década de 1990, levando em consideração os aspectos referentes à mediação da informação no conteúdo do texto curricular” – será alcançado quando se conseguir: investigar a influência das tecnologias de informação e comunicação, a partir da década de 1990, na alteração do conteúdo informacional explícito dos currículos, a partir dos textos de seus projetos político-pedagógicos, de formação do bibliotecário brasileiro; estudar a influência das tecnologias de informação e comunicação sobre a composição textual do conteúdo da informação curricular dos cursos de Biblioteconomia da UFC-Fortaleza, USP-Capital, UFPA, UFSC e UnB, a partir da última reforma curricular, e inferir o papel desempenhado – ou que poderia ser desempenhado – pela mediação da informação na estruturação e no conteúdo do curso de Biblioteconomia das universidades em questão – todos esses, objetivos específicos definidos.

²⁰ MORAES, 2012.

Com tudo isso, a pesquisa científica atinge seu objetivo quando, após todas as etapas cumpridas, o pesquisador dá uma solução ao problema de pesquisa proposto. Isso significa, como já mencionamos, que os objetivos devem ser formulados levando em consideração o problema de pesquisa, conforme mostra o exemplo 2 apresentado.

Está parecendo muito complicada a elaboração dos objetivos de uma pesquisa? Calma! De fato, é uma etapa que exige tempo e dedicação para que se chegue a objetivos bem elaborados, mas temos algumas dicas e sugestões que, com certeza, irão lhe ajudar. Vamos a elas!

Assim como na construção da hipótese, no caso dos objetivos também não há uma regra rígida que defina como deve ser feita a elaboração deles. Contudo, deve ser orientada por perguntas-padrão como: para quem, para que, o que, onde, etc. e, além disso, sua escrita deve, sempre, ser representada por verbos no infinitivo – verificar, analisar, estudar, etc.

Atenção! A escrita dos objetivos com verbos no infinitivo não é uma sugestão, e sim uma norma da ABNT que deve ser seguida em todo trabalho acadêmico.



Multimídia

Figura 30 – Cena do vídeo



Fonte: Youtube (2014).

Agora, que tal algumas dicas de como elaborar os objetivos geral e específicos? Para isso, acesse o *link* <https://www.youtube.com/watch?v=tujx2NTNxUM> e assista ao vídeo “Aprenda como fazer os objetivos específicos da sua monografia – TCC”, no canal *Guia da Monografia*, que detalha bem o assunto.



3.5.1 Atividade

Atende ao objetivo c

Elaborando os objetivos da pesquisa

Uma vez que os objetivos devem estar relacionados com o problema da pesquisa, antes de iniciar esta atividade é necessário que você recupere o problema da sua pesquisa para tê-lo como base. Feito isso:

- Escreva o objetivo geral do seu TCC, lembrando que esse objetivo tem uma abrangência maior, é macro e diz respeito ao objetivo do trabalho inteiro.
- Em seguida, escreva os objetivos específicos, lembrando que eles são a operacionalização do objetivo geral, ou seja, o alcance dos objetivos específicos leva ao alcance do objetivo geral.

Objetivo geral:

Objetivos específicos:

Agora, responda as questões abaixo e verifique se os objetivos que você elaborou consideram alguma(s) das sugestões dadas:

Características

O objetivo geral apresenta relação direta com o problema da pesquisa? () sim () não

O objetivo geral, de fato, dá a ideia macro de onde a pesquisa irá chegar? () sim () não

O conjunto dos objetivos específicos leva à concretização do objetivo geral? () sim () não

Os verbos usados estão escritos no infinitivo? () sim () não

Resposta comentada

Assim como todas as outras partes do pré-projeto de pesquisa, a elaboração dos objetivos também é um processo que demanda tempo e cuidado, mas, uma vez bem elaborados, indicam os caminhos que você deverá seguir para desenvolver o seu trabalho.

Há situações em que os objetivos específicos definem os capítulos a serem escritos, então perceba a responsabilidade de elaborá-los corretamente e leve isso a sério! Você só tem a ganhar!



3.6 CONCLUSÃO

Todas as definições de um pré-projeto de pesquisa são importantes, contudo, a considerada mais importante por ter o poder de direcionar todo o trabalho é a definição da(s) pergunta(s) de pesquisa e o consequente problema a ser resolvido. Na sequência, em grau de importância, temos no segundo lugar a suposta resposta a essa(s) pergunta(s), ou seja, a hipótese do trabalho.

Vale lembrar que não se trata de adivinhação, e sim de uma afirmação. Todo o trabalho de pesquisa será desenvolvido para confirmar ou refutar a hipótese e, portanto, verificar se a suposta resposta à(s) pergunta(s) da pesquisa estavam corretas ou não.

Tendo também o problema da pesquisa como base, os objetivos do trabalho devem ser definidos com o fim de identificar até onde se vai chegar com a realização do estudo; quais são os resultados esperados ao fim dele.

RESUMO

No primeiro tópico do texto, vimos que elaborar a hipótese de um estudo científico significa pensar na(s) possível(is) resposta(s) à(s) pergunta(s) de pesquisa, sendo que estas podem ser comprovadas como verdadeiras ou não, quando se chegar ao fim do trabalho. Trata-se de uma afirmação/suposição elaborada como resposta ao problema que o estudo procura resolver, mas, cuidado, lembre-se de que não estamos lidando com adivinhação! Supor algo é diferente de querer adivinhar algo.

Embora não haja regras claras e rígidas para se elaborar hipótese, dois autores oferecem ajuda nesse processo, vamos relembrar?

Oliveira (1997) afirma que existem três grandes dificuldades que devem ser evitadas:

- a) ausência ou desconhecimento do referencial teórico da pesquisa;
- b) falta de habilidade para utilizar os autores selecionados no referencial;
- c) desconhecimento das técnicas de pesquisa existentes que podem ajudar a expressar adequadamente a hipótese.

Por sua vez, Gil (1994) sugere que algumas características devam ser respeitadas na elaboração da hipótese, para que ela seja aceitável e aplicável. Para esse autor, a hipótese deve:

- a) ser conceitualmente clara;
- b) ser específica;
- c) ter referências empíricas;
- d) ser parcimoniosa;

- e) estar relacionada com as técnicas disponíveis;
- f) estar relacionada a uma teoria.

Ainda sobre hipótese, estudamos que elas podem ser de tipos diferentes. Podem ser casuísticas, quando dizem respeito a algo específico, algo que acontece em um caso específico. Podem ser do tipo que se refere à frequência de acontecimentos, quando antecipam que determinada característica ocorra, com maior ou menor intensidade, em um grupo, sociedade ou cultura. E há as hipóteses que estabelecem relações entre variáveis, consideradas mais complexas por trabalhar com variáveis.

Por fim, tratamos dos objetivos da pesquisa e vimos que são eles que definem aonde se vai chegar com todo o trabalho realizado. Eles indicam o que se pretende conhecer, medir ou provar com o estudo, mas não devem ser confundidos com os resultados esperados.

Os objetivos precisam ser elaborados em dois níveis: geral e específicos. Sendo que o primeiro tem uma abrangência macro, dando a ideia de aonde o trabalho investigativo todo vai chegar. Já os objetivos específicos são a operacionalização do objetivo geral, ou seja, são aspectos pontuais e concretos que, uma vez alcançados, fazem com que o objetivo geral seja alcançado.

Assim como a hipótese, a elaboração dos objetivos também não tem regra a ser seguida, mas demos algumas sugestões, como, por exemplo, orientar por perguntas-padrão do tipo: para quem, para que, o que, onde, etc. e escrevê-los, sempre, com verbos no infinitivo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Muito bem, com o fim desta unidade você conheceu mais detalhadamente outros dois itens do projeto de pesquisa e agora falta pouco para concluirmos. Rumo à fase final!

Na próxima unidade, estudaremos os últimos itens: procedimentos metodológicos e cronograma, e aí você poderá ter seu projeto de pesquisa completo (caso tenha feito todas as atividades propostas). Esperamos você lá!



REFERÊNCIAS

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **Monografia sem complicações**: métodos e normas. Campinas: Papirus, 2007.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997.

PASQUARELLI, Maria L. R. **Normas para a apresentação de trabalhos acadêmicos**. 3. ed. Osasco: EDIFIEO, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

UNIDADE 4

COMO ORGANIZAR A PESQUISA?

4.1 OBJETIVO GERAL

Informar o que precisa ser apresentado como procedimentos metodológicos e explicar como elaborar um cronograma de pesquisa.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) identificar os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento de um trabalho científico;
 - b) elaborar um cronograma para o desenvolvimento de uma pesquisa.
-

4.3 INTRODUÇÃO

Chegamos à última unidade da disciplina e, com isso, aos itens de finalização do seu pré-projeto de pesquisa. Fazendo uma retrospectiva do que estudamos até este ponto da disciplina, constatamos que, nas três unidades estudadas até agora, demos conta da maioria dos itens propostos na Figura 2 da primeira unidade (reveja-a abaixo), restando para esta última etapa os itens: procedimentos metodológicos e cronograma.

Figura 31 – Etapas do projeto de pesquisa



Fonte: Produção da autora (2017).

Na verdade, podemos dizer que esses são elementos informativos e organizadores do trabalho de pesquisa como um todo. Isso porque, ao escrever os procedimentos metodológicos, o pesquisador irá informar as suas escolhas no que diz respeito ao tipo de pesquisa a ser realizada, aos instrumentos, técnicas e métodos que serão utilizados. Com relação ao

cronograma, trata-se de um elemento organizador do tempo do estudo. Sendo assim, ao elaborá-lo, você estará cuidando para que o seu tempo de dedicação ao desenvolvimento do trabalho seja cumprido e não sejam esquecidas etapas importantes. Mas esse é apenas um resumo do que temos para estudar agora.

Está pronto(a) para esta última parte? Então vamos em frente!

4.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: QUE CAMINHOS PERCORRER?

Figura 32 – Para onde vou agora?



Fonte: Pixabay (2016).²¹

Com todos os principais itens da pesquisa definidos: assunto específico, pergunta(s) e problema da pesquisa, justificativa, referencial teórico, hipótese e objetivos, o próximo passo é definir que tipo de pesquisa você irá realizar e, de acordo com essa decisão, quais serão as escolhas para colher e tratar os dados, delimitar o universo da pesquisa, a seleção de amostra, etc. Ou seja, nesse item do pré-projeto você irá informar detalhadamente como realizará a pesquisa.

²¹ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/escolher-o-caminho-certo-1536336>.

Como há disciplinas específicas no curso para lidar com as definições e detalhes dos métodos e técnicas de pesquisa, das abordagens quantitativas e qualitativas, categorias de análise, etc. (disciplinas Metodologia de Pesquisa Científica I e Métodos Quantitativos, Qualitativos e Mistos de Pesquisa), não trataremos disso aqui novamente, pois basta você recorrer ao material dessas disciplinas para lembrar o que foi estudado. No entanto, embora não tratemos aqui de todos os itens de procedimentos metodológicos, eles devem estar presentes no seu projeto de pesquisa, ok?

Sendo assim, tendo tudo isso como base, neste ponto do trabalho é necessário que você informe:

- a) que tipo de pesquisa irá realizar (pesquisa bibliográfica, documental, aplicada; estudo de caso, etc.);
- b) qual será a abordagem utilizada (quantitativa, qualitativa ou quanti-quali);
- c) qual será o universo ou população da pesquisa (este tópico não cabe para uma pesquisa bibliográfica ou documental);
- d) dentro do universo definido, qual será a amostra do estudo;
- e) qual será o instrumento de coleta de dados, caso você faça uso disso na sua pesquisa (questionários, entrevista, etc.) – anexar o instrumento ao trabalho completo;
- f) como será feita a análise dos dados;
- g) qual é o cronograma de realização da pesquisa.

É provável que, no momento inicial das definições do seu pré-projeto de pesquisa, alguns desses itens ainda não estejam muito bem definidos, ou que você ainda tenha dúvida sobre uma ou outra escolha. Não tem problema. Essas dúvidas e indecisões também fazem parte do processo, pois é a partir delas que você irá amadurecer como pesquisador buscando conhecer melhor os diferentes tipos de pesquisas, técnicas, métodos, abordagens, etc. Só assim o seu entendimento sobre tudo isso será melhor.

Bem, mas vamos ao detalhamento de alguns desses itens.

4.4.1 Universo de pesquisa: como defini-lo?

Falamos em universo ou população de pesquisa quando, na investigação, é necessário coletar informações sobre um ou mais aspectos de um grande grupo (numeroso). Como é praticamente impossível conseguir tais informações do grupo todo, faz-se a investigação com apenas uma parte dessa população ou universo. A grande questão nesse caso é escolher uma amostra que seja a mais representativa possível do todo, pois, assim, a partir dos resultados obtidos será possível inferir com legitimidade os resultados do universo (OLIVEIRA, 1997).

Como comentado no item anterior, em pesquisa bibliográfica ou documental não há definição de universo ou população, uma vez que o estudo é teórico, e não direcionado ao tipo de pesquisa em que é necessário coletar informações de campo.

Não há regra para se definir o universo ou população de uma pesquisa, uma vez que tal definição depende do assunto a ser investigado. No entanto, para definir a amostra, ou seja, a porção ou parcela do universo

Universo ou população

De acordo com Gil (1994, p. 91-92), universo ou população

[...] é um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Comumente fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar. Todavia, em termos estatísticos, uma população pode ser definida como o conjunto de alunos matriculados numa escola, os operários filiados a um sindicato, todos os integrantes de um rebanho de determinada localidade, o total de indústrias de uma cidade, toda a produção de televisores de uma fábrica etc.



que, de fato, será submetida à verificação, é preciso ficar atento(a) aos procedimentos indicados pelos diferentes tipos de amostragem. Mas isso vamos estudar no próximo tópico!

4.4.2 Sujeitos de pesquisa: é importante ter uma boa amostra

Figura 33 – Escolher uma boa amostra é fundamental para o sucesso da pesquisa



Fonte: Pixabay (2017).²²

Como vimos no tópico anterior, é praticamente impossível realizar uma pesquisa com todo o universo desejado. Sendo assim, é preciso selecionar uma amostra desse universo que seja representativa. Mas o que significa isso exatamente? Como selecionar essa amostra? É o que vamos estudar agora!

Conforme Gil (1994, p. 92), amostra é um

[...] subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população. Uma amostra pode ser constituída, por exemplo, por cem empregados de uma população de 4.000 que trabalham em uma fábrica. Outro exemplo de amostra pode ser dado por determinado número de escolas que integram a rede estadual de ensino. Outros exemplos: uma quantidade definida de peixes retirados de determinado rio, certo número de parafusos retirados do total da produção diária de uma indústria ou um cálice de vinho de um tonel.

Colocando de outro modo, se você, por exemplo, quiser fazer uma pesquisa que envolva obter informação dos alunos do curso de Biblioteconomia da sua universidade, será muito difícil conseguir entrevistar ou mesmo enviar um questionário a todos eles, concorda? Então, a solução será escolher alguns desses alunos (uma amostra) para fazer a entrevista ou responder o questionário, mas essa escolha não pode ser aleatória. A amostra deve ser bem escolhida para que, de fato, o grupo selecionado represente o grande grupo de alunos do curso.

²² Disponível em: <https://pixabay.com/pt/planta-natureza-escolher-mão-2605181>.

Você já estudou isso com mais detalhes nas disciplinas Metodologia de Pesquisa Científica I e Métodos Quantitativos, Qualitativos e Mistos de Pesquisa, mas é bom lembrar que há dois grandes grupos de amostragem: probabilística e não probabilística. Os tipos da amostragem probabilística são rigorosamente científicos e se baseiam nas leis estatísticas. Já os tipos da amostragem não probabilística dependem unicamente de critérios do pesquisador, não se atendo a fundamentações matemáticas ou estatísticas (GIL, 1994).

Por fim, é preciso determinar o tamanho da amostra, pois, embora já saibamos que não é possível obter informação de todos os elementos de um grupo, tem-se que delimitar quantas serão as pessoas entrevistadas, por exemplo. Sobre isso, Gil (1994, p. 98) afirma que:

Para que uma amostra represente com fidedignidade as características do universo, deve ser composta por um número suficiente de casos. Este número, por sua vez, depende dos seguintes fatores: extensão do universo, nível de confiança estabelecido, erro máximo permitido e percentagem com a qual o fenômeno se verifica.

Desse modo, o ideal é que todos esses fatores sejam considerados no momento de determinar o tamanho da amostra de uma pesquisa. Fique atento(a)!

4.4.3 Instrumentos de coleta de dados

Figura 34 – Qual a melhor forma de coletar os dados?

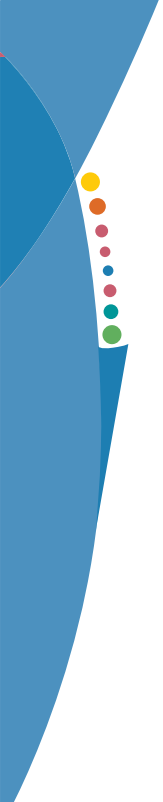


Fonte: Freepik (20--?).²³

Embora você já tenha estudado esse assunto, é bom lembrar que:

A coleta de dados ocorre após a definição clara e precisa do tema, ou problema, que se pretende investigar, da definição dos objetivos, da revisão bibliográfica, da identificação das variáveis e da opção sobre o tipo de estudo (MARTINS; LINTZ, 2007, p. 31).

²³ Disponível em: http://br.freepik.com/fotos-gratis/testes-laboratoriais-com-tubos-de-ensaio_1162882.htm.



Assim como vimos sobre a definição de universo ou população da pesquisa, a etapa de coleta de dados também só acontece se o tipo de estudo envolver análises de dados e informações e, portanto, precisar coletar tais dados e informações de uma determinada amostra. Se este for o caso, é necessário que o pesquisador escolha um (ou mais) dos instrumentos de coleta de dados: questionários, entrevista, observação, etc., considerando que a escolha deve ser feita pelo(s) instrumento(s) que for(em) mais adequado(s) ao tipo de pesquisa.

Após a definição, a primeira coisa a fazer antes de iniciar a construção de um instrumento para coleta de dados, é avaliar

[...] a possibilidade de uso de um instrumento já desenvolvido e aplicado que se adapte às necessidades de seu estudo. O uso de instrumento já testado poderá garantir confiabilidade e validade às medidas a serem obtidas. (MARTINS; LINTZ, 2007, p. 31).

Todavia, se a opção for para construir o seu próprio instrumento de coleta de dados, o procedimento para tal construção deve atender aos seguintes passos, segundo Martins e Lintz (2007):

- a) listar as variáveis que se quer medir ou descrever;
- b) revisar o significado e a definição conceitual de cada variável;
- c) identificar como será medida, ou descrita, cada variável.

A partir desse entendimento, vamos rever agora três dos instrumentos mais utilizados em trabalhos de conclusão de curso, suas vantagens e desvantagens, assim como algumas dicas para elaborá-los.

4.4.3.1 Questionários

O questionário é um dos instrumentos mais utilizados para coleta de dados em pesquisas e, por isso mesmo, é importante conhecer bem as suas características, vantagens e desvantagens. Então, vamos a elas?

Segundo Gil (1994), as vantagens em se utilizar os questionários para coleta de dados são as seguintes:

- a) é possível atingir grande número de pessoas, mesmo que geograficamente estejam longe, uma vez que é possível fazê-lo com um dos recursos *web* (por exemplo: formulário do *Google Docs*) e distribuí-lo por e-mail ou enviando o *link*;
- b) garante o anonimato das respostas;
- c) permite que as pessoas respondam no momento que for melhor para elas;
- d) não expõe as pessoas pesquisadas à influência (de opinião e aspecto pessoal) do pesquisador.

No entanto, ainda segundo Gil (1994), também há desvantagens no uso do questionário, conforme apontado a seguir:

- a) as pessoas que não sabem ler e escrever são excluídas de participar da pesquisa;
- b) dúvidas sobre o entendimento e compreensão de algumas questões ficam prejudicadas pelo fato de o pesquisador não estar próximo;

- c) não há garantia de que todos os questionários enviados sejam recebidos de volta com as respostas;
- d) deve conter número relativamente pequeno de perguntas, uma vez que questionários muito extensos tendem a não ser respondidos;
- e) como os itens podem ter significado diferente para cada pessoa pesquisada, os resultados podem ser críticos em relação à objetividade.

No que diz respeito à construção do questionário, ele deve traduzir os objetivos específicos da pesquisa. Desse modo, a elaboração dos objetivos deve ter sido primorosa para não colocar tudo em risco (GIL, 1994).

Para Martins e Lintz (2007), as perguntas do questionário devem ter as seguintes características:

- a) ser claras e compreensíveis para quem irá responder;
- b) não causar desconforto aos respondentes;
- c) abordar apenas um aspecto por vez;
- d) jamais induzir determinadas respostas;
- e) ser escritas em linguagem adequada ao público que as responderá.

Com relação aos tipos de perguntas, há três categorias: abertas, fechadas e duplas, sendo que há diferentes tipos de perguntas abertas e fechadas (MARTINS; LINTZ, 2007). Então, que tal dar uma olhada com atenção para lembrar tudo isso para que possa escolher a mais adequada ao seu trabalho? Seguindo em frente temos:

a) Questões fechadas:

- **dicotômicas** são aquelas que apresentam uma pergunta com duas respostas possíveis, por exemplo, sim ou não;
- **múltipla escolha** é a que apresenta uma pergunta com várias alternativas de respostas. Importante ressaltar que há questões em que o respondente pode escolher mais do que uma opção de resposta;
- **outros tipos:**
 - oferecer um conjunto de opções para que o respondente as ordene. Exemplo: 1º lugar; 2º lugar, etc.;
 - oferecer um conjunto de opções para que o respondente dê nota a cada uma delas. Exemplo: nota de 0 (zero) a 10 (dez);
 - usar **escalas para medir atitudes**.

b) questões abertas:

- **totalmente desestruturadas** são aquelas em que as perguntas conduzem a pessoa a responder livremente com frases e orações. Exemplo: Qual é a sua opinião sobre literatura?;
- **associação de palavras** é a que pede ao respondente para dizer a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando ouve ou lê algo. Exemplo: Qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça quando ouve a palavra biblioteca?;



- **complemento de frase** é quando se apresenta uma frase incompleta ao respondente para que ele a preencha. Exemplo: quando desejo comprar livros, vou....
- c) questões duplas são aquelas em que em uma única pergunta reúnem-se uma pergunta fechada e uma aberta, sendo que, em geral, a pergunta aberta é do tipo “Por quê?”.



Explicativo

Escalas para medir atitudes

Figura 35 – Exemplo de escala tipo *Likert*

Exemplo de escala tipo *Likert*

“Votar é obrigação de todo cidadão responsável”

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo
- ☐ Concordo totalmente

Fonte: Produção da autora (2017).

A atitude é inerente ao ser humano. Ou seja, em toda e qualquer situação temos uma maneira de nos comportar, reagir ou agir. Portanto, uma pesquisa que necessita compreender como as pessoas se comportam diante de um determinado objeto, símbolo ou situação recorre ao uso das escalas para medir atitudes para obter seus resultados (MARTINS; LINTZ, 2007).

De acordo com Martins e Lintz (2007, p. 34):

As atitudes são indicadores de condutas. A atitude é uma semente, que, sob certas condições, pode germinar um comportamento.

As atitudes têm diversas propriedades; entre elas, destacam-se: direção (positiva ou negativa) e intensidade (alta e baixa), e tais propriedades constituem objeto de medições.

Ainda segundo esses autores, para fazer tais medições existem alguns tipos de escalas, são elas: *Likert* (Figura 35), diferencial semântico; escala de importância e escala de avaliação, sendo as duas últimas variações da escala *Likert*.

Como vimos neste tópico, elaborar um questionário não é tão simples como muitas vezes pensamos ser. Existem regras que devem ser seguidas e cuidados que se deve ter para que, no fim, de fato, sejam obtidos resultados significativos para a pesquisa.

Bem, mas questionários são apenas um dos instrumentos de coleta de dados. Vamos agora relembrar sobre as entrevistas? Siga em frente!

4.4.3.2 Entrevistas

Figura 36 – Compreendendo melhor a percepção do entrevistado



Fonte: Pixabay (2016).²⁴

Assim como o questionário, a entrevista também é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas. Mas há diferenças entre um e outro e, portanto, tem-se que conhecer as características de cada um para escolher qual se adequa mais à sua pesquisa, certo? Então, vamos aos detalhes.

Para Martins e Lintz (2007), a entrevista é uma técnica que tem como objetivo entender e compreender o significado que o entrevistado dá a determinadas questões e situações. Complementando esse entendimento, Selltiz *et al.* (1967 *apud* GIL, 1994, p. 113) afirmam:

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

Com relação às vantagens e desvantagens da entrevista, Gil (1994) nos dá algumas informações. Para tratar das vantagens, ele traça um comparativo entre a entrevista e o questionário e aí temos que:

- a) a entrevista é muito eficiente para se obter dados em profundidade sobre o comportamento humano;
- b) não é preciso que o entrevistado saiba ler ou escrever;

²⁴ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/olho-de-rastreamento-1791845>.

- c) possibilita conseguir maior número de respostas, já que as entrevistas são agendadas e, portanto, o pesquisador sairá delas com as respostas;
- d) é diferente do questionário, que é enviado mas não há garantia de que a pessoa o devolverá respondido;
- e) tem maior flexibilidade, uma vez que o entrevistador pode esclarecer dúvidas sobre o entendimento das perguntas e adaptar-se ao público e às circunstâncias do contexto;
- f) permite captar a expressão corporal do entrevistado, assim como o tom de voz e a ênfase nas respostas.

Com relação às desvantagens, temos:

- a) falta de motivação do entrevistado;
- b) a compreensão inadequada sobre as perguntas feitas;
- c) obtenção de respostas falsas, por razões conscientes ou inconscientes;
- d) incapacidade ou inabilidade do entrevistado para responder as perguntas;
- e) a influência que o entrevistador pode exercer sobre o entrevistado;
- f) a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas obtidas.

É possível, no entanto, ao menos tentar minimizar esses itens classificados como desvantagens seguindo algumas dicas dos autores Martins e Lintz (2007) e Oliveira (1997):

- a) planeje a entrevista, tendo claro o objetivo a ser alcançado;
- b) formule perguntas claras;
- c) se possível, obtenha informações sobre o entrevistado antes de encontrá-lo;
- d) fique atento aos itens que o entrevistado quer esclarecer, sem manifestar suas opiniões;
- e) não influencie a pessoa;
- f) ganhe e mantenha a confiança do entrevistado, deixando-o à vontade;
- g) ouça mais do que fale;
- h) não divague;
- i) registre os dados e informações durante o evento;
- j) grave a entrevista, desde que com o consentimento do entrevistado;
- k) se for preciso, formule perguntas secundárias, como: O que o faz pensar assim? Fale mais sobre isso. O que você parece estar dizendo/sentindo é que...

Tenho certeza de que, se você prestar atenção a todas essas dicas, fará uma excelente entrevista e conseguirá obter dados bem significativos na sua pesquisa. Por fim, a última informação que você precisa lembrar sobre as entrevistas é que elas são divididas em dois tipos:

- a) estruturadas: aquelas que são orientadas por um roteiro de entrevista previamente definido. Não é permitido adaptar as perguntas, inverter a ordem delas ou acrescentar outras. Tem-se que seguir o roteiro;
- b) não estruturadas ou semiestruturadas: nestas, o entrevistador tem maior liberdade e não precisa seguir o roteiro. Isto permite que uma questão possa ser mais amplamente explorada por meio de conversação livre.

Seguimos agora para a revisão do nosso último instrumento de coleta de dados: a observação – mas lembre-se de que há outros além desses três aqui abordados. Vamos a ela!

4.4.3.3 Observação

Figura 37 – Há várias formas de observação em uma pesquisa



Fonte: Pixabay (2015).²⁵

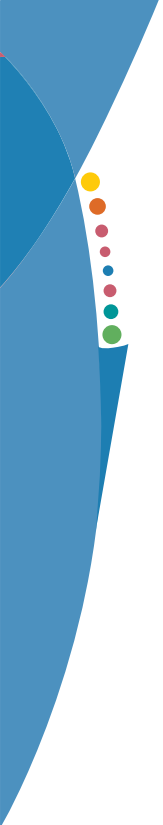
A observação está presente e é imprescindível em vários momentos da pesquisa, desde o início, com a escolha/formulação do problema, até a coleta, análise e interpretação dos dados. No entanto, é na fase da coleta de dados que o seu papel é mais evidente, sendo utilizada exclusivamente ou em conjunto com outras técnicas (GIL, 1994).

Como afirmam Martins e Lintz (2007, p. 31-32):

As técnicas observacionais são procedimentos de natureza sensorial. A observação, ao mesmo tempo em que permite a coleta de dados de situações, envolve a percepção sensorial do observador, distinguindo-se, enquanto prática científica, da observação da rotina diária. Pode-se afirmar que o planejamento e execução dos trabalhos de campo de uma pesquisa não podem desconsiderar a observação como uma das técnicas de coleta de dados e informações. Aliás, a maioria dos estudos tem início com atentas observações sobre situações que se pretende investigar.

Assim como os questionários e as entrevistas, a observação como instrumento de coleta de dados também apresenta vantagens e desvantagens que você deve conhecer.

²⁵ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/pedúnculo-áfrica-binóculo-bush-86382>.



A principal vantagem que a observação tem sobre outras técnicas é que os fatos são percebidos diretamente pelo pesquisador e, portanto, a subjetividade que normalmente permeia o processo de investigação tende a ser reduzido. Já a principal desvantagem está no fato de que a presença do pesquisador pode influenciar o comportamento do(s) observado(s), diminuindo a espontaneidade (GIL, 1994).

No que diz respeito ao modo de fazer uso da observação, Martins e Lintz (2007) dão algumas dicas:

- a) antes da observação o pesquisador deve ter realizado pesquisa bibliográfica em busca do estado da arte sobre o assunto estudado, pois é preciso que haja fundamento e embasamento para aplicar a técnica ao propósito do estudo;
- b) é necessário fazer planejamento cuidadoso do trabalho;
- c) o plano de trabalho deve delimitar bem o que será estudado, indicar o que deve ser observado, a maneira de observar, a duração, periodicidade e o modo como os registros e controles devem ser feitos para garantir a validade e confiabilidade;
- d) o observador deve ser preparado e ter competência para observar e obter dados com imparcialidade. Deve ter paciência e ética. E não deve contaminar os dados e informações com suas opiniões e interpretações.

Com relação às formas de se fazer observação, elas são variadas em função do envolvimento do pesquisador com o fenômeno e o ambiente pesquisado, resultando, assim, em três tipos:

- a) observação simples: neste tipo, o pesquisador é um espectador, pois fica alheio à comunidade, ao grupo ou à situação a ser estudados e observa os fatos de maneira espontânea.
- b) observação participante: já neste caso, o pesquisador tem participação real na vida da comunidade, do grupo ou situação. Ele assume, até certo ponto, papel de membro do grupo para viver as situações que quer pesquisar.
- c) observação sistemática: este tipo de observação é utilizada em pesquisas que têm como foco a descrição precisa de determinado fenômeno e, por essa razão, é realizada com plano de observação previamente elaborado (GIL, 1994).

Por fim, como afirmam Martins e Lintz (2007, p. 32), “observar não é apenas ver”. Sendo assim, ao escolher fazer uso da observação como instrumento de coleta de dados, é preciso estar atento aos cuidados necessários e qual é o tipo que mais se adequa aos objetivos que o seu trabalho pretende alcançar. Então, fique atento(a)!

Agora, que tal fazer uma atividade para colocar tudo isso que estudamos em prática? Vá em frente, pois ao final dela você terá uma boa parte do seu trabalho pensado e definido.



4.4.4 Atividade

Atende ao objetivo a

Definindo os caminhos da pesquisa

Recupere tudo o que você já definiu no seu projeto de pesquisa (resultado de todas as atividades propostas nas unidades anteriores) e, com base nas definições já estabelecidas, preencha o quadro a seguir com os procedimentos metodológicos de que irá fazer uso para desenvolver o seu TCC.

Neste quadro estão os itens mencionados no texto, no entanto, caso queira e sinta necessidade, você pode inserir novos itens e aumentar o seu quadro. É provável que você tenha de voltar aos materiais da disciplina Metodologia de Pesquisa Científica I para lembrar alguns dos itens já estudados lá, então, faça isso antes de começar a preencher o quadro. Assim, você será mais assertivo e partirá de escolhas fundamentadas.

Tipo de pesquisa:	
Abordagem:	
Universo da pesquisa:	
Amostra:	
Instrumento de coleta de dados:	
Análise dos dados:	

Resposta comentada

Mais uma vez, não há uma resposta padrão porque tudo dependerá das suas escolhas: desde o tema até a metodologia mais adequada para pesquisá-lo. O preenchimento desse quadro será extremamente útil para você estruturar com clareza seu projeto de pesquisa. Por isso, se for o caso, faça uma releitura atenta de tudo o que conversamos até aqui.

Há outros elementos do quadro que você estudará na disciplina Métodos Quantitativos, Qualitativos e Mistos de Pesquisa, então não tem problema se deixá-los em branco agora, mas é importante que depois volte e complete o que faltou. Com esse quadro preenchido, você terá o tópico “procedimentos metodológicos” do seu projeto de pesquisa pronto. Então, vale a pena fazê-lo, concorda?

Entre todos os itens apontados como necessários de serem informados como procedimentos metodológicos a serem seguidos, você já estudou alguns, irá estudar outros em outra disciplina, mas o cronograma ainda faz parte do nosso trabalho. Então, vamos a ele para saber o que é e como criar um?



4.5 CRONOGRAMA: COMO ADMINISTRAR O TEMPO

Figura 38 – Você vai precisar se organizar muito bem



Fonte: Pixabay (2017).²⁶

Uma vez planejados todos os itens textuais do pré-projeto de pesquisa, no momento inicial do estudo é preciso também apresentar um cronograma da realização do trabalho, ou seja, uma organização do tempo que será dedicado à elaboração e ao desenvolvimento do TCC.

Embora alguns pesquisadores iniciantes julguem isso desnecessário por se acharem muito organizados e não precisarem desse tipo de controle, não se engane e faça o seu cronograma, pois ele irá lhe ajudar a não se perder no tempo que tem para fazer a sua pesquisa.

A administração do tempo não é uma coisa simples de se fazer. Embora tenhamos de lidar com ela todos os dias – desde a hora que acordamos até a hora em que vamos dormir temos que gerenciar o tempo de cada tarefa –, é muito comum as pessoas se perderem nos prazos que têm a cumprir por deixarem para realizar as tarefas, leituras, estudos, etc. nas últimas semanas ou últimos dias. E aí a consequência natural é ter problemas.

Para evitar que isso aconteça é que a elaboração do cronograma serve. A finalidade dele é prever quando se realizará cada fase da pesquisa. Para tanto, você deverá identificar as etapas do projeto, estimar o tempo necessário para cada uma e planejar as suas datas de início e fim. Para facilitar a leitura dessas informações, o cronograma deve ser representado graficamente, identificando as principais atividades, indicando quanto tempo e em que sequência elas serão executadas, conforme mostra o exemplo a seguir, no Quadro 4:

²⁶ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/diário-caneta-teacup-escrita-2116244>.

Quadro 4 – Exemplo simplificado de cronograma para TCC

Etapas	Meses											
	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.		
Estudo da fundamentação teórica												
Revisão do estado da arte & prática												
Entrega do relatório de Projeto I			20/05									
Desenvolvimento da solução												
...												
Redação do rascunho do TCC												
Entrega do rascunho do TCC								30/10				
Preparação da defesa pública												
Defesa pública									15/11			
Ajustes no relatório final do TCC												

Fonte: Produção da autora (2017).

Embora o exemplo apresentado no quadro anterior mostre o modo mais tradicional de se representar um cronograma, há inúmeros outros modelos. Então, caso você queira fugir da mesmice, faça uma busca na internet e veja outras possibilidades.

O cronograma deve ser planejado para o trabalho completo, do início até o fim, indicando marcos (por exemplo, a entrega do rascunho). Para ajudar nesse processo, faça as seguintes perguntas: **Quando o trabalho será feito? Em quanto tempo e quantos passos o trabalho será realizado? Quanto tempo será necessário para cada ação, atividade ou tarefa?**

Segundo Inácio Filho (2007), os elementos que devem constar de um cronograma são:

- duração total da pesquisa: de __/__/__ a __/__/__;
- delimitação e explicitação do problema;
- proposição da hipótese;
- estabelecimento do referencial teórico;
- leitura e fichamento bibliográfico;
- determinação da metodologia a ser desenvolvida;
- elaboração dos instrumentos da pesquisa (se for o caso);
- teste dos instrumentos (se for o caso);
- seleção da amostra (se for o caso);
- coleta de dados;
- análise e interpretação dos dados;
- elaboração da redação provisória;
- discussão e reformulação da redação;
- redação definitiva;
- datas de entrega dos relatórios parciais:
 - fichamento bibliográfico;
 - projeto de pesquisa;

- análise dos dados;
- monografia completa.

Embora os itens acima tenham sido indicados pelo autor Inácio Filho (2007), não existe obrigatoriedade alguma que você se limite a eles. Tenha-os como mínimo, ou seja, se você e o seu orientador de TCC identificarem outras etapas necessárias ao desenvolvimento do trabalho, inclua-as no seu cronograma. Não há nenhum problema em fazer isso.

Por fim, é importante que você saiba que o cronograma permite não só cumprir os prazos, mas também perceber a conveniência de alterar ou não o ritmo de desenvolvimento das atividades da pesquisa. Isso quer dizer que ele não é imutável. Uma vez percebida a necessidade de algum ajuste, faça a adequação.



4.5.1 Atividade

Atende ao objetivo b

Construindo o cronograma da pesquisa

Utilizando um *software* de edição de texto ou mesmo um de planilha eletrônica, comece a elaboração do cronograma da sua pesquisa de TCC. Conforme o exemplo apresentado aqui no texto, crie uma coluna para as etapas do processo e, ao lado, colunas com os meses.

Inicie definindo o tempo total que você tem para realizar todo o trabalho e coloque essa informação no arquivo que está criando (em novas colunas), assim, já conseguirá visualizar a quantidade de meses que terá para trabalhar.

Em seguida, identifique cada etapa do projeto e escreva-as na coluna “Etapas”. Depois, junto com o seu orientador, estime o tempo necessário para trabalhar em cada uma das etapas e registre isso preenchendo os quadros correspondentes às datas de início e fim de cada uma delas.

Resposta comentada

Assim como as demais atividades propostas nesta disciplina, nesta também não há como informarmos se o que você fez está correto ou não, uma vez que tudo depende das etapas do seu trabalho e do tempo que você tem para realizá-lo. Contudo, se você seguir as orientações que lhe demos aqui no texto, estamos certos de que será capaz de fazer um bom cronograma.

Uma dica é você apresentar e discutir o cronograma construído com o seu professor-orientador, pois ele sim poderá lhe sugerir correções ou adequações a serem feitas.

4.6 CONCLUSÃO

A elaboração do projeto de pesquisa é o passo inicial para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico de conclusão de curso. É por meio dos itens do projeto que a pesquisa vai sendo definida e ganhando forma.

Uma vez definidos os itens que delimitam o estudo – assunto específico, pergunta e problema da pesquisa, justificativa, objetivos a serem alcançados, hipótese e referencial teórico –, chega a hora de tomar as decisões sobre os caminhos a serem percorridos, ou seja, definir que tipo de pesquisa será realizada e quais escolhas (técnicas, métodos, abordagens, etc.) serão feitas para que tudo o que foi previsto aconteça e se chegue aos resultados esperados. São os procedimentos metodológicos que deixam claro como a pesquisa será desenvolvida.

Com isso feito, o último elemento a ser elaborado é o cronograma. Com ele, o cumprimento dos prazos é mais garantido e não se corre o risco de esquecer determinadas etapas do processo e nem ter de fazer tudo correndo, na última hora. Trata-se de um recurso muito útil para a organização do tempo que se tem para a realização do TCC.

RESUMO

Nesta unidade, vimos que no projeto de pesquisa é preciso ter uma parte em que todos os procedimentos metodológicos sejam informados. Para isso, você terá que ter definido:

- a) que tipo de pesquisa irá realizar;
- b) qual será a abordagem utilizada;
- c) qual será o universo ou população da pesquisa;
- d) dentro do universo definido, qual será a amostra do estudo;
- e) qual será o instrumento de coleta de dados;
- f) como será feita a análise dos dados;
- g) qual é o cronograma de realização da pesquisa.

Embora, às vezes, negligenciado, o cronograma é um importante instrumento de controle dos prazos a serem cumpridos no desenvolvimento da pesquisa. Vimos que, uma vez definidas as etapas do processo, é importante que se defina também em quanto tempo cada uma delas será realizada e que tudo isto fique registrado graficamente – o que ajuda na visualização dos prazos.

Assim, concluímos esta disciplina. Esperamos que você tenha aproveitado as informações apresentadas nas quatro unidades e que, sempre que necessário, se lembre delas e volte ao material para tirar as suas dúvidas. Desejamos muito boa sorte e sucesso no desenvolvimento do seu TCC!



REFERÊNCIAS

ANJOS, L. dos. **Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na biblioteconomia**: uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DAL'EVEDOVE, P. R. **O tratamento temático da informação em abordagem sociocultural**: diretrizes para definição de política de indexação em bibliotecas universitárias. 2014. 266 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **Monografia sem complicações**: métodos e normas. Campinas: Papirus, 2007.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997.

MARTINS, Gilberto de Andrade; LINTZ, Alexandre. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MORAES, M. B. de. **As transformações dos processos de mediação da informação nos currículos de formação do bibliotecário brasileiro no contexto da sociedade da informação**. 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.



UFRJ
100
ANOS
1920 | 2020
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia



CAPES

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-32-0



9 788585 229320

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-33-7



9 788585 229337